



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA – POSLA
MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

JÉSSICA COELHO FRANKLIN DOS SANTOS

***NÃO QUERO NÃO!* AS NEGATIVAS SENTENCIAIS NO FALAR POPULAR DE
FORTALEZA/CE NA PERSPECTIVA VARIACIONISTA**



FORTALEZA- CEARÁ
2016

JÉSSICA COELHO FRANKLIN DOS SANTOS

NÃO QUERO NÃO! AS NEGATIVAS SENTENCIAIS NO FALAR POPULAR DE
FORTALEZA/CE NA PERSPECTIVA VARIACIONISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre. Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof.^aDr^a Aluiza Alves de Araújo

FORTALEZA- CEARÁ

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Santos, Jéssica Coêlho Franklin dos.

Não quero não! As negativas sentenciais no falar popular de Fortaleza/CE na perspectiva variacionista [recurso eletrônico] / Jéssica Coêlho Franklin dos Santos. - 2016.

1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 121 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2016.

Área de concentração: Linguagem e Interação.
Orientação: Prof.^a Dra. Aluiza Alves de Araújo.

1. Negativas sentenciais. 2. Sociolinguística Variacionista. 3. Falar de Fortaleza. I. Título.

JÉSSICA COELHO FRANKLIN DOS SANTOS

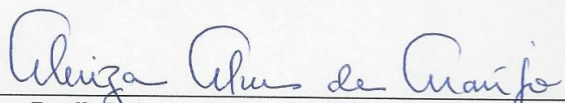
NÃO QUERO NÃO! AS NEGATIVAS SENTENCIAIS NO FALAR POPULAR DE
FORTALEZA/CE NA PERSPECTIVA VARIACIONISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

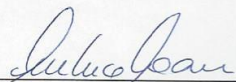
Área de Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 19/12/2016.

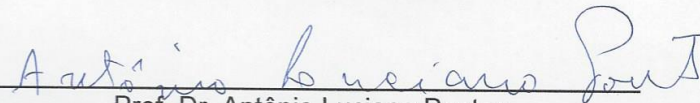
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. Aluiza Alves de Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof.^a. Dr.^a. Márluce Coan
Universidade Federal do Ceará – UFC



Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Aos meus pais.
Ao meu querido esposo.

AGRADECIMENTOS

Confesso que, mesmo antes do início da escrita desta pesquisa, penso nas palavras que deveria colocar nesta seção. Refletia dia após dia sobre o que escreveria para as pessoas que me ajudaram ao longo dessa caminhada e, nesse momento, digo que as palavras bonitas que um dia tanto pensei em escrever, fogem-me da mente e o que me toma o coração, é o sentimento de gratidão aos que por meio de orientações, orações e risos frouxos fizeram parte deste percurso e o tornaram mais leve. Perdoem-me os períodos curtos, mas tenham certeza de que o que sinto agora seria indescritível em palavras.

A Deus- Ele sabe o porquê.

Aos meus pais, que nunca me impediram de realizar meus sonhos e me ajudaram na construção de cada um deles, com sacrifícios que só nós sabemos.

Ao meu amado esposo, pela paciência, entendimento e abraços nos momentos em que as lágrimas de angústia tomaram conta do meu rosto.

Aos meus tios, Júnior e Lúcia, pelo apoio dado nesses anos que fiquei em Fortaleza. À minha querida orientadora, Aluiza Alves, por tudo. Obrigada por todas as orientações, pela segurança em desenvolver esse trabalho, pelos textos, pelos conselhos, por me ensinar o manuseio do (complexo) Goldvarb X, pela paciência que teve durante todo esse período e por partilhar seu conhecimento com tanta sabedoria e humildade.

À Lidiane, um grande presente que a vida me deu, pelas conversas, os desabafos, as teorias explicadas, as risadas e a parceria formada.

Ao Nicollas, grande amigo, pelas inúmeras conversas sobre o Mestrado, trabalhos realizados e sonhos partilhados.

Às colegas de orientação, Germana e Tatiane, por todas as vezes em que foram solícitas atendendo minhas dúvidas.

Aos excelentes professores do PosLA, que ministraram disciplinas que contribuíram não apenas para este trabalho, mas também para minha formação profissional.

Aos companheiros de turma, pelas conversas, risos nos intervalos e divisão de angústias.

Aos professores Expedito Eloísio Ximenes e Márluce Coan, pelas preciosas contribuições dadas na qualificação deste trabalho.

Aos professores da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos- FAFIDAM, em especial, aos professores Ana Maria, Sérgio Freire e Ana Gláucia, que fizeram todo o possível (e impossível) para que eu pudesse iniciar o Mestrado.

À professora Maria Angélica Furtado da Cunha, por ter me fornecido textos valiosos para esta pesquisa.

Ao Marden, pela gentileza em trazer a tese de Mônica Guieiro Ramalho de Alkmim de Minas Gerais.

Aos irmãos da Pastoral da Crisma, que entenderam e respeitaram meu afastamento do grupo, enquanto me dediquei ao Mestrado.

À minha querida amiga Irmã Cássia, pelas conversas ao telefone, partilha de vida e orações.

Aos funcionários da Secretaria do POSLA, pela presteza nos atendimentos.

Ao Francimar Oliveira, que realizou o ABSTRACT dessa pesquisa.

Aos professores Márluce Coan e Luciano Pontes, que contribuíram imensamente com valiosas e minuciosas observações na defesa deste trabalho.

A Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida durante esses dois anos de pesquisa.

As punições para quem ignorar os dados da comunidade de fala são um crescente sentimento de frustração, a proliferação de questões polêmicas e a convicção de que a linguística é um jogo em que cada teórico escolhe a solução que combina com seu gosto ou intuição. Não acredito que necessitemos, neste ponto, de uma nova “teoria da linguagem”; em vez disso, precisamos de um novo modo de fazer linguística que produza soluções decisivas. (WILLIAM LABOV, 2008 [1972], p. 298)

RESUMO

Sob a perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1994; 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), esta pesquisa aborda, no falar popular de Fortaleza, as negativas sentenciais em três contextos distintos: negativas pré-verbais, negativas duplas e negativas pós-verbais. O objetivo geral desse trabalho é descrever o uso dessas sentenças, bem como analisar o efeito das variáveis linguísticas (tipo de oração, tipo de verbo, outros termos negativos, tipo de sujeito, tipo de frase, estrutura do verbo, tempo verbal) e extralinguísticas (sexo, faixa etária e escolaridade) que atuam na ocorrência do fenômeno. Para isso, selecionamos 53 informantes do banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza) e analisamos apenas os inquéritos do tipo D2 (Diálogo entre Dois informantes). Os informantes escolhidos foram estratificados em função do sexo, da faixa etária e da escolaridade. Após a audição dos inquéritos selecionados, obtivemos um total de 2350 ocorrências. Esses dados foram submetidos ao programa de análise estatística GoldVarb X (2005) e revelou os seguintes resultados iniciais: 1625 ocorrências de negativas pré-verbais (69,8%), 512 de negativas duplas (21,8%) e 213 de negativas pós-verbais (9,1%). Quanto aos fatores linguísticos, o de maior relevância, para cada análise, foi o seguinte: a) em negativa dupla x negativa pré-verbal, o tipo de oração (absoluta) para a negativa dupla; b) em negativa pós-verbal x negativa pré-verbal, o tipo de sujeito (inexistente) e em negativa pós-verbal x negativa dupla, também o tipo de sujeito (inexistente). Quanto às variáveis sociais, a variável faixa etária não atuou como fator relevante em nossas rodadas. A partir dos dados obtidos, percebemos que a comunidade de fala de Fortaleza/CE ainda se mostra muito conservadora em relação às sentenças negativas, visto que a variante mais utilizada foi a canônica pré-verbal e que a principal competição acontece entre as negativas duplas e as negativas pós-verbais, sendo que as primeiras prevalecem sobre as segundas. Diante desse contexto, o fenômeno das negativas sentenciais apresentou um quadro de variação estável e suas variantes não são estigmatizadas pelos falantes da comunidade em estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Negativas sentenciais. Sociolinguística Variacionista. Falar de Fortaleza.

ABSTRACT

From the theoretical-methodological perspective of the Variationist Sociolinguistic (LABOV, 1994; 2008 [1972]; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), this research approaches, in the popular speech of Fortaleza, the sentential negatives in three distinct contexts: pre-verbal negatives, double negative and post-verbal negatives. The general objective of this work is to describe the use of these sentences as well as to analyze the effect of linguistic variables (sentence type, verb type, others negative terms, subject type, sentence type, verb structure, verbal tense) and extralinguistic (sex, age group and schooling) that act in the performance of the phenomenon. For that, we chose 53 informants from the NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza) and we analyzed just the surveys from D2 (Dialogue between two informants). The chosen informants were put into a group according to their sex, age group and schooling. After hearing the selected surveys, we obtained a total of 2350 occurrences. These data were submitted to the statistical analysis program, GoldVarb X (2005), and revealed the following initial results: 1625 occurrences of pre-verbal negatives (69.8%), 512 of double negatives (21.8%) and 213 of post-verbal negatives (9.1%). The most relevant factor, for each analysis, was the following: a) in double negative x pre-verbal negative, the sentence type (absolute) to double negative; b) in post-verbal negative x pre-verbal negative, the type of subject (non-existent) and in post-verbal negative x double negative, also the type of subject (non-existent). Regarding social variables, the variable age group did not act as a relevant factor. Using the data that we obtained, we realized that the community speech in Fortaleza /CE is still very conservative in relation to the negative sentences, once the most used variant was the pre-verbal canonical and that the main competition happens between the double negatives and the post-verbal negatives, with the former taking precedence over the latter. Given this context, the phenomenon of sentential negatives presented a stable variation and its variants are not stigmatized by the speakers from the community in study.

KEY WORDS: Sentential negatives; Variationist Sociolinguistic; Speech of Fortaleza.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-	Distribuição das sentenças negativas no <i>corpus</i> NORPOFOR.....	70
Tabela 2-	Atuação do tipo de oração sobre as negativas duplas.....	74
Tabela 3-	Atuação do sexo sobre as negativas duplas.....	75
Tabela 4-	Atuação do tipo de verbo sobre as negativas duplas.....	75
Tabela 5-	Atuação de outros termos negativos (nada, ninguém, nenhum, nem, nunca, nem nada) sobre as negativas duplas.....	76
Tabela 6-	Atuação do tipo de frase sobre as negativas duplas.....	77
Tabela 7-	Atuação do tipo de oração sobre as negativas duplas somente entre informantes do sexo feminino.....	80
Tabela 8-	Atuação de outros termos negativos (nada, ninguém, nenhum, nem, nunca, nem nada) sobre as negativas duplas somente entre informantes do sexo feminino.....	80
Tabela 9-	Atuação do tipo de verbo sobre as negativas duplas somente entre informantes do sexo feminino.....	81
Tabela 10-	Atuação do tipo de sujeito sobre as negativas pós-verbais.....	83
Tabela 11-	Atuação do tipo de frase sobre as negativas pós-verbais.....	84
Tabela 12-	Atuação da estrutura do verbo sobre as negativas pós-verbais.....	85
Tabela 13-	Atuação do tipo de verbo sobre as negativas pós-verbais.....	86
Tabela 14-	Atuação do tipo de sujeito sobre as negativas pós-verbais.....	88
Tabela 15-	Atuação do tipo de oração sobre as negativas pós-verbais.....	89
Tabela 16-	Atuação de outros termos negativos sobre as negativas pós-verbais.....	90
Tabela 17-	Atuação do tipo de frase sobre as negativas pós-verbais.....	90
Tabela 18-	Atuação do sexo sobre as negativas pós-verbais.....	91
Tabela 19-	Atuação da escolaridade sobre as negativas pós-verbais.....	92
Tabela 20-	Atuação da estrutura de verbo sobre as negativas pós-verbais.....	92
Tabela 21-	Atuação do tipo de sujeito sobre as negativas pós-verbais somente para homens.....	94
Tabela 22-	Atuação do grau de escolaridade sobre as negativas pós-verbais somente entre homens.....	94

Tabela 23- Atuação do tipo de sujeito sobre as negativas pós-verbais somente entre mais escolarizados.....	96
Tabela 24- Atuação do sexo sobre as negativas pós-verbais somente entre mais escolarizados.....	97
Tabela 25- Atuação de outros termos negativos sobre as negativas pós-verbais somente entre mais escolarizados.....	97
Tabela 26- Atuação do tipo de oração sobre as negativas pós-verbais entre mais escolarizados.....	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Distribuição dos informantes por sexo, faixa etária, tipo de registro e escolaridade do NORPOFOR.....	53
Quadro 2- Distribuição dos informantes de acordo com as variáveis sociais controladas na amostra.....	54

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1-	Comparação das frequências das construções negativas em três estudos.....	73
Gráfico 2-	Percentuais obtidos na análise das variantes negativas duplas e das negativas pré-verbais.....	75
Gráfico 3-	Percentuais obtidos na análise da negativa dupla <i>versus</i> negativa pré-verbal somente entre informantes do sexo feminino.....	81
Gráfico 4-	Percentuais obtidos na análise da negativa pós-verbal <i>versus</i> negativa pré-verbal.....	82
Gráfico 5-	Percentuais obtidos na análise da negativa pós-verbal e da negativa dupla.....	87
Gráfico 6-	Percentuais obtidos para a negativa pós-verbal e a negativa dupla somente entre informantes do sexo masculino....	93
Gráfico 7-	Percentuais obtidos na análise da negativa pós-verbal <i>versus</i> negativa dupla somente entre informantes mais escolarizados.....	95
Gráfico 8-	Atuação do cruzamento escolaridade x sexo sobre as negativas pós-verbais.....	100

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
2	O USO DAS NEGATIVAS SENTENCIAIS: HIPÓTESES E ESTUDOS VARIACIONISTAS.....	22
2.1	HIPÓTESES SOBRE A ORIGEM DAS NEGATIVAS SENTENCIAIS.....	22
2.2	AS NEGATIVAS SENTENCIAIS NO PB: ESTUDOS VARIACIONISTAS.....	28
3	A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	40
4	METODOLOGIA.....	54
4.1	TIPO DE PESQUISA.....	54
4.2	O CORPUS E A AMOSTRA.....	55
4.3	O MUNICÍPIO DE FORTALEZA/CE.....	59
4.4	VARIÁVEIS.....	62
4.4.1	Variável dependente.....	62
4.4.2	Variáveis independentes.....	62
4.4.2.1	Variáveis linguísticas ou internas.....	62
4.4.2.1.1	<i>Tipo de oração.....</i>	<i>62</i>
4.4.2.1.2	<i>Estrutura do verbo.....</i>	<i>63</i>
4.4.2.1.3	<i>Tipo de verbo.....</i>	<i>64</i>
4.4.2.1.4	<i>Tempo verbal.....</i>	<i>65</i>
4.4.2.1.5	<i>Tipo de sujeito.....</i>	<i>65</i>
4.4.2.1.6	<i>Tipo de frase.....</i>	<i>66</i>
4.4.2.1.7	<i>Outros termos negativos (nada, ninguém, nenhum, nem, nunca, nem nada).....</i>	<i>67</i>
4.5.2.2	Variáveis extralinguísticas ou externas.....	67
4.5.2.2.1	<i>Escolaridade.....</i>	<i>68</i>
4.5.2.2.2	<i>Faixa etária.....</i>	<i>69</i>
4.5.2.2.3	<i>Sexo.....</i>	<i>70</i>
4.5	LEVANTAMENTO DE DADOS E CODIFICAÇÃO DE FATORES.....	71
4.6	A ANÁLISE ESTATÍSTICA.....	71
5	AS NEGATIVAS SENTENCIAIS NO FALAR POPULAR DE FORTALEZA/CE: ANÁLISE DE DADOS.....	75

5.1	VISÃO GERAL DO FENÔMENO.....	75
5.2	ANÁLISE DA NEGATIVA DUPLA x NEGATIVA PRÉ-VERBAL.....	78
5.3	ANÁLISE DA NEGATIVA DUPLA x NEGATIVA PRÉ-VERBAL SOMENTE ENTRE INFORMANTES DO SEXO FEMININO.....	84
5.4	ANÁLISE DA NEGATIVA PÓS-VERBAL x NEGATIVA PRÉ-VERBAL.....	87
5.5	ANÁLISE DA NEGATIVA PÓS-VERBAL x NEGATIVA DUPLA.....	92
5.6	ANÁLISE DA NEGATIVA PÓS-VERBAL x NEGATIVA DUPLA SOMENTE ENTRE INFORMANTES DO SEXO MASCULINO.....	97
5.7	ANÁLISE DA NEGATIVA PÓS-VERBAL x NEGATIVA DUPLA SOMENTE ENTRE INFORMANTES MAIS ESCOLARIZADOS.....	99
5.7.1	Atuação do cruzamento escolaridade e sexo.....	103
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
	REFERÊNCIAS.....	109
	ANEXO.....	117

1 INTRODUÇÃO

No Português Brasileiro (doravante PB), encontramos diversos fenômenos linguísticos variáveis e a manifestação de cada um deles ocorre de maneira distinta entre as diversas comunidades de fala existentes. Diante dessa realidade, despertou-se, entre os estudiosos e pesquisadores, o desejo de compreender esses fenômenos, elevando-os a uma categoria científica, registrando-os e analisando-os, a fim de obterem um maior conhecimento sobre a língua portuguesa falada no país.

Nesse trabalho, **as negativas sentenciais** constituíram nosso tema de estudo e foram abordadas sob o enfoque teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV 1978, 1991, 1994, 2006 [1966], 2008 [1972], 2001; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) que nos permitirá saber se esse fenômeno se encontra em variação estável ou se aponta para um quadro de mudança em progresso.

A negação é um fenômeno comum a todas as línguas e o que a torna diferente é como ela se realiza em uma língua e outra. Apesar de não ser um fenômeno estudado pela gramática normativa, alguns pesquisadores (ALKMIM, 2001; SOUZA; LUCCHESI, 2004; SANTANA; NASCIMENTO, 2011; SEIXAS; ALKMIM; CHAVES, 2012; REIMANN; YACOVENCO, 2012; AVELAR; SILVA; ALMEIDA, 2013; NUNES, 2014; NASCIMENTO, 2014) mostraram que esse fenômeno apresenta uma diversidade de ocorrências, abrindo leque para os mais diversos tipos de questionamentos.

Atualmente, o Português Brasileiro possui três estratégias de negação sentencial, a saber:

(NEG1) Negação pré-verbal (NEG + V)

Essa sentença consiste em ter o operador de negação anterior ao verbo. É conhecida na literatura por negação canônica.

(01) *não era um problema [...]* (Inq. 04¹)

(NEG2) Negação dupla (NEG + V + NEG)

¹ Todas as ilustrações desta dissertação foram retiradas dos inquéritos do tipo Diálogos entre Dois Informantes (D2) do *corpus* do projeto NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), que será detalhado na Metodologia desta pesquisa.

A negação dupla é conhecida como variante inovadora e se apresenta com dois operadores de negação: um anterior e outro posterior ao verbo.

(02) [...] *não tou mal satisfeito não* [...] (Inq. 52)

(NEG3) Negação pós-verbal (V+NEG)

Temos uma outra variante inovadora que se caracteriza por apresentar o operador de negação posterior ao verbo.

(03) [...] *presta não má...* [...] (Inq. 153)

Fizemos, inicialmente, uma observação a ser considerada no nosso trabalho, partindo das palavras de Sousa (2013, p.1): “apenas a negação pré-verbal (NEG1) pode ocorrer em todos os contextos, o que a definiria como a negação canônica do PB”. Tendo em vista essa afirmação, fica-nos a interrogativa em relação ao surgimento das variantes inovadoras e em quais contextos elas, de fato, ocorrem. Nesse sentido, ocorrências como “*não queria chocolate não... queria aqueles confetes MM de chocolate ai:: é muito bom*” (Inq. 22) nos levam ao questionamento sobre o aparecimento desse segundo operador negativo *não* que tem sido alvo de pesquisas.

Diante do contexto acima exposto, fica clara a complexidade que envolve o fenômeno e as diversas possibilidades que ele possui de se manifestar. As regiões brasileiras, exceto o Norte (não tomamos conhecimento de estudo sobre as negativas nessa região), já desenvolveram e ainda desenvolvem estudos que buscam respostas para as mais variadas questões que envolvem o fenômeno, principalmente em relação à co-variação das variantes inovadoras. Esses trabalhos ajudaram na escolha das variáveis testadas nesta investigação e permitiram a comparação dos resultados obtidos nestas pesquisas com os encontrados em nosso estudo, sempre que possível e necessário.

Para o início dessa caminhada, levamos em consideração a coexistência das três principais estruturas negativas no falar fortalezense e levantamos algumas questões que guiarão nossa pesquisa:

a) As variáveis linguísticas, a saber, tipo de oração, estrutura do verbo, tipo de verbo, tempo verbal, tipo de sujeito, tipo de frase e outros termos negativos (nada, ninguém, nenhum, nem, nunca, nem nada) favorecem o uso da negativa dupla e da negativa pós-verbal?

b) As variáveis sociais, tais como faixa etária, sexo² e grau de escolaridade, contribuem para a ocorrência das variantes inovadoras, a negativa dupla e a negativa pós-verbal?

c) Terá a variante tida como canônica, negativa pré-verbal, dado lugar às variantes negativa dupla e negativa pós-verbal, apontando para um quadro de mudança em progresso?

Formulados os questionamentos, apresentamos o objetivo geral dessa pesquisa que é descrever e analisar o uso das sentenças negativas no português oral popular de Fortaleza/CE na perspectiva variacionista e, como objetivos específicos, temos os seguintes:

a) Investigar o papel das variáveis linguísticas: tipo de oração, estrutura do verbo, tipo de verbo, tempo verbal, tipo de sujeito, tipo de frase e outros termos negativos sobre o fenômeno em pauta;

b) Examinar o comportamento das variáveis sociais, tais como, faixa etária, sexo e grau de escolaridade na realização das negativas em estudo;

c) Analisar, a partir dos resultados, se a variante conservadora, negativa pré-verbal, perdeu espaço para as variantes inovadoras, negativa dupla e negativa pós-verbal, configurando-se como um fenômeno que se encontra em mudança em progresso na amostra examinada;

Explicitados os objetivos desse trabalho, apresentamos as hipóteses formuladas que, ao final desse estudo, poderemos constatar se foram ou não comprovadas:

a) Em relação aos fatores linguísticos, os maiores aliados, para a ocorrência da variante conservadora, são: tipo de oração, tipo de frase e tipo de sujeito;

b) Os fatores extralinguísticos condicionadores do uso das variantes inovadoras são grau de escolaridade e faixa etária;

c) A realização das negativas sentenciais no português oral popular de Fortaleza se configura como um quadro de mudança em progresso, visto que as variantes inovadoras estão ganhando mais espaço em relação à variante conservadora, sendo a negativa dupla a mais utilizada entre os falantes.

² Optamos por trabalhar com o termo sexo na nossa pesquisa, levando em consideração o projeto NORPOFOR: masculino e feminino.

O tema estratégias de negações sentenciais até então não foi alvo de estudos à luz da sociolinguística laboviana no falar da comunidade em questão, o que aumenta a necessidade de uma pesquisa sobre esse fenômeno no falar popular de Fortaleza, considerada uma das maiores capitais do Brasil. O que se tem acerca dessa variedade linguística é um estudo de Roncarati (1996) em que a autora se dedicou à pesquisa da negação sob a perspectiva funcionalista.

Nossos dados foram extraídos do *corpus* NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), coordenado pela Prof^a Dr^a Aluiza Alves de Araújo no período de 2003 a 2006. A nossa amostra é constituída por 53 informantes e o tipo de inquérito escolhido foi o D2 (Diálogo entre Dois Informantes). Escolhemos esse tipo de registro por ser o menos formal de todos e pelo fato de os informantes apresentarem alto grau de intimidade, o que contribui para a ocorrência de enunciados mais espontâneos.

Diante do contexto exposto anteriormente, acreditamos que essa investigação contribuirá para as discussões mais significativas realizadas não somente acerca da variação e mudança linguística na comunidade de fala de Fortaleza, como também, mais especificamente, para os debates realizados em torno do fenômeno em tela, bem como motivará o surgimento de novas pesquisas sobre as negativas.

Outrossim, interessa-nos abordar esse fenômeno por ele ir ao encontro do projeto maior **Retratos sociolinguísticos de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos do falar de Fortaleza- CE**, coordenado pela Professora Dr^a Aluíza Alves de Araújo, que se insere na proposta do Programa de Pós-Graduação de Linguística Aplicada, da Universidade Estadual do Ceará, com Área de Concentração em Linguagem e Interação. Este projeto já possibilitou a realização de diversos estudos variacionistas sobre a comunidade de fala de Fortaleza, a saber: Araújo (2015) que pesquisou sobre a variação pronominal nós/a gente; Cysne (2015) que se ocupou em analisar a monotongação de [ej]; Souza (2015) que se dedicou a pesquisar sobre os verbos *ter*, *haver* e *existir* nas sentenças existenciais; Guimarães (2014) que analisou as formas de tratamento pronominais *tu*, *você*, *cê* e *o(a) senhor(a)* e as formas de tratamento nominais *macho*, *rapaz*, *mulher*, *minha filha*, *cara* e *meu amigo* e Rodrigues (2013) que estudou o enfraquecimento da fricativa /v/. Este projeto junta-se a esses que buscam a ampliação do leque de fenômenos pesquisados na localidade escolhida. Também realizaram estudos, com base nesse *corpus*, os

pesquisadores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará: Araújo (2007), sobre as pretônicas médias; Nascimento (2010), acerca dos marcadores discursivos; Silva (2013), sobre a colaboração intraturno na construção dos enunciados; Maia (2011), a respeito da concordância verbal com nomes coletivos e Brito (2013), acerca do clítico das estruturas de-transitivas mediais.

Na configuração do nosso trabalho, temos esta introdução que apresentou a delimitação do fenômeno escolhido, a justificativa da pesquisa, bem como as questões, objetivos e hipóteses que dão conta desta investigação. Em seguida, no **primeiro capítulo**, as negativas sentenciais serão mais detalhadas, com a apresentação de algumas hipóteses que buscam explicar o surgimento das variantes inovadoras e trabalhos variacionistas que se dedicaram a estudá-las detalhadamente. No **segundo capítulo**, discutiremos os pontos mais pertinentes acerca da Teoria da Variação e Mudança Linguística, quadro teórico-metodológico que embasou nossa pesquisa. Os procedimentos metodológicos adotados por essa pesquisa serão apresentados no **terceiro capítulo**. No **quarto capítulo**, trataremos da análise dos dados coletados, confrontando os resultados obtidos com os encontrados nos trabalhos anteriores, sempre que possível e, por fim, as considerações finais com a síntese do nosso trabalho, comentários sobre as hipóteses levantadas e discussões sobre os resultados.

2 O USO DAS NEGATIVAS SENTENCIAIS: HIPÓTESES E ESTUDOS VARIACIONISTAS

Inicialmente, neste segundo capítulo, teceremos algumas considerações sobre as negativas sentenciais e as hipóteses que alguns autores assumiram sobre o surgimento das variantes inovadoras. Posteriormente, apresentaremos trabalhos de cunho variacionista realizados em alguns lugares do Brasil que também examinaram o fenômeno em questão.

2.1 HIPÓTESES SOBRE A ORIGEM DAS NEGATIVAS SENTENCIAIS

A vida de uma pessoa está cercada de escolhas. Ao dizer sim a uma delas, o indivíduo dirá não a outras, dependendo do contexto em que está inserido naquele momento. Negar e afirmar dá ao falante a oportunidade de pertencer a um meio em que a interação verbal emerge nas relações humanas.

A negação está presente em todas as línguas existentes e cada uma possui sua forma característica de negar, o que ocasiona a existência de uma ou mais maneiras de expressar a negação, resultando, assim na co-variação de uma ou mais variantes em um falar. Estudar as negativas sentenciais implica reconhecer todos os mecanismos adotados pelos falantes, ao utilizarem as estruturas disponíveis na língua, bem como buscar compreender o que faz com que eles usem uma ou outra variante. Roncarati (1997, p. 65) diz que:

Dizer *sim* e *não* são atos linguísticos praticados universalmente, em toda e qualquer cultura, em qualquer sotaque ou língua. Imerso em seu *habitat* social ou mesmo sozinho com seus botões, as circunstâncias da vida exigem o posicionamento de um *sim* e/ou de um *não*, matizados desde uma afirmação ou negação explícitas, ou afirmadas e infirmadas sutil e encobertamente. (RONCARATI, 1997, p. 65, grifos da autora)

Ainda enquanto crianças, os falantes aprendem em suas respectivas comunidades de fala que existem códigos disponíveis para o *sim* e para o *não*. Cada ato que envolve a afirmação e a negação engloba tanto uma função linguística quanto social, como por exemplo, a argumentação utilizada em um tribunal pelos advogados

em que os mesmos se valem de afirmativas e negativas para persuadir os interlocutores de que estão corretos.

Schwegler (1988) diz que, devido ao aumento dos estudos diacrônicos acerca da negação durante década de 80, tornou-se claro que a mudança da negativa pré-verbal para pós-verbal é algo mais comum nas línguas românicas. No trabalho feito pelo autor no PB e em Parlenquero³, encontramos que a escolha do novo ou antigo padrão de negação é pragmaticamente motivada: enquanto a estrutura conservadora é usada para a predicação da negativa simples, a construção inovadora é usada quando o falante procura especificamente contradizer uma asserção explícita ou implícita do discurso anterior.

Relembremos quais são, no falar brasileiro, as três estratégias de que os falantes se apropriam para negar:

Negativas pré-verbais: NEG + V – *Não vou* (NEG1)

Negativas duplas: NEG + V + NEG – *Não vou não* (NEG2)

Negativas pós-verbais: V + NEG – *Vou não* (NEG3)

A primeira é considerada a forma canônica no PB, ou seja, aquela que faz parte da norma culta da língua, sendo as demais variantes inovadoras que coexistem no falar brasileiro. Para Roncarati (1996, p. 99):

Nesse elenco de percepções avaliativas sobre os usos da negação, NEG1 adquire caráter pressuposicional neutro, factual, mas NEG2 elicit informação pressuposicional adicional: ela carrega matiz de convicção sobre aquilo que se nega. Essa matiz costuma ser interpretado como marca enfática [...] E NEG3, além de respostas breves a informações ou a serviços, associa-se, ainda a contextos imperativos (Faça não), ou a respostas francamente secas (Dá não).

Falar da gênese das negativas inovadoras tem gerado ampla discussão na literatura que encontramos sobre o fenômeno, afinal, encontramos hipóteses que tentam explicar o surgimento de cada uma a partir de argumentos sobre sua origem e uso. Escolhemos três destas hipóteses para apresentarmos aqui, por acreditarmos

³ Parlenquero é falado no Sudeste de Cartagena das Índias, Colômbia.

que elas possam oferecer algumas respostas para as questões que levantamos. São elas: cognição, crioulização e motivação.

Defendida por Schwenter (2004), que já realizou investigações acerca das variantes negativas não canônicas no Catalão, Itália, Português Brasileiro e no Espanhol Dominicano, a primeira hipótese que aqui explanaremos é de cunho pragmático. O autor afirma que o surgimento da segunda partícula *não* nas negativas duplas marca um “discurso velho”, negativamente falando, que já foi ativado no falante em uma troca conversacional. Para ele, a principal diferença

Está relacionada à acessibilidade do discurso da proposição sendo negada: NEG3 necessita da preposição que tem sido explicitamente ativada no discurso, enquanto NEG2 só requer a proposição que é acessível na base de algum antigo discurso proposto, (por exemplo: uma proposição inferível. (SCHWENTER, 2004, p. 1450⁴, *tradução nossa*).

A hipótese acima foi uma das testadas no trabalho de Goldnadel *et al.* (2013) em que os autores resolveram aplicá-la a uma amostra do VARSUL,⁵ a fim de verificarem a função da segunda partícula *não* nas negativas duplas. Entre as três capitais, Florianópolis se mostrou a mais adequada para uma investigação variacionista por ser conservadora e possuir menos ocorrências de negativas duplas, tornando-se a melhor região para a análise dos fatores pragmáticos.

As variáveis linguísticas selecionadas pelo programa foram tipo de enunciado, posição da frase no turno, tipo de discurso, posição da oração na frase, tipo de sujeito, tipo de oração, status discursivo do conteúdo, sexo, faixa etária e nível de instrução. Foram entrevistados nove falantes, seis mulheres e três homens. Das seis mulheres, três têm menos de cinquenta anos e três mais de cinquenta anos. Foram controlados os seguintes níveis de escolaridade: primário, ginásio e segundo

⁴Trecho original: Thus, it appears that the principal difference between NEG2 and NEG3 is related to a the discourse accessibility of the proposition being negated: NEG3 requires a proposition that has been explicitly activated in the discourse while NEG2 only requires a proposition that is accessible on the a basis of some discourse-old proposition.e.g., an inferrable proposition.

⁵ O VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), afirma ter, por objetivo geral, a descrição do português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil. Conta com a parceria de quatro universidades brasileiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Paraná. A coleta foi realizada entre os anos 1988 e 1996 sob a coordenação de Leda Bisol. O projeto possui 288 entrevistas, igualmente distribuída entre as quatro cidades citadas anteriormente e encontra-se disponível: <http://www.varsul.org.br>.

grau⁶. Cada um destes graus de escolaridade abriga um informante do gênero feminino. Quanto aos homens, dois têm mais de cinquenta anos, um com primário e outro com segundo grau. O homem que possui menos de cinquenta anos tem o ginásio completo.

Ao final do trabalho, os autores verificaram que a variável status informacional do conteúdo negado foi a mais importante para a aplicação da negativa dupla, fazendo-os com que chegassem à conclusão de que Schwenter poderia estar correto, ao afirmar que “a dupla negação surge para cumprir a função pragmática de registrar conteúdo discursivamente ativado” (GOLDNADEL *et al.*, 2013, p. 67). Porém, os autores não descartaram a possibilidade de esse segundo operador ser apenas um recurso de ênfase. Os autores fizeram a ressalva de que o estudo era, de fato, preliminar, tendo em vista que os dados coletados pertenciam a um número muito pequeno de informantes, chamando a atenção para os estudos acerca da dupla negação que ainda são muito escassos e salientaram que esse fenômeno precisa de mais atenção não apenas na região Sul como em outras localidades do Brasil.

Outra hipótese, a de Furtado da Cunha (2001), defende que alguns estudos atribuem a existência das variantes inovadoras ao contato das línguas românicas com as línguas africanas. A autora argumentou, no referido trabalho, que “a emergência da negativa dupla e da negativa final no PB é resultado de um processo diacrônico, independentemente motivado pela atuação de pressões rivais sobre o sistema linguístico” (FURTADO DA CUNHA, 2001, p.156).

A autora apresentou evidências de que o aparecimento da negativa dupla e da negativa final no PB é resultado de uma mudança ocasionada pela atuação de pressões rivais sobre o sistema linguístico.

Utilizando o contexto da Linguística Funcional Sistêmica, a autora realiza dois tipos de análise: sincrônica e diacrônica. Para esta, ela se serviu de textos representativos do português escrito arcaico (século XIII até meados do XVI mais dois textos pertencentes aos séculos XVI e XVIII) e para aquela, a autora utilizou, como fontes de dados básicas: a) o *corpus Discurso e Gramática (D&G)*⁷; b) bancos de

⁶ Nomenclatura utilizada para a época em que os dados foram coletados.

⁷O *corpus Discurso e Gramática (D&G)* trabalha com pesquisa na área de linguística funcional, com D & G organizaram amostras de língua falada e escrita com informantes em cinco cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Natal, Rio Grande, Juiz de Fora e Niterói. Em Juiz de Fora, Rio Grande e Natal, o *corpus* é composto por depoimentos de 20 informantes. Em Niterói, foram entrevistados 18 alunos e, no Rio de Janeiro, o número foi bem maior, 93. Cada coleta foi realizada nos anos de 1991 e 1992 por bolsistas. Disponível em: <http://www.discursogramatica.letas.ufrj.br>.

dados como o *PEUL*⁸, *A linguagem falada de Fortaleza*, *NURC*⁹ e uma amostra do português europeu atual foram consultados com o objetivo de verificar a ocorrência das negativas em foco. No nosso trabalho, discutiremos acerca dos resultados encontrados na análise sincrônica.

Diante dos resultados iniciais, foi possível constatar que não houve registro de ocorrência de negativa dupla ou final nos dados da cidade de Rio Grande-RS, bem como não houve negativa final nos dados do *corpus* de Niterói-RJ. Em uma análise inicial, pode-se constatar que, no trabalho da autora, não houve ocorrência da negativa dupla ou final na cidade do Rio Grande e não teve registro de negativa final no *corpus* de Niterói e nem nos *corpora D&G*. Para ela, uma das respostas para a ausência das negativas finais seria o instrumento de coleta de dados que foi a gravação de relatos produzidos pelos falantes, em que o interlocutor mudava o assunto da entrevista ou estimulava respostas a perguntas. A autora também constatou que, através da observação empírica do português falado, a negativa final ocorre, preferencialmente, como resposta a perguntas diretas.

Após essa análise, criou-se um novo banco de dados, o *Banco conversacional*¹⁰ em que amostras de conversação natural entre falantes natalenses com certo grau de familiaridade foi representado. A autora comparou os dados extraídos com o *corpus* anterior e confirmou a hipótese inicial de que a fala espontânea favorece a ocorrência da negativa final em que o contexto é o de pergunta

⁸ O grupo PEUL iniciou suas atividades no final da década de 70, mais precisamente no ano de 1979, com um projeto intitulado *Censo da Variação Linguística do Rio de Janeiro*, coordenado pelo prof. Dr. Anthony Naro. Esse projeto, de caráter inter-institucional, reuniu seus orientandos e ex-orientandos em torno de um ideal comum: o de descrever a sistematicidade da variação observada no português brasileiro, depreender mudanças em tempo aparente e identificar os correlatos estruturais, sociais e funcionais desses processos. Sempre com o objetivo de compreender a forma de difusão e de como a implementação das mudanças no português brasileiro, mais recentemente o grupo voltou-se para estudo da mudança em tempo real de curta duração e para a incorporação de variações e mudanças linguísticas na escrita. Essa ampliação de objetivos levou à constituição de novas amostras, tanto de fala como de escrita e atualmente conta com mais de 150 informantes. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/peul/index.html>.

⁹ O projeto NURC visa ao estudo da fala culta, média, habitual, através de uma documentação sonora capaz de fornecer dados precisos sobre a nossa língua, respeitadas as diferenças culturais de cada região. Os dados foram coletados entre as décadas de 70 e 90 e atualmente o projeto é coordenado pela professora Dinah Maria Isensee Callou que conta com uma amostra de mais de 100 informantes. Disponível em: www.lettras.ufrj.br/nurc-rj.

¹⁰ O Banco Conversacional é composto por 20 conversações entre falantes natalenses sobre assuntos do dia-a-dia. Todas as gravações foram devidamente transcritas seguindo as normas utilizadas pelo Projeto Norma Urbana Oral Culta (NURC), outras estabelecidas pelo Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática, além da metodologia elaborada pelo prof. John Du Bois, da University of California, Santa Barbara. As conversas são altamente interativas e se dão entre pessoas que se conhecem, mas não compartilham as mesmas atividades ocupacionais. Disponível em: www.bancoconversacional.org.br.

e resposta. Furtado da Cunha (2001) faz uma análise sobre o uso da negativa dupla no corpus *D&G* e afirma que o primeiro *não* está enfraquecido fonologicamente e aponta duas consequências para tal: o marcador pós-verbal é reanalisado como um constituinte da sentença negativa e, dado o seu enfraquecimento fonológico, o próprio marcador pré-verbal é reinterpretado como um elemento opcional, o que leva à emergência da construção *SV+não*.

Para a pesquisadora, a análise desenvolvida em seu trabalho sugere que o “PB vernacular teria avançado na mudança embrionária do sistema de negação presente no português que veio da Europa, hipótese plausível dada à deriva secular das línguas românicas” (FURTADO DA CUNHA, 2001, p.168). A autora ainda falou em unidirecionalidade e defendeu a hipótese de que existem fatores de ordem cognitiva, sócio-cultural e comunicativa que norteiam a mudança. Há de se observar quais fatores externos condicionam o uso de uma ou outra variante.

Em consonância com o trabalho de Furtado da Cunha (2001), temos o estudo de Roncarati (1996), o qual tece comentários a partir de um teste de atitudes linguísticas aplicado em estudantes da Universidade Federal do Ceará (UFC). Tal teste mediu o julgamento da variação das três sentenças negativas e a autora argumentou que as negativas duplas poderiam ocorrer no discurso quando se nega uma proposição e as negativas pós-verbais seriam permitidas no discurso sempre que uma proposição estivesse expressa anteriormente por um dos interlocutores.

Outro ponto que achamos pertinente abordar é que, aqui no Brasil, o fenômeno escolhido por nós não é estigmatizado, já que muitos falantes ainda não possuem consciência dessa variação. Schwegler (1996) afirma que a negação dupla no espanhol dominicano é estigmatizada em todo país por, supostamente, ser mais típica da fala rural. Ou seja, o mesmo fenômeno ocorre em dois lugares diferentes, mas possuem valorações sociais distintas.

Vimos que existem três hipóteses que tentam explicar o surgimento das variantes inovadoras no PB: conteúdo ativado (cognição), contato linguístico (crioulização) e pressões rivais (motivação). É válido ressaltar que as três podem ser assumidas em qualquer trabalho, a depender da comunidade de fala escolhida pelo pesquisador e do ponto de vista adotado por ele em seu estudo. Para o nosso trabalho, achamos coerente assumir a hipótese que Furtado da Cunha (2001) defendeu, segundo o qual o surgimento das negativas duplas e pós-verbais é um processo diacrônico que não depende da atuação de pressões rivais sobre o sistema

linguístico. Acreditamos que a mudança e a variação do sistema linguístico é natural e inerente a toda e qualquer língua, porém deixamos claro que não excluimos ou desconsideramos as demais.

Ressaltamos também que temos consciência da complexidade que envolve o fenômeno. Embora o nosso foco não seja o surgimento das formas inovadoras, precisamos compreender as ocorrências e quais hipóteses dão conta de seu surgimento, tendo em vista uma análise mais minuciosa da comunidade de fala que escolhemos. Assim, essas hipóteses podem fornecer argumentos para a explicação de alguns resultados encontrados em nossa amostra. A próxima seção explanará os trabalhos variacionistas que tratam do fenômeno em tela no PB.

2.2 AS NEGATIVAS SENTENCIAIS NO PB: OS ESTUDOS VARIACIONISTAS

Nesta seção, abordaremos alguns trabalhos que tomaram como base a Sociolinguística Variacionista para a investigação do fenômeno das negativas sentenciais e ajudaram na composição do nosso envelope de variação.. Apresentaremos os trabalhos de Roncarati (1997), Alkmim (2001), Souza e Lucchesi (2004), Soares (2009), Santana e Nascimento (2011), Seixas, Alkmim e Chaves (2012), Reimann e Yacovenco (2012), Rocha (2013), Nunes (2014) e Nascimento (2014).

Roncarati (1997) utilizou uma amostra¹¹ do Banco de Dados Internacionais¹² da cidade do Rio de Janeiro, constituído por gravações de fala espontâneas colhidas entre os anos de 1989 e 1991, e escreveu sobre os ciclos aquisitivos da negação. Seu trabalho foi realizado a partir de duas perspectivas: no português *L1*, ela investigou cadeias de evolução da negação no PB e seu uso no português hodierno; e no português *L2*, a autora pesquisou os ciclos de aquisição da negação no contexto de língua em contato, em que o português figura como uma segunda língua em processo de aquisição pelos índios da Região do Alto Xingu. É na primeira perspectiva que iremos concentrar nossa atenção.

Em relação à mudança linguística, a autora buscou respostas para as questões: fontes diacrônicas podem esclarecer a direcionalidade do ciclo evolutivo da

¹¹ Neste trabalho, a autora não especifica o total de dados com o qual trabalhou.

¹² Organizado por Roncarati, o Banco de Dados Internacionais constitui-se em uma amostragem muito diversificada que fotografa usos da língua em situações de fala espontânea. A coleta foi realizada em 1989 a 1990 e possui 22 gravações (RONCARATI, 1996).

negação? O atual quadro de variação do português do Brasil registra um padrão inovador, competindo com a forma canônica negativa pré-verbal? A difusão da negação dupla e da pós-verbal apresenta movimentos de avanço e/ou de recuo no português do Brasil? Mudanças de estruturas na língua produzem efeitos de reestruturação do sistema de negação?

A autora percebeu que tanto no português diacrônico, como no hodierno *L1*, as ocorrências de negativa dupla e negativa pós-verbal, comparadas com negativa pré-verbal, ainda eram bastante tímidas. Roncarati (1997, p. 71) exibiu o perfil de variação em seu trabalho, sendo que, aqui, citaremos alguns dos quais ela expôs:

1. hegemonia do padrão canônico NEG1 pré-verbal no português L1 diacrônico/hodierno e no português L2; 2. presença de NEG3 pós-verbal no português L1 hodierno e no português L2 vs sua ausência em textos diacrônicos de L1, reafirmando a natureza oral desse padrão de negatividade; 3. emprego mais frequente de NEG3 no português L1 hodierno [...] NEG3 ocorre mais na fala espontânea ou distensa, em que há livre negociação de tópicos e de turnos [...]

Ainda no português *L1* hodierno, a autora confrontou os dados entre a negativa pré-verbal e a negativa pós-verbal e afirmou que “a negação pré-verbal, em face da negação pós-verbal, é pragmaticamente marcada em contextos de contraste e de confirmação da crença negativa do interlocutor” (RONCARATI, 1997, p. 79). A pesquisadora observou que, a posição da cláusula negativa no turno, funções de negativas pós-verbais e paralelismo de verbo foram os fatores mais relevantes, porém, este último, a autora observou como convergência na análise. A pesquisadora notou que, em relação à posição da cláusula negativa, as negativas pré-verbais situam-se no início com peso relativo 0.83¹³ ou final de turno (0.81). Em relação ao contexto, a autora viu que a negativa pré-verbal é pragmaticamente marcada em contexto de contraste (0.96) e de confirmação da crença negativa do interlocutor (0.96). Segundo a autora, o princípio de paralelismo não foi atuante na negativa pré-verbal já que tende a associar-se à negação pós-verbal.

Outra análise feita pela autora foi a negação pré-verbal *versus* a negação dupla. A incorporação de expressão inerentemente negativa, posição da cláusula

¹³ Os próximos pesos relativos serão apresentados entre parênteses.

negativa no turno e atitude do interlocutor foram os fatores mais relevantes. Em relação à presença de expressão inerentemente negativa, existe uma polarização: enquanto a negativa pré-verbal ocorre sem ela (0.58), a negativa dupla incorpora-a (0.66). Para o fator posição da cláusula negativa no turno, há uma preferência pelo meio do turno (0.57) por parte da negativa pré-verbal e para o fator atitude do interlocutor, há uma atitude negativa (0.32) por parte dele.

Alkmim (2001) se preocupou em descrever e analisar quantitativa e qualitativamente as negativas sentenciais do dialeto mineiro. Ela selecionou as seguintes construções: negativa pré-verbal, negativa pré- e pós-verbal, negativa pós-verbal e as formadas por quantificador/advérbio negativo, conjunção **nem** e a preposição **sem**.

A autora utilizou três *corpora* para as análises: o primeiro foi formado por entrevistas sociolinguísticas, realizadas com falantes nascidos no município de Mariana (MG); o segundo, constituído por entrevistas de informantes nascidos em Pombal, subdistrito de Mariana, já que o primeiro foi montado com informantes nascidos na sede do município e o terceiro, um *corpus* representativo dos séculos XIX e 1ª metade do XX, formado por peças de teatro de autores mineiros. Daremos enfoque ao *corpus* de Mariana já que também foi uma pesquisa realizada em tempo aparente.

Em um total de 2505 construções negativas, as variáveis selecionadas pelo programa foram¹⁴: tipo de oração, presença/ausência de quantificador ou advérbio negativo, presença/ausência de sujeito na oração, contiguidade entre partícula **não** e o verbo, perífrase e não perífrase verbal (linguísticas), faixa etária escolaridade e etnia (extralinguísticas). Foram realizadas as rodadas: negativa dupla *versus* negativa pré-verbal e negativa pós-verbal *versus* Item+negativa pré-verbal em que esse item pode ser um quantificador/advérbio negativo, a conjunção **nem** e a preposição **sem**. Descrevemos a primeira rodada binária, já que a segunda rodada apresenta uma estrutura que não é o foco do nosso trabalho.

As orações não encaixadas (0.54), a ausência de quantificador (0.53), a retenção de sujeito (0.55), a não contiguidade ao verbo (0.92), a perífrase verbal (0.59), os jovens (0.60), analfabetos (0.54) e os afro-brasileiros (0.54) foram os fatores que mais influenciaram o uso das duplas negativas na análise feita pela autora. A

¹⁴Todas as variáveis que serão apresentadas neste capítulo foram selecionadas por ordem de relevância pelo programa que o autor utilizou para realizar as análises.

partir do cruzamento entre os fatores sociais, Alkmim (2001) afirma que a diferença entre os não-afro e os afro-brasileiros, tanto os que são analfabetos e aqueles com segundo grau, não é quantitativamente significativa. Ela acredita que os analfabetos podem levar à frente a mudança, em um primeiro momento, mas não descarta a possibilidade de esse papel ser exercido posteriormente pelas pessoas que possuem segundo grau.

Souza e Lucchesi (2004) estudaram, empiricamente, a variação linguística nas estruturas de negação na comunidade rural afro-brasileira de Helvécia- BA a partir do projeto *Vertentes do Português Rural do Estado da Bahia e de Sergipe* que analisa as diversas variedades do português rural e utilizam a hipótese da relevância do contato entre as línguas da África e a de Portugal. Os autores descreveram os contextos linguísticos e sociais que condicionaram a escolha das seguintes possibilidades de negar: a) NEG1- pré-verbal (*a pessoa não pede açúcar*); b) NEG2- dupla negação (*num resiste muito não*) e c) NEG3- pós-verbal (*Choveu não*) (grifos dos autores). É importante perceber que, na negativa dupla, os autores trabalharam com o *num* em posição anterior ao verbo, ao invés do *não*. Essa opção é mais recorrente entre os pesquisadores das negativas sentenciais, que chegam a conclusões preliminares de que os falantes estão utilizando o *num* com o mesmo sentido do *não*.

A amostra recolhida é do ano de 1994 e conta com falantes de três faixas etárias: faixa 1 (20 a 40 anos); faixa 2 (41 a 60 anos) e faixa 3 (mais de 60 anos). Dos fatores analisados, o VARBRUL¹⁵ selecionou, para a análise das negativas duplas *versus* negativas pós-verbais, as seguintes variáveis: tipo de oração, tipo de frase, tipo de complemento pós-verbal, sexo e faixa etária.

Segundo os autores, dos seis tipos de oração controlados (absoluta (.58), substantiva (.58), principal (.39) , coordenada (.33), relativa (.32) e adverbial (.18)), a oração absoluta e subordinada substantiva foram as que mais condicionaram o uso das negativas duplas e pós-verbais. Para o tipo de frase (resposta yes/no (.69), pergunta(.52), não-resposta (.36)), os autores viram que resposta à pergunta direta favorece às negativas duplas e pós-verbais. Em relação ao complemento pós-verbal (não-realizado (.57), inexistente (.44) e realizado (.46)), os autores constataram que

¹⁵Os autores não forneceram o número total de ocorrências encontrado na amostra pesquisada.

quando o verbo é intransitivo ou transitivo ou tem seu complemento não-realizado, há maior ocorrência de negativas duplas e pós-verbais.

Já em relação ao sexo, as mulheres (.57) são favorecedoras das negativas duplas frente aos homens (.43) e, no que diz respeito à faixa etária, os adultos (.57) e os idosos (.56) são os que mais utilizam a variante não-canônica, enquanto os jovens (.34) estavam adquirindo a forma padrão.

Soares (2009) investigou a negação no contato entre dialetos (cearense e carioca) no PB, utilizando como aporte teórico a Teoria da Acomodação Dialetal, Teoria Sociolinguística e Teoria das Redes Sociais. O programa computou 208 ocorrências e, nessa visão geral do fenômeno, pudemos observar que as negativas pré-verbais são predominantes, com 171 ocorrências (82%); as negativas duplas aparecem em segundo lugar com 24 ocorrências (11%) e, logo em seguida, as negativas pós-verbais com 13 ocorrências (6%).

As variáveis selecionadas foram¹⁶: tipo de sujeito, tipo de complemento verbal, traço propulsor, traço propulsor e tipo de sujeito, traço propulsor e tipo de complemento verbal, traço propulsor, tipo de sujeito e tipo de complemento verbal, tipo de oração, realização fonética do “*não*” pré-verbal, gênero, escolaridade, idade com que saiu do Ceará e grau de convívio com cariocas.

A autora chegou às seguintes considerações finais em suas análises:

(i) o parâmetro pro-drop parece atuar significativamente na distribuição das negativas no PB, já que a realização dos argumentos verbais (sujeitos e complementos preenchidos) favorece a negativa [não V] e desfavorece as negativas [não V não] e [V não], que aparecem com maior frequência quando os argumentos estão omitidos (sujeitos e complementos nulos); (ii) aliado à realização *versus* a não-realização dos argumentos verbais, o efeito do *traço propulsor* apontou para a ausência de gatilho em ocorrências cujos argumentos são realizados, favorecendo, portanto, a negativa pré-verbal e para a presença de gatilho em contextos cujos argumentos não são realizados, favorecendo a negativa com dois marcadores e a negativa pós-verbal; (iii) a negativa pré-verbal parece ser amplamente favorecida em contextos cujas orações são encaixadas; (iv) a impossibilidade de ocorrência da negativa pós-verbal em sentenças encaixadas de qualquer tipo; (v) a inexistência de [V não] em complementos topicalizados pode ser um possível contexto de restrição; (vi) a forma NUM é mais frequente nos dados com a estrutura com dois marcadores negativos; (SOARES, 2009, p.100).

¹⁶ Neste trabalho, a autora explica que devido ao número de dados pouco expressivo, o programa Goldvarb 2001 não calculou o número do peso relativo, já que quase todos os grupos de fatores apresentaram *knouckout* e, ao removê-los, o programa não conseguiu realizar a rodada que apresentaria os pesos relativos. Para não tornar a leitura cansativa, achamos por bem não mostrar as todas as porcentagens que a autora utilizou. Por isso, apresentamos as suas considerações sobre do fenômeno.

No que tange às variáveis sociais, a autora viu que as mulheres que migram tendem a se acomodar linguisticamente mais que os homens. O tempo de permanência na escola pode contribuir na implementação da acomodação - os mais jovens que deixam sua terra natal tendem a se acomodar mais rapidamente. A análise da rede social de indivíduos migrados mostrou-se relevante para interpretação dos resultados quantitativos das variantes de negação produzidas, fazendo com que a negação pós-verbal se mostrasse um marcador dialetal cearense.

Seixas, Alkmim e Chaves (2012) abordaram as construções negativas na fala de moradores da zona rural do município de Piranga (MG). O *corpus*, constituído por transcrições de entrevistas sociolinguísticas realizadas em localidades que pertenciam a este município, possui 30 entrevistas, cada uma de 30 minutos, com 15 informantes homens e 15 mulheres, divididos em três faixas etárias: a) jovens- 6 a 24 anos; b) medianos- de 25 a 59 anos e c) Idosos- acima de 60 anos, sendo estas as variáveis levadas em conta na análise.

Foram computadas 2.605 construções negativas, sendo 1505 negativas pré-verbais, 1021 negativas duplas e 79 negativas pós-verbais. Em relação à faixa etária, a forma canônica aparece com peso relativo .52 nos idosos e medianos e .39 nos jovens, o que nos faz afirmar que ainda é utilizada pelos mais velhos. A negativa dupla aparece em maior quantidade entre os jovens (.60) e em menor quantidade entre os idosos (.48). As autoras apontam que tal desempenho se assemelha ao perfil de “mudança em progresso”. A construção pós-verbal também apresenta maior incidência entre os jovens (.76), já entre os falantes medianos (.48) e idosos (.39) há desfavorecimento da regra, sendo que as autoras também apontaram “mudança em progresso” para este caso. No que concerne ao sexo do informante, as autoras viram que o peso relativo do sexo masculino foi .50 e .47 para o sexo feminino, fazendo com que chegassem à consideração de que esse fator pode não ser condicionante para esta análise.

Reimann e Yacovenco (2012) descreveram as construções negativas sentenciais do português falado em Vitória (ES), objetivando traçar uma identidade linguística capixaba com base no *corpus* PORTVIX¹⁷. Após a submissão dos dados ao Goldvarb X, as autoras chegaram aos seguintes resultados: do total de 979

¹⁷ Composto por 18 informantes, divididos por gênero (masculino e feminino), escolaridade (Ensino Fundamental e Universitário) e faixa etária (15 a 25 anos e acima de 49 anos), o PortVix se dedica ao estudo da língua falada em Vitória/ES e gravou suas entrevistas entre 2001 e 2003 sob a coordenação da professora Lilian Yacovenco Coutinho. Disponível em: www.ufes.br/propgpq/projetos/portvix

ocorrências, 721 são da forma pré-verbal, 216 da dupla negação e 42 da pós-verbal. Foram selecionadas as variáveis: estrutura da sentença, gênero e faixa etária como relevantes na aplicação das variantes analisadas em uma amostra composta por oito informantes. Foram realizadas as seguintes rodadas: negação pré-verbal *versus* a dupla negação amalgamada à negação pós-verbal.

A variável estrutura da sentença de destacou como a que mais favorece a variante pré-verbal. Observou-se que as respostas (0.74) atuam mais no uso da negação dupla ou pós-verbal. O segundo fator selecionado pelo programa foi a variável gênero que apresentou os homens (0.59) como os que mais utilizam a dupla negação amalgamada à negação pós-verbal. Os jovens de 15 a 25 anos (0.55) aplicaram mais a variante inovadora. Para as autoras, o uso da dupla negação se mostrou significativo no falar capixaba e concluíram que o fenômeno merece ser estudado no *corpus* inteiro, que é composto por 18 informantes.

Santana e Nascimento (2011) investigaram as negativas sentenciais a partir do vernáculo de Matinha, comunidade rural do município de Feira de Santana, na Bahia. O *corpus* utilizado pelos autores foi formado por seis amostras de fala de informantes, que são 3 homens e 3 mulheres correspondentes ao banco de dados do Projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*¹⁸. Foram coletadas, ao todo, 541 ocorrências: 420 negativas pré-verbais, 110 negativas duplas e 11 negativas pós-verbais.

Foram selecionadas, pelo Goldvarb X, as seguintes variáveis linguísticas para a rodada negativa dupla *versus* negativa pré-verbal: tipo de oração (absoluta, principal, subordinada e coordenada); tipo de verbo (ação/movimento/processo/evento, estativo e cognitivo) e tipo de sujeito (1ª, 2ª e 3ª pessoas e uso de TV. Aqui, foram evidenciadas 530 ocorrências, sendo 413 (78%) pré-verbal e 117 (20%) para a variantedupla negação.

Quanto ao tipo de oração, o contexto oracional que mais favorece o uso da dupla negativa é a oração absoluta (0.67). Para o tipo de verbo, ficou constatado que aqueles que possuem uma carga semântico-lexical de ação/movimento/processo/evento (0.58) são mais propícios para a utilização da dupla negação. A 2ª pessoa do sujeito (0.94) foi o contexto que mais favoreceu a ocorrência da dupla negação. Para a variável social, os autores constataram que o uso da dupla

¹⁸ O projeto A língua portuguesa no semi-árido baiano é coordenado pelas professoras Norma Lucia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana e foi coletado no ano de 1996. Atualmente, conta com 63 informantes.

negação se configura entre os falantes que *pouco ou raramente* assistem televisão (.70), enquanto o contexto de falantes que *sempre* (.41) assistem à TV foi desfavorecedor à regra.

Em outro momento, os autores analisaram a variação entre as negativas pós-verbais *versus* negativas pré-verbais em que foram totalizadas 431 ocorrências: 413 (96%) pré-verbais e 18 (3%) pós-verbais. Para Santana e Nascimento (2011), a baixa frequência da sentença pós-verbal se deve ao fato de haver interferência do instrumento da coleta de dados, que foi a gravação de narrativas pessoais e relatos produzidos pelos falantes sem muita interferência do documentador, o que ocasionou a não seleção de nenhum fator pelo Goldvarb X.

Rocha (2013) descreveu o emprego variável de estruturas de negação na comunidade de fala paulistana, dando foco maior às negativas duplas. Os dados da pesquisa foram extraídos de 48 entrevistas sociolinguísticas com paulistanos, estratificados segundo sexo, faixa etária e escolaridade. O grupo GESOL-USP¹⁹ foi responsável por essa coleta entre os anos de 2003 e 2010. O autor também analisou duas subamostras, com 24 entrevistas cada baseadas na região da cidade em que vivem os paulistanos (mais central ou mais periférica) e na sua geração (filhos de pais paulistanos ou filhos de migrantes de outros estados brasileiros).

O autor constatou que as negativas duplas foram usadas poucas vezes e foram favorecidas em um contexto em que os informantes possuíam baixa escolaridade e pertenciam à 1ª geração na cidade de São Paulo. Em outras análises, Rocha (2013) viu que as negativas duplas eram favorecidas em informantes que viviam em bairros mais periféricos e afirmou que a variável sexo foi selecionada como irrelevante, pois não apresentou indícios de mudança em curso. Os fatores selecionados como relevantes foram: ativação direta de proposições (.73), presença de marcadores conversacionais (.53) ou de outros termos negativos na sentença (.53).

Nunes (2014) estudou a variação linguística na estrutura de negação utilizada por falantes do Rio de Janeiro e analisou as variantes: negação pré-verbal, a negação dupla e a negação pós-verbal, com base no *corpus* carioca PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua). Para tanto, a pesquisadora escolheu oito subamostras, distribuídas em duas faixas etárias (15 a 25 anos e 26 a 50 anos), gênero (masculino e feminino) e grau de escolaridade (5 a 8 anos e 9 a 11 anos),

¹⁹ O GESOL é um Grupo de Estudos e Pesquisa em Sociolinguística que pertence à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

sendo estes os grupos de fatores extralinguísticos considerados, juntamente com as variáveis linguísticas: sujeito (1ª, 2ª e 3ª pessoas) e tempo verbal (presente, passado e futuro). A autora deixou claro que não utilizou nenhum programa estatístico para a pesquisa.

A pesquisadora catalogou todas as ocorrências e chegou aos seguintes resultados: as negativas pré-verbais (616/73,1%) apareceram em primeiro lugar, as negativas duplas (214/ 25,4%) despontaram logo em seguida e as negativas pós-verbais (13/1,5%) apareceram em menor número, o que a levou a afirmar havia a predominância da forma canônica na amostra selecionada. Nunes (2014) também levou em consideração a forma *num* e notou o aparecimento do *ninguém* que pode ser considerado um quantificador negativo. Em relação a primeira pessoa do sujeito, viu-se a ocorrência de 349 negativas pré-verbais (56,6%), 148 negativas duplas (69,2%) e 8 negativas pós-verbais (61,5%). Para a 2ª pessoa, não foi registrada ocorrência de nenhuma das variantes em questão; e, para a 3ª pessoa, foram 267 negativas pré-verbais (43,4%), 66 negativas duplas (30,8%) e 5 negativas pós-verbais (38,5%). Vimos aqui que a ausência de ocorrências nas negativas duplas nos leva a crer que a não utilização recorrente desta pessoa pelo falante contribui para o baixo uso da variante em questão.

No tocante ao tempo verbal, Nunes (2014) verificou que, para o passado, as negativas pré-verbais (141/22,9%)²⁰ ocorreram, em sua maioria, seguidas das negativas duplas (36/16,8%) e negativas pós-verbais (4/30,8%), bem como para o presente a mesma ordem: negativas pré-verbais (475/ 77,1%), negativas duplas (178/83,2%) e negativas pós-verbais (9/69,2%) e, quanto ao futuro, não houve ocorrências. Aqui podemos observar que o tempo presente predominou, sendo que a não ocorrência do tempo futuro nos levou a buscar questões que podem dar conta de respostas para este não aparecimento.

Em relação ao sexo, foram coletados, para o gênero masculino, 264 dados de negativas pré-verbais (69,3%), 109 negativas duplas (28,6%) e 8 negativas pós-verbais (2,1%). Para o sexo feminino, foram encontradas 352 negativas pré-verbais (76,2%), 105 negativas duplas (22,7%) e 5 negativas pós-verbais (1,1%). A autora observou que os dados apontam para o que as investigações labovianas diziam a

²⁰ A autora também não fornece informações sobre pesos relativos em seu estudo. Apresentamos então, as porcentagens que a autora apresentou.

respeito das mulheres: que elas tendem a utilizar mais as formas conservadoras do que os homens.

Para a faixa etária, vimos que, entre 15 a 25 anos, a ordem de ocorrências foi: negativas pré-verbais (235/66,4%), negativas duplas (116/32,8%) e negativas pós-verbais (3/ 0,8%). Na faixa etária de 26 a 50 anos, encontramos: negativas pré-verbais (381/ 77,9%), negativas duplas (98/20%) e negativas pós-verbais (10/2,1%). Para a autora, a hipótese de que as variantes inovadoras são mais utilizadas por falantes mais jovens está parcialmente confirmada, visto que as negativas pós-verbais só apareceram três vezes na faixa etária de 15 a 25 anos.

Em relação ao grau de escolaridade de 5 a 8 anos, os resultados encontrados foram: negativas pré-verbais (324/69,6%), negativas duplas (131/28,2%) e negativas pós-verbais (10/2,2%) e de 9 a 11 anos: negativas pré-verbais (292/77,2%), negativas duplas (83/22%) e negativas pós-verbais (3/0,8%). Aqui, pode-se observar que as variantes inovadoras foram utilizadas pelos falantes com menor escolaridade, um fato já observado por Labov em suas pesquisas. A conclusão de Nunes (2014) foi a de que a variante canônica é a mais utilizada na amostra analisada, o que nos permite afirmar que aquela região denota ser mais conservadora no uso das sentenças negativas.

Nascimento (2014) escolheu o município de Vitória/ES para realizar um estudo acerca das negativas. A autora investigou como os fatores testados influenciavam no uso de uma ou outra variante, tomando por base o PortVix. No total, 18 falantes foram entrevistados, chegando ao total de 2263 de estruturas de construções negativas, distribuídas da seguinte maneira: negativas pré-verbais (1751/77,4%), negativas duplas (478/21,1%) e negativas pós-verbais (34/1,5%).

A autora realizou três rodadas: negativa pré-verbal *versus* dupla negativa + negativa pós-verbal; dupla negativa *versus* negação pré-verbal + negativa pós-verbal e, por último, negação pós-verbal *versus* dupla negação + negação pré-verbal. As variáveis selecionadas como relevantes nestas três rodadas foram: tipo de sequência discursiva, ausência ou presença de marcadores conversacionais, ausência ou presença de reforço negativo, tipo de oração *status* informacional do discurso e gênero/sexo.

Pode-se observar que a maioria dos estudos variacionistas até então apresentados foram realizados nas regiões Nordeste e Sudeste, confirmando que as demais regiões carecem de pesquisas acerca desse fenômeno. Porém, a nós cabe,

por hora, o estudo da comunidade de fala de Fortaleza e, embora o Nordeste seja contemplado com estudos dessa natureza, vimos que os questionamentos levantados por este projeto ainda se encontram sem respostas, o que nos motiva a explorar o referido município do ponto de vista sociolinguístico.

Fazendo um panorama do que foi visto, percebemos que os fatores internos atuam fortemente no condicionamento das variantes, principalmente, tipo de oração, tipo de sujeito e tempo verbal e, quanto às variáveis extralinguísticas, vimos que o *corpus* será determinante para a seleção de um ou outro fator. Observamos também que há uma tendência entre os estudos de realizarem análises em torno das variantes que classificamos como inovadoras, a fim de encontrar respostas às questões que as envolvem. Outro ponto que pudemos constatar foi a aparição da partícula negativa **num** e o efeito que ela tem, principalmente, no uso das negativas duplas.

Vimos anteriormente que as pesquisas, como as de Seixas, Alkmim e Chaves (2004), Reimann e Yacovenco (2012) e Santana e Nascimento (2011), são as que mais se aproximam da nossa, visto que os autores escolheram trabalhar com as variantes inovadoras que serão investigadas neste trabalho. Já o estudo de Roncarati (1997) analisou dados na comunidade de fala de Fortaleza, porém adotou a perspectiva, predominantemente, funcionalista. Alkmim (2001) estudou outras estruturas, além das variantes que também escolhemos para a nossa pesquisa, ampliando o leque de investigação sobre as negativas.

Souza e Lucchesi (2004), assim como Nunes (2004), levaram em consideração a construção *num* e investigaram quais os contextos favorecedores dessa ocorrência. Rocha (2013) pesquisou sobre as negativas, mas focou apenas nas negativas duplas, Soares (2009) estudou sobre os dialetos cearense e cariocas e quais as influências que um poderia sofrer do outro. Por fim, Nascimento (2014) investigou as três construções negativas, porém preferiu analisar a negativa dupla e negativa pós-verbal como se fossem uma variante única.

Após o estudo desses trabalhos apresentados, consideramos que seria importante estudar o comportamento do fenômeno com as três variantes que já foram mencionadas no início visto que elas são as mais comuns não apenas no PB, como também na comunidade de fala escolhida para a realização do nosso estudo. Acreditamos que, para esta pesquisa, não seria oportuno trabalhar com o operador de negação *num* nem com outras estruturas que possuem conjunções ou

preposições, já que o nosso trabalho é o primeiro que adota a perspectiva variacionista sobre as negativas sentenciais em Fortaleza/CE. Achamos necessário começar apenas com essas estruturas, para, em uma próxima oportunidade, afinarmos e respondermos as questões que envolvem o fenômeno.

Vimos que nem todas as regiões possuem trabalhos sobre as negativas sentenciais e que a maioria se concentra na região Sudeste. Constatamos também que alguns autores preferem trabalhar com as variantes inovadoras, principalmente as negativas duplas ou decidiram investigar outras estruturas além das que analisamos em nosso trabalho. No próximo capítulo, abordaremos alguns pontos pertinentes sobre a teoria que escolhemos para embasar as análises realizadas: a Teoria da Variação e Mudança Linguística.

3 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Os estudos linguísticos percorreram um longo caminho até chegarem aos dias atuais. Anteriormente, a língua era estudada de maneira inflexível e endurecida não correspondendo à realidade da linguagem. Com o passar do tempo, viu-se que esta abordagem estava equivocada e que a língua sofria influência dos falantes e, conseqüentemente, do meio social.

A década de 60 foi considerada crucial para este novo olhar dado à língua, devido ao surgimento de algumas disciplinas que se detiveram em reconhecer o lado externo da linguagem, contrariando os pensamentos imanentistas anteriores arraigados na Linguística Tradicional. Dentre esse novo quadro de disciplinas, encontra-se a Sociolinguística, que contempla a Teoria da Variação e Mudança Linguística, quadro teórico metodológico escolhido para esta pesquisa. Antes de conceituá-la, perpassaremos pela sua história, desde a concepção de língua que encontramos na Linguística até o momento em que os aspectos externos da língua entram em debate mudando os rumos dos estudos nessa área.

A Linguística, área que se detém a estudar fatos da linguagem em todos os seus aspectos, teve seu fastígio em meados do século XX com a publicação do afamado *Curso de Linguística Geral* (1916) de Ferdinand de Saussure que, por sua vez, assumiu posição por ora esclarecedora, por outra polêmica, apresentando uma das dicotomias mais complexas que essa ciência pode gerar: *langue* (língua) e *parole* (fala). Esta última, assume caráter individual, enquanto aquela mostra a língua enquanto **estrutura**. A obra póstuma de Saussure assume singularidade em torno de sua publicação, já que foi escrita por seus alunos a partir das aulas que tiveram com ele.

Com o intuito de estabelecer diferenças entre social e individual, Saussure escolhe a língua como objeto de estudo, considerando-a homogênea e livre de interferências externas, alegando que:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objetivo a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo- esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação – é psicofísica (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 51).

Embora seja um linguista que até hoje divide opiniões, destacamos a grande contribuição que Saussure deu, referente aos estudos da linguagem, pois abriu novos debates, originaram outras linhas de pensamentos, possibilitou visões distintas para o mesmo objeto (língua/linguagem), sendo que cada corrente teórica surgida posteriormente tem sua valoração e nenhuma se sobrepõe à outra.

Com a expansão do estruturalismo saussuriano que aqui no Brasil teve seu advento em 1960 (ILARI, 2011, p.53), outra dicotomia estabelecida no *Curso*, que gera até hoje discussões acerca do que postulou o autor, é sincronia e diacronia. A sincronia é “um **estado de língua**, que se imagina estático e discreto; sendo a abordagem histórica, ou **diacrônica**, secundária e suplementar, já que tem por base a comparação dos estados fixados ao longo do devir temporal” (LUCCHESI, 2004, p. 30-31, *grifos do autor*). O que interessava a Saussure era a sincronia, já que ela deixava de lado o caráter dinâmico da língua, fornecendo apenas dados de um determinado momento. Ilari (2011, p. 53) diz que

Muitos professores e pesquisadores que, naquela altura, já tinham uma larga experiência de investigação, foram atraídos pela nova orientação e a utilizaram para sistematizar suas doutrinas (o caso mais célebre é o de Mattoso Câmara Jr.); muitos jovens que se interessavam por literatura e haviam sido ensinados a encarar a linguística como uma disciplina auxiliar no estudo da poesia e da prosa literária inverteram suas prioridades, e passaram a encarar a descrição linguística como um objetivo autônomo; e muitos estudantes que chegavam então à universidade tiveram a ilusão (compreensível) de que os estudos da linguagem sempre haviam sido objeto de uma disciplina chamada linguística, identificada pura e simplesmente com a linguística estrutural. (ILARI, 2011, p. 53)

Mesmo com muitos seguidores, teria que haver algum momento em que o estruturalismo viesse a ser confrontado e questionado por aqueles que reconheciam a linguagem como sendo a construção de fatores internos e externos. Surge nesse cenário, o pesquisador William Brighth que, no ápice de suas inquietações, deu início, mesmo que de maneira tímida e não claramente delimitada, aos primeiros postulados da Sociolinguística. Vale ressaltar que Saussure reconhecia que existia um lado social na linguagem, porém, para o autor, não competia à Linguística o estudo dessa natureza externa (ILARI, 2011, p. 54).

Neste cenário, em meados de 1960, Labov, sob a orientação de Uriel Weinreich, entra em cena e despertou em muitos a vontade e necessidade de dar um novo foco à língua. O estudioso fez com que Weinreich percebesse que havia muito

mais do que postulou Saussure que considerava a variação linguística como “variação livre”. Sua famosa tese sobre a mudança fonética dos habitantes da ilha de Martha’s Veneyard deu-lhe o título de precursor da Sociolinguística. Labov destaca que as críticas feitas aos métodos linguísticos tradicionais não devem ser vistas como sugestões para que fossem abandonadas. (LABOV, 2008 [1972]).

Resistente ao termo ‘Sociolinguística’, durante muitos anos por acreditar “que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística que não é social” (LABOV, 2008 [1972], p.13), Labov, juntamente com Weinreich e Herzog, delimitou a correlação existente entre fatores sociais e linguísticos em torno da língua e aceitou que esse ‘novo termo’ representava não somente seus anseios, enquanto pesquisador, como também diferenciava suas pesquisas das propostas anteriores.

Nomeada pela tríade, Labov, Herzog e Weinreich, de Teoria da Variação e Mudança Linguística (2006 [1968]), essa área de estudos afirma que é inevitável trabalhar com amostras da língua falada em seu estado natural e desprezar o princípio de que não há interferência externa no sistema linguístico. Ou seja, faixa etária, escolaridade, nível socioeconômico, sexo, nível cultural, entre outros fatores, influenciam na maneira em que o indivíduo irá se portar linguisticamente. Porém, naturalmente, toda corrente teórica possui suas limitações e o trio elencou cinco problemas da Teoria da Mudança Linguística. Mais à frente, veremos detalhadamente, o que cada um deles quer dizer e qual sua importância nas pesquisas sociolinguísticas.

Os estudos feitos na Sociolinguística apontaram que o postulado de Saussure “variação livre” era equivocado, já que a variação era condicionada por fatores sociais ou linguísticos. Fischer (1958) afirmou que esse termo é um rótulo e não uma explicação, já que dizer que uma variação é “livre” não diz de onde vieram as variantes e nem porque os falantes a usam, mas sim exclui algumas questões da investigação.

Dessa maneira, dizer que a Sociolinguística estuda a relação entre língua e sociedade é conceituá-la genericamente (ALKMIM, 2001, p.23). Ela vai tornar objeto de estudo a língua em uso nos seus mais variados contextos, relacionando-a com os fatos sociais e vendo-a em seu caráter heterogêneo, trazendo, assim, novas perspectivas em relação ao que já tinha sido dito anteriormente sobre a língua.

Essa corrente linguística analisa, registra, investiga, explica os fatos da linguagem a partir dos seus falantes, os principais responsáveis pela criação e modificação de uma língua. Mollica (2010, p.9) afirma o seguinte:

A Sociolinguística estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

Como a citação acima informa, não se deve separar língua de sociedade, sendo que essa relação é indispensável, para que possamos entender determinados fenômenos linguísticos. Ao estudarmos a língua de uma comunidade, entramos em contato com sua cultura, seus costumes e sua ideologia. Alkmim (2001), acerca do termo *comunidade linguística*, esclarece que é através dela que o pesquisador irá realizar suas pesquisas. A autora diz que:

Pondo de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a *comunidade linguística*, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. (ALKMIM, 2001, p. 31).

A partir das citações de Mollica (2010, p.9) e Alkmim (2001, p.31), reconhecemos a amplitude do termo 'Sociolinguística', mas, mais do que isso, comprovamos a legitimidade de língua enquanto objeto de estudo científico, bem como admitimos a língua enquanto sistema organizado a tal ponto de seus interlocutores se comunicarem entre si, mesmo que não pertençam a uma mesma comunidade de fala.

Nota-se o quanto as autoras enfatizam o estudo da língua em relação ao aspecto social, sendo o ponto de partida o falante e a linguagem em uma determinada situação social.

Corroborando o que foi dito anteriormente, Labov também deixa claro que o termo sociolinguística soa como estranhamente redundante devido ao fato de a língua ser uma forma de comportamento social e que os seres humanos a utilizam

para comunicar suas necessidades, ideias, emoções e utilizam-na num contexto social. (LABOV, 2008 [1972]). O autor ainda propôs uma pesquisa em que o objetivo central fosse analisar fenômenos linguísticos e buscar no contexto social possíveis respostas que interferem na ocorrência de cada um desses fenômenos. Nesse modelo de pesquisa:

o pesquisador sociolinguista dispõe de uma variedade de métodos para analisar a linguagem em uso e as atitudes que nela estão expressas, fazendo com que alguns padrões sociolinguísticos só permitam ser observados de maneira sistemática através de um exame aprofundado de muitos discursos gravados e um bom entendimento sobre o lugar do falante em uma comunidade (MEYEHOFF, 2006, p. 1-2, tradução nossa²¹).

Com a citação anterior, vemos que, embora a variação linguística seja aparentemente um caos, ela é perfeitamente passível de sistematicidade, indo ao encontro do que diz Labov (2008 [1972], p. 238):

A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos [...] a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais.

É sabido que a Teoria da Variação e Mudança Linguística reconhece a importância do indivíduo enquanto falante, porém, esse não é o seu interesse maior. A comunidade de fala é o alvo da teoria, visto que é o local onde os falantes interagem, compartilham as mesmas regras linguísticas, bem como possuem avaliações formadas sobre esses usos recorrentes.

Certos de que é importante trazermos para a nossa pesquisa o conceito de comunidade de fala, valemo-nos da definição de Labov (2008 [1972], p.188-225):

Uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é bem mais definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua. [...] Os membros de uma comunidade de fala compartilham, sim, um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos uma variação altamente estratificada na fala real.

²¹ Trecho original: Sociolinguists use a range of methods to analyse patterns of language in use and attitudes towards language in use. Some sociolinguistic patterns can only be observed systematically through close examination of lots of recorded speech and a good understanding about the speaker's background or place in a community.

Como nos coloca Labov (2008 [1972]), os membros da comunidade de fala partilham dessas formas a respeito da língua, a partir do contato real, do seu uso cotidiano, da maneira mais natural possível. Nas relações estabelecidas na comunidade, os fenômenos ganham espaço e não apenas as variáveis linguísticas estão em jogo, como também todos os aspectos sociais daquela comunidade interferem nessas relações. Por isso, não se concebe uma pesquisa sociolinguística sem que possua o foco no vernáculo, ou seja, estilo em que o mínimo de atenção é dado ao monitoramento da fala (LABOV, (2008 [1972])), pois, se o contrário for realizado, não teremos resultados de conversações em situações naturais em que os falantes se encontram, mas sim de amostras de línguas artificiais e idealizadas pelo pesquisador.

A sociolinguística procura estabelecer quais são as características que um grupo de falantes compartilha para daí alicerçar suas pesquisas, relacionando o que, de fato, estaria atuando na variação e mudança linguística. As semelhanças e diferenças dos grupos de falantes são retiradas desses resultados, fazendo um compartilhamento de certos traços linguísticos que vão diferenciar um grupo de outro (WIEDEMER, 2008, p. 22).

Guy (2000) também fala das duas funções sociais que possui a comunidade de fala para a teoria sociolinguística. Ela fornece, primeiramente, uma base fundamentada que visa à explicação da distribuição social de semelhanças e diferenças linguísticas, a razão pela qual certos grupos de falantes compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos de falantes. Ela também fornece uma justificativa teórica para unir os idioletos de falantes individuais (que são os únicos objetos linguísticos cuja existência se pode realmente observar), em objetos maiores, as línguas (que são, na verdade, construções abstratas).

Labov (2006) afirma que grupos que vivem em um contato estreito estão participando rapidamente de alterações linguísticas que, conseqüentemente, levam ao aumento da diversidade ao invés da uniformidade. Ressalta ainda que o número crescente de alternâncias encontrado na fala do indivíduo é devido, principalmente, aos fatores externos à linguagem como estilo, cultura, mudança de tempo e não de uma parte da estrutura da língua.

Dentro do que chamamos variação linguística, existem conceitos que são primordiais serem elucidados, para que possamos passar adiante nas discussões acerca da Teoria da Variação e Mudança Linguística como, por exemplo, o termo

“variável”, que pode ser dependente ou independente, que significa fenômeno em variação ou grupos de fatores (MOLLICA, 2010, p. 11).

A variável dependente é o fenômeno no qual o investigador se detém, por exemplo, *as estratégias de negação sentencial* e as variáveis independentes são também chamadas de grupos de fatores que “podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos” (MOLLICA, 2010, p. 11). Por exemplo, faixa etária e tipo de oração são variáveis que condicionam o uso de uma ou outra variante do fenômeno citado anteriormente.

Outro conceito crucial a ser retomado por nós é o de *variantes linguísticas* que têm o mesmo significado ou valor de verdade (LABOV, 2008 [1972], p.250), sendo que o conjunto delas, forma uma variável linguística. Essas formas individuais que disputam a mesma variável, embora sejam ditas em um mesmo contexto e mantenham o mesmo referente, podem receber valorações distintas por parte da comunidade de fala.

Após assumir a heterogeneidade linguística como foco, Labov postula que nem a variação nem a mudança linguística ocorrem pela “mera distribuição de uma forma isolada por outra” (CAMACHO, 2013, p. 97), os mecanismos linguísticos estão dispostos para todos os falantes, a partir da necessidade de cada um desses mecanismos ainda permanecerem no sistema ou passarem por uma mudança, no caso, a linguística.

Com tantas mudanças acontecendo no sistema linguístico, as variantes coexistem em um mesmo espaço. Concorrendo até o ponto de uma ‘vencer’ a outra, até que essa mudança seja definitiva, naturalmente, ocorrem alguns problemas. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]) elencaram cinco deles a serem resolvidos que envolvem a mudança linguística. Vejamos, então, o que os autores falam a este respeito e porque são fundamentais para a teoria que defenderam.

O **primeiro** problema, o dos fatores, tem o objetivo de determinar o conjunto das mudanças em relação as condições possíveis delas. É necessário definir bem os fatores linguísticos e extralinguísticos, assim como observar toda possível combinação entre esses fatores.

O **segundo** problema é o de transição em que processos de mudança ocorrem simultaneamente e seria necessário saber onde está exatamente a mudança de A para B. Os autores afirmam que, através da observação *in vivo*, palavras e/ou expressões que estão perdidas no passado poderão ser resgatadas.

O **terceiro** problema diz respeito ao encaixamento, segundo o qual as variáveis são fenômenos intrinsecamente linguísticos e sociais, portanto devem estar encaixadas tanto na estrutura linguística como na social.

O **quarto** problema é o de avaliação. Aqui é levada em consideração a avaliação que o falante tem de uma determinada variante. Vai depender de sua avaliação se a variante poderá ser considerada estigmatizada ou prestigiada²², que exerce influência no curso da mudança.

O **quinto** e último problema é o de implementação que trata da procura por motivos de uma determinada mudança acontecer em um local específico, sendo que outra comunidade oferece o mesmo contexto para a mesma mudança. Seria necessário pormenorizar o estudo dos casos e ver o que realmente levou à mudança.

Tomando como base os cinco clássicos problemas que se propõem a resolver as questões relacionadas à mudança, trazemos, para a discussão, o fenômeno que propomos estudar. Primeiramente, procuramos definir bem quais os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem ou não estar favorecendo as possíveis condições de mudança da forma canônica de negação para as formas inovadoras. Também nos deteremos em investigar em que ponto as variantes inovadoras passaram a concorrer diretamente com a variante conservadora, para que analisemos quais marcas linguísticas e sociais as sentenças negativas carregam.

Destarte, a mudança linguística está envolvida em impasses que estudiosos e pesquisadores tentam resolver a cada estudo feito. Ela revela que o estudo da linguagem também possui sua complexidade e que a língua precisa ser estruturada, bem como o processo social ao qual ela pertence precisa ser reconhecido como atuante em seu uso.

Assumindo o caráter universal da mudança linguística, Labov (1999 [1994]) comenta sobre dois tipos de mudança linguística; em tempo real e em tempo aparente. O primeiro tipo, em linhas gerais, representando a diacronia, concerne à evolução da língua no decorrer histórico. O autor aponta duas abordagens para se fazer esse tipo de estudo: a primeira é realizar um estudo com a comunidade em questão e comparar com os dados anteriores nela coletados. A segunda, mais difícil,

²² Entende-se por variante de prestígio aquela em que a sociedade atribui juízo valorativo maior do que a estigmatizada. Geralmente são utilizadas por pessoas com alto grau de escolaridade ou que possuem *status* social significativo. As variantes estigmatizadas, por sua vez, são aquelas que geralmente são faladas por falantes dos estratos mais baixos da população e não aceitas pelas camadas mais altas da sociedade, sendo eles de situação econômica superior ou puristas linguísticos (MONTEIRO, 2000, p.65).

seria o pesquisador retornar à comunidade de fala depois de um longo período de ausência e verificar o que permaneceu e o que mudou.

O segundo tipo de mudança, tempo aparente ou lado sincrônico, é o que caracteriza o nosso estudo por avaliarmos um *corpus* em que três faixas etárias estão coexistindo e que também será um fator levado em consideração na análise.

Sobre mudança em tempo aparente, o autor questiona o fato de a mudança em curso ser passível de observação, salientando que perceber qualquer alteração na língua não é tarefa fácil. A mudança em tempo aparente, diferente da que ocorre em tempo real, é observada a partir da investigação da fala de duas faixas etárias opostas (jovens e velhos) e as diferenças encontradas são as mudanças linguísticas.

Labov (1994, p. 56) faz ainda uma ressalva, a de que é necessário que haja mobilidade social de acordo com a mudança de idade. Por exemplo, caso exista evolução na idade e não haja mudança de hábito linguístico, fica caracterizada apenas como uma variação própria de cada faixa etária. Para início, é necessário começar com uma amostra representativa da comunidade e o pesquisador deve observar como ela se comporta, observando suas habilidades. A partir daí, decide-se se aquela amostra já é suficiente ou se será preciso realizar uma segunda coleta.

O autor destaca também a dificuldade de obter boas amostras de fala espontânea de falantes entre 70 e 90 anos, pelo fato de alguns já estarem com alguns problemas físicos que interferem na voz ou possuem algum problema mental, podendo ter sua entrevista descartada. Por outro lado, existem muitas pessoas mais velhas que possuem condições de realizarem uma entrevista por muitas horas, inclusive, dando maior riqueza de detalhes de narrativas pessoais e da própria comunidade que facilita a análise do fenômeno estudado.

Em relação aos mais jovens, Labov (1994) afirma que alguns resultados parecem indicar que os adolescentes e pré-adolescentes são os que estão mais à frente no progresso da mudança de som. Portanto, pesquisar em grupos com idade entre 8 e 11 anos não é garantia de retrato linguístico mais próximo da realidade da comunidade. À primeira vista, pode parecer não haver dificuldades em realizar uma pesquisa em mudança aparente, já que seria necessário apenas grupos de faixas etárias equilibradas e quantidade de variáveis médias para a análise. No entanto, pode haver, por exemplo, um descompasso em relação aos números de falantes pertencentes ao mesmo grupo etário ou distribuição não uniforme nas variáveis sexo

e classe social. Caberá ao pesquisador observar esses detalhes para que não prejudiquem no resultado final do trabalho.

A pesquisa em tempo aparente se torna necessária quando não há dados reais disponíveis e há muito o que ser discutido sobre faixa etária e qual sua influência na comunidade de fala. Juntamente com a pesquisa em tempo real, ela fornece não somente um retrato atual de fenômenos linguísticos, mas também oportuniza aos pesquisadores voltar a ela depois de um determinado tempo, a fim de perceber o que mudou e o que permaneceu.

Acreditando que a heterogeneidade linguística pode ser perfeitamente ordenada e analisada, Labov cria um modelo de pesquisa que inovará com todas as acepções que se tem de língua: a metodologia variacionista. Sobre isso, Tarallo (1986) afirma que:

O modelo teórico metodológico da sociolinguística parte do objeto bruto, não-polido, não aromatizado artificialmente. [...] A língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (o que) sem a preocupação de enunciá-los. (TARALLO, 1986, p. 18-19).

A citação acima mostra o foco da pesquisa variacionista: o vernáculo, ou seja, situações em que o grau de monitoramento do falante é mínimo. Depois de compreender o significado do vernáculo, o investigador precisará escolher com qual comunidade de fala irá trabalhar, para posteriormente escolher qual fenômeno será alvo de sua investigação. A escolha da variável a ser estudada vai depender dos objetivos do pesquisador e ela pode ser feita através de observação empírica ou por meio de levantamento de estudos que já foram realizados na comunidade de fala pretendida.

Uma vez escolhidas as variáveis e variantes com as quais irá trabalhar, o investigador deverá compilar toda a literatura disponível daquele fenômeno, familiarizando-se com ela para só após levantar suas hipóteses e partir para o campo munido de gravador, já que o meio em que ele irá coletar os dados será através das entrevistas. Nelas, o documentador visa a reunir o máximo de informação linguística de um falante da maneira mais natural possível. Eis que surge o paradoxo do observador: uma vez que se pretende estudar a língua em situações naturais de comunicação, como seria possível amenizar a presença do pesquisador, sendo que

ele interfere naturalmente, pois o falante automaticamente monitorará sua fala diante de uma pessoa e um gravador? (TARALLO, 1986).

O investigador deverá então suscitar, ao falante, lembranças que façam com que ele deixe de lado o monitoramento da fala e concentre-se *no que* está sendo dito e não em *como* está sendo dito. Por exemplo, ele pode perguntar ao falante se ele já se encontrou em alguma situação em que achou que iria morrer ou algum momento de tristeza. São episódios que reportam o falante para um momento em que o fará reviver as emoções anteriores e conseqüentemente o lado emocional falará mais alto, trazendo momentos de fala espontânea.

Os falantes, para essas entrevistas, são devidamente selecionados por meio das “células sociais” (TARALLO, 1986, p.28), cruzando as informações dos grupos de fatores, perfazendo um total de quantos informantes o investigador necessitar para viabilizar sua pesquisa.

Após as entrevistas e coleta de dados, parte-se para a análise do que foi colhido dos informantes. Dependendo do estudo, o pesquisador submete esses dados a um *software* programado especificamente para pesquisas linguísticas, o que seria a ação mais viável tendo em vista que o programa fornecerá a estatística do fenômeno de maneira coerente, fazendo com que ele confirme ou não suas hipóteses e conclua afirmando se o fenômeno em estudo é variação permanente ou mudança em progresso.

Ressaltamos que o nosso estudo se caracteriza por pesquisar o falar popular da cidade de Fortaleza. Sobre o desenvolvimento do português popular do Brasil, Naro e Scherre (2007, p. 47) afirmam que:

A língua portuguesa falada em Portugal antes da colonização do Brasil já possuía uma deriva secular que a impulsionava ao longo de um vetor de desenvolvimento; No Brasil, esse vetor se encontrou com outras forças que reforçavam e expandiam a direção original; No início, uma dessas forças era a pidginização, que exercia uma influência sobre o português através da língua geral tupi e da “língua de preto” europeia, revivificada no Brasil originalmente para o uso com os ameríndios (NARO; SCHERRE, 2007, p. 47).

Os autores ainda abordaram que os efeitos da aprendizagem do português como segunda língua foram documentados parcialmente e que, se existiu uma verdadeira língua crioula, de “léxico português e gramática africana”, não deixou

rastros na documentação e sua possível influência no desenvolvimento do nosso português seria indistinguível da de outros eventuais pidgins ou crioulos de base não europeia (NARO; SCHERRE, 2007, p. 47).

Ao voltar para o nosso terceiro objetivo específico, vemos que pretendemos analisar o fenômeno com o intuito de sabermos se ele se encontra em **variação estável** ou aponta para um quadro de **mudança em progresso** com base na amostra examinada. Dizer que um fenômeno está em variação estável é ver que ele está bem demarcado por grupos sociais ou regionais. Por exemplo, se constatarmos que uma variante conservadora está sendo mais utilizada por falantes mais escolarizados, mais velhos e de classe alta, e se a variante estigmatizada está sendo frequentemente utilizada por falantes com menos tempo de escolaridade, situação econômica inferior e mais jovens, poderemos afirmar que esse fenômeno está em variação estável.

Para que se possa chegar à determinada conclusão, o pesquisador deve conhecer bastante a comunidade de fala, bem como a seleção de dados feita. Lucchesi (2012, p. 799-800) diz que:

O indivíduo, ao entrar no mercado de trabalho, sofre pressões sociais, o que o leva a alterar o seu comportamento linguístico em direção às variantes de maior prestígio social. Com a aposentadoria, essas pressões sociais cessam, e o indivíduo relaxa o monitoramento sobre seu comportamento linguístico, fazendo com que ele se aproxime do nível de uso das variantes linguísticas que tinha na juventude, antes de fazer o movimento em direção ao mercado de trabalho. Isso explicaria por que jovens e idosos apresentariam índices mais baixos de uso das variantes de prestígio do que os falantes de meia idade. Como esse padrão tende a se repetir pelas gerações seguintes, estaria configurada uma situação de *variação estável*. (Grifos do autor).

Com essa citação, vemos, mais uma vez, como a língua é controlada por pressões sociais, o que faz com que o falante se utilize da variante que mais achar adequada para as determinadas situações comunicativas com intuito de se inserir no grupo ao qual deseja fazer parte. Dizer que língua e sociedade estão intimamente interligadas é corroborar com o que Lucchesi (2012) disse e é, ainda, perceber que uma não ocorre sem a outra.

Em relação ao estudo da mudança em progresso, seu início aconteceu quando Labov filiou-se a Gauchat- seu trabalho foi o primeiro estudo que tomou como objeto a mudança linguística em progresso- ao analisar a variação em seis traços fonológicos na comunidade suíça de Charmey- para “rever a ideia até então

predominante de que a mudança linguística não podia ser estudada diretamente, e sim somente após estar concluída” (LUCCHESI, 2004). Foi nesse momento que surgiu o termo ‘tempo aparente’, já que a saída encontrada foi o estudo de um dado fenômeno por um tempo determinado.

Labov (2008 [1972], p. 173) afirma que grupos que possuem contato estreito podem participar de mudanças linguísticas rápidas que levam à crescente diversidade, em lugar de uniformidade. Portanto, conclui-se que a mudança linguística é o resultado da interação social. É a partir dessa troca que há uma partilha de conhecimentos, experiências, ideologias que têm influência sobre os falantes que procuram se inserir na sociedade por meio da língua.

Examinar se um fenômeno se encontra em mudança em progresso, exige paciência do investigador que não somente pesquisa e coleta dados, mas precisa observar em que ponto do fenômeno ocorre a mudança e o que estaria provocando essa alteração. Labov (2006 [1966]) afirma a existência de inúmeros estudos sobre a mudança linguística, mas poucas são as comunidades sistemáticas em que o pesquisador se deteve em analisar o discurso de sucessivas gerações, a fim de estudar o desenvolvimento da mudança. O autor ainda diz que as observações acerca das diferenças entre falantes mais velhos e mais jovens existem em quantidade significativa, mas as investigações acerca da mudança linguística em comunidades sistemáticas são em pouca quantidade.

Todo o quadro de mudança linguística não se dá de um dia para o outro, de maneira súbita. Existem duas variantes de uma mesma variável que concorrem entre si. A competição dessas variantes não tem tempo limitado e pode levar anos ou até décadas até se configurar uma mudança ou não. De fato, quem determina esse quadro é o falante, pois é ele quem, a partir de suas necessidades, irá usar uma variante ou outra.

A variação e mudança linguística possuem uma dualidade que tanto enriquecem como deixam mais complexa a relação entre língua e sociedade: de um lado, temos o sistema linguístico heterogêneo repleto de fenômenos que carecem de análise e, por outro, um falante que pertence a uma comunidade de fala que dispõe desse sistema linguístico e o usa de acordo com suas demandas. Essa dualidade é o que conduz o pesquisador a investigar os mais diversos fenômenos variacionistas em todos os níveis linguísticos.

O aparato teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística fornece respostas a alguns fenômenos, mas, por outro lado, suscita dúvidas em pesquisadores, tornando-a uma das teorias mais respeitadas e utilizadas por aqueles que se dedicam a compreender que a heterogeneidade linguística, embora possua esse nome, possa ser perfeitamente ordenável. Explorar as diversas comunidades disponíveis no PB, por meio da variação linguística existente em cada uma delas, talvez tenha sido o maior desafio dos pesquisadores em Sociolinguística do Brasil. Contudo, as questões que são levantadas através dessas investigações contribuem não apenas para o mapeamento desses fenômenos no PB, como também para as discussões que rodeiam essa teoria que a cada dia conquista mais adeptos.

Após apresentarmos alguns pontos pertinentes sobre a teoria escolhida para esta pesquisa, passaremos o foco para a metodologia adotada por nós com base no tipo de pesquisa, *corpus*, comunidade de fala, análise estatística e outros detalhes que serão elucidados no próximo capítulo.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentaremos o tipo de pesquisa adotado por nós, o *corpus* escolhido e a amostra selecionada com a qual trabalhamos. Além disso, comentaremos alguns pontos sobre a cidade de Fortaleza e descrevemos o nosso envelope de variação. Também explicaremos como realizamos o levantamento de dados e como os fatores foram codificados. Por fim, apresentaremos a ferramenta estatística usada nas análises.

4.1 TIPO DE PESQUISA

A nossa pesquisa assume caráter quantitativo, pois lida com uma grande quantidade de dados da língua natural. Por meio de análises quantitativas, é possível comprovar a centralidade da variação linguística, bem como o controle dos possíveis fatores internos e externos que cercam o fenômeno. Guy e Zilles (2007, p.73) acreditam que:

A realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística. A variação linguística, entendida como alternância entre dois ou mais elementos linguísticos, por sua natureza, não pode ser adequadamente descrita e analisada em termos categóricos ou estritamente qualitativos.

Esse modelo revela a língua em sua heterogeneidade, a partir de suas relações com a sociedade, mostrando assim, caráter dinâmico, pontuando seu principal desafio: o de encontrar determinadas explicações para fenômenos linguísticos por meio da língua e da estrutura social. Diante disso, Guy e Zilles (2007, p.19) afirmam que:

Para desvelar tanto a estrutura linguística quanto a estrutura social, devemos, necessariamente, coletar grande quantidade de dados de muito indivíduos; conseqüentemente, devemos enfrentar problemas ligados a controle de qualidade e confiabilidade, a manuseio e apresentação de dados, e a interpretação e inferência. Logo, parece justo dizer que toda pesquisa dialetal, seja ela geográfica ou social, é inerentemente quantitativa.

Como vimos na citação anterior, a pesquisa sociolinguística quantitativa exige grande número de informantes, que nos possibilita ter uma visão mais ampliada acerca do fenômeno, bem como afirmar com certeza até que ponto o fenômeno é categórico ou variável. Portanto, o objeto de estudo desse modelo de pesquisa é a língua falada em situações corriqueiras do cotidiano no momento em que os falantes interagem uns com os outros. Sobre isto, Tarallo (1986, p.18) afirma que:

O modelo teórico-metodológico da sociolinguística parte do objeto bruto, não-politizado, não- aromatizado artificialmente. Em poucas palavras, dentro do modelo de análise proposto nesse volume, o objeto – o fato linguístico- é o ponto de partida e, uma vez mais, um porto ao qual o modelo espera que retornemos, sempre que encontramos dificuldades de análise.

Embora seja chamada de pesquisa quantitativa, o principal objetivo do pesquisador sociolinguista não é a reunião de números em forma de estatísticas, mas sim usá-los como constatação nas análises conscientes que serão feitas da variável dependente e das variantes.

Eis, então, que nos deparamos com um dos principais problemas encontrados na pesquisa sociolinguística: a significativa quantidade de dados e como fazer para que se possa apresentar resultados com credibilidade. Para isso, o pesquisador conta com o *software* GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005) que oferece estatísticas que são fundamentais para a compreensão do fenômeno. Em consonância com o que foi dito anteriormente, Naro (2010, p.16) afirma que “o problema central que se coloca para a Teoria da Variação é a avaliação do *quantum* com que cada categoria postulada contribui para a realização de uma ou outra variante das formas em competição”.

Na próxima seção, apresentamos o nosso *corpus* e como foi construída a amostra analisada neste trabalho.

4.2 O CORPUS E A AMOSTRA

Como vimos na seção anterior, a pesquisa sociolinguística serve-se da fala espontânea na busca de fenômenos que possam descrever o PB. O mapeamento das variedades existentes no país se concretiza à medida que banco de dados em uma comunidade de fala são constituídos e estudados. Quanto mais os procedimentos

metodológicos utilizados nesses bancos forem semelhantes, maior será a realização de estudos contrastivos entre as variedades, o que possibilitará descrição significativa do falar brasileiro (FREITAG, MARTINS e TAVARES, 2012, p. 917).

Ter acesso a um banco de dados permite que conheçamos a fala de uma comunidade bem como a sua cultura, ideologias e pensamentos. É por meio dele que o instinto do pesquisador será aguçado para detectar fenômenos mais característicos da comunidade de fala e terá algumas pistas de quais variáveis deverá controlar em sua análise. Como alguns bancos de dados possuem grandes quantidades de ocorrências, alguns pesquisadores optam por utilizarem apenas uma amostra significativa que representará o todo, como é o caso da nossa pesquisa.

A amostra analisada no nosso trabalho foi retirada do NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), que é um *corpus* constituído com o suporte da Universidade Estadual do Ceará, sob a coordenação da professora Dra. Aluíza Alves de Araújo, que teve a contribuição do professor Kilpatrick Müller Campelo, na época, professor substituto da UECE e dos alunos da graduação do curso de Letras (ARAÚJO, 2007, p. 836).

Diante da inexistência de um banco de dados que desse conta do falar popular da capital cearense no sentido de controlar as variáveis sexo, faixa etária e escolaridade, o NORPOFOR foi criado. Esse projeto segue todos os preceitos da Sociolinguística Variacionista, visto que trata de um retrato fiel das falas coletadas de uma determinada comunidade de fala, no caso, a comunidade de Fortaleza/CE. Vejamos a seguir, uma sucinta descrição desse banco de dados.

Quanto ao perfil dos 198 falantes que compõem o NORPOFOR, temos pessoas que são da cidade de Fortaleza ou que, no máximo, com cinco anos de idade vieram morar na capital. Com o intuito de evitar interferências de outros falares, esses informantes foram selecionados de acordo com o tempo em que passaram fora da cidade, que não poderia ser superior a dois anos consecutivos. Todos eles possuem pais cearenses e, no período em que foram realizadas as coletas, moravam em Fortaleza, de acordo com Araújo (2011, p.836).

No que diz respeito às gravações, o projeto NORPOFOR é constituído por três tipos de gravações: DID (Diálogo entre Informante e Documentador); D2 (Diálogo entre Dois informantes) e EF (Eloquções Formais). Conforme Araújo (2011, p. 838 e 839), os informantes estão distribuídos de acordo com a faixa etária, o sexo, a escolaridade e o tipo de registro, como podemos visualizar no quadro que traz a

distribuição dos informantes, no NORPOFOR, de acordo estas variáveis. Diante do que o NORPOFOR nos ofereceu, conseguimos montar uma amostra que abarcasse todos os perfis advindos de bairros pertencentes à todas as regionais de Fortaleza.

Quadro 1 - Distribuição dos informantes por sexo, faixa etária, tipo de registro e escolaridade do NORPOFOR

	Gênero																	
	Masculino									Feminino								
Registro	DID			D2			EF			DID			D2			EF		
Escolaridade Faixa etária	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C	A	B	C
I	5	4	5	4	4	5	2	2	4	4	5	4	2	5	5	0	0	2
II	4	5	5	4	4	4	4	3	4	5	5	5	4	5	5	0	5	4
III	5	6	5	3	3	4	3	2	1	4	5	4	4	5	4	1	1	1

Fonte: Araújo (2011, p. 839)

Quanto à localidade dos informantes do referido banco de dados, eles são provenientes de 69 bairros da capital, distribuídos em seis regionais (ARAÚJO, 2011, p. 839). Na nossa amostra, em relação à localidade, temos 11 informantes da SER I, 1 da SER II, 19 da SER III, 10 da SER IV, 7 da SER V e 5 da SER VI. Os onze da SER I são provenientes dos bairros Álvaro Weyne, Barra do Ceará, Monte Castelo e Otávio Bonfim; o da SER II é da Praia do Futuro; os dezenove da SER III são dos bairros Henrique Jorge, Planalto do Pici, Antônio Bezerra, Jockey Clube, Bonsucesso, Quintino Cunha, Bela Vista e Parquelândia; os dez da SER IV são da Parangaba, Demócrito Rocha, Serrinha e Alto Alegre; os sete da SER V são Mondunbim, Parque Santa Rosa, Parque São José e Conjunto José Walter e, por fim, os cinco da SER VI são da Messejana.

Diante dos tipos de entrevistas disponíveis, optamos por desenvolver nossa pesquisa apenas com o D2, por ser o tipo de inquérito em que as conversas entre os dois informantes fluem de uma maneira natural, posto que os dois entrevistados, necessariamente, tinham que ser parentes ou amigos, o que reduzia ou eliminava o monitoramento linguístico entre os informantes (ARAÚJO, 2011, p. 842). Nesse tipo

de inquérito, notamos que o documentador não interferiu nas gravações e só participou quando os informantes, sem assunto, solicitavam sua ajuda ou quando queria incentivá-los a conversar. Todos os documentadores das entrevistas do NORPOFOR foram devidamente orientados a procederem da mesma forma, de modo que o padrão de qualidade de cada entrevista fosse o mesmo.

Araújo (2011, p.839), nos esclarece ainda que os informantes do NORPOFOR apresentam um baixo nível socioeconômico, levando em conta a quantidade de filhos do informante, a sua profissão, a do cônjuge e a dos seus pais.

Antes das gravações, os falantes preencheram uma ficha em que descreveram suas características socioeconômicas e culturais, o que permitiu ao entrevistador conhecer mais o entrevistado. Embora tenhamos tido acesso às transcrições de todas as entrevistas do *corpus*, decidimos também ouvir todos os inquéritos, a fim de sanar possíveis enganos cometidos pelos transcritores, dando mais credibilidade aos dados coletados.

A partir da distribuição dos informantes do NORPOFOR, vista anteriormente, fizemos um recorte para compor a nossa amostra que conta com 53 informantes, estratificados segundo o sexo (masculino e feminino), a escolaridade (0 a 4 anos, 5 a 8 anos e 9 a 11 anos) e a faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e a partir de 50 anos). A título de melhor visualização, mostraremos abaixo, no quadro 2, os nossos informantes devidamente distribuídos.

Quadro 2- Distribuição dos informantes de acordo com as variáveis sociais controladas na nossa amostra

		Sexo					
		Masculino			Feminino		
Escolaridade	Faixa etária	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos	0 a 4 anos	5 a 8 anos	9 a 11 anos
			15 a 25 anos	3	3	3	2
	26 a 49 anos	3	3	3	3	3	3
	a partir dos 50 anos	3	3	3	3	3	3

Fonte: elaboração da própria autora

A partir da visualização do quadro 2, vemos que os informantes foram distribuídos de maneira equilibrada, exceto na célula que apresenta as seguintes características: sexo feminino, escolaridade 0 a 4 anos e faixa etária de 15 a 25 anos. Esse desvio de distribuição se justifica pelo fato de termos apenas dois informantes nesta célula no *corpus* todo. Ressaltamos que isso não prejudicará as rodadas visto que o Goldvarb X tolera pequenos desvios de distribuição nas células (GUY e ZILLES, 2007).

Também tivemos acesso às fichas dos informantes, a fim de traçarmos um perfil dos informantes escolhidos. Na nossa próxima subseção, falaremos um pouco sobre o município de Fortaleza, comunidade de fala alvo da nossa pesquisa.

4.3- O MUNICÍPIO DE FORTALEZA/CE

Nesta seção, não objetivamos realizar um levantamento histórico da cidade de Fortaleza, mas sim expor algumas características geográficas e sociais que consideramos pertinentes.

Capital do estado do Ceará, Fortaleza é considerada, atualmente, uma das cidades mais desenvolvidas do país. A partir dos anos 50, o município passou por um grande crescimento, sendo considerado fortemente como o principal centro urbano do Ceará. Em Farias (2012), encontramos que esse crescimento se deu, sobretudo, pelas migrações rurais, já que a crise na agricultura ocasionou o êxodo rural.

O mesmo autor diz que, na década de 60, a capital ganhava importância não só pelo crescimento populacional, mas também pelo fato de a cidade receber os maiores investimentos do Estado e era palco da concentração de atividades político-administrativas, econômicas e sociais. Fortaleza era considerada um município muito influente não somente no estado como também em outros estados do Nordeste, como Piauí, Paraíba e Rio Grande do Norte. Quanto mais Fortaleza crescia, mais atraía olhares de pessoas interessadas em morar nessa capital.

Embora não tivesse muitas opções na época, Fortaleza era um espaço de lazer. Um dado curioso é que todas as atividades de lazer das pessoas financeiramente ricas eram consideradas modernas e de bom-gosto, enquanto a presença de negros e mulatos nas festas e praças públicas era mal vista pelas famílias, sendo eles alvo de grande preconceito.

Na década de 80/90, Fortaleza tornou-se uma área de importância comercial principalmente para os mais pobres. Ao longo do século XX, houve uma valorização da faixa marítima e reconhecimento do turismo, chamando a atenção os hotéis luxuosos que compunham a cidade. No último censo, realizado em 2010 pelo IBGE, Fortaleza contava com 2.452.185 habitantes. A capital hoje se destaca por sua economia desenvolvida e por atrair turistas o ano inteiro.

No que tange ao desenvolvimento regional, Fortaleza começa a se desenvolver significativamente a partir do século XIX, segundo Diógenes (2005). A autora afirma que:

A ocupação da zona leste de Fortaleza ocorreu quando a população de mais alta renda resolveu deixar o centro à procura de locais mais aprazíveis para morar, e como forma de fugir dos transtornos causados pelo comércio emergente. Forma-se então o bairro da Aldeota, que logo se expande na direção leste, em áreas até então desocupadas, sobretudo a partir dos anos 30, com loteamentos consecutivos, favorecidos pela topografia plana da cidade. De bairro essencialmente residencial unifamiliar, transformou-se nas últimas décadas num novo centro urbano, elitizado e diferenciado no contexto da cidade. (DIOGENES, 2005, p.1)

A autora ainda afirma que as famílias consideradas ricas, ao migrarem para bairros como Aldeota, começaram a formar novos centros urbanos na cidade de Fortaleza. Já as famílias mais pobres ficavam no entorno desses novos centros ou concentradas no Porto das Dragas, litoral central de acordo com as autoras Araújo e Carleial (2003).

Em Araújo e Carleial (2003), encontramos o que as autoras chamam de ‘o mito das duas cidades’: o Oeste da cidade seria o lado pobre e o Leste, o lado rico. As autoras revelam que, nos bairros pertencentes a cada uma dessas zonas, moram pessoas que possuem rendas diferentes e elas podem ou não ter acesso aos serviços sociais de boa qualidade. Toda a segmentação que encontramos em Fortaleza, deve-se ao fato da segregação espacial pela qual ela passou.

As autoras pontuam que, até os anos trinta, o centro da cidade concentrava sua população e o comércio; e, na periferia a oeste, no bairro industrial Jacarecanga, o sítio das famílias dos empresários; e, no Benfica, ficava o logradouro de grandes proprietários de terra. Nas décadas seguintes, Fortaleza passou por uma mudança no uso do solo urbano com a transferências de famílias ricas para o leste da capital. Aos poucos, houve uma migração dos capitais comerciais para outros bairros,

notadamente para a Aldeota, que já se mostrava área de expansão urbana a leste do Centro.

É válido ressaltar que, com a expansão do bairro Aldeota, muitas outras obras aprovadas, como bancos e escolas, foram realizadas, o que oportunizou a esses moradores acesso a serviços de boa qualidade. Já nos bairros mais pobres, supermercados, por exemplo, eram raros de ser encontrados e somente farmácias poderiam ser vistas naqueles bairros (ARAÚJO; CARLEILAL, 2003). Ainda de acordo com as autoras, a ocupação de bairros como Edson Queiroz e Água Fria se deu através da migração dos moradores que tiveram que deixar seus bairros para construções como Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e Centro de Convenções.

O preço de apartamentos e casas em Fortaleza também era propositalmente alto, para que só pudessem ter acesso as pessoas que possuíam poder econômico elevado, fazendo, assim, com que os mais pobres procurassem morar em bairros mais simples que pudessem pagar. A partir dos anos 90, as diferenças foram se acentuando mais ainda e bairros como Aldeota, Mucuripe, Dionísio Torres e Praia do Futuro apareciam como os mais ricos da cidade por abrigarem moradores com renda alta; já Pirambu, Cristo Redentor, Barra do Ceará, Jardim Iracema, Jardim Guanabara, Quintino Cunha, Conjunto Ceará I, Granja Portugal, Bom Jardim, Parque Santa Rosa e Mondubim comportam moradores com renda financeira mais baixa, segundo Araújo e Carleial (2003), que se basearam nos dados do Censo 2000.

Como dissemos no início, não tínhamos o objetivo de descrever, historicamente, o município de Fortaleza, por não ser esse o foco desta pesquisa, mas ainda sim, achamos pertinente elucidar alguns pontos da criação de seus bairros o que significa a distribuição de nossos informantes por todas as regionais. Nossa próxima seção traz a variável dependente e as variáveis independentes com as quais iremos trabalhar, bem como as hipóteses que elaboramos, ao decidir controlar cada uma delas.

4.4 VARIÁVEIS

4.4.1 Variável dependente

A variável dependente desta pesquisa é a negação sentencial, composta pelas seguintes variantes:

(NEG1) Negação pré-verbal (NEG + V)

(04) *não era um problema de família que deveríamos enfrentar [...] (Inq. 04)*²³

(NEG2) Negação dupla (NEG + V + NEG)

(05) [...] *a galera daqui não julga não [...] (Inq. 14)*

(NEG3) Negação pós-verbal (V+NEG)

(06) [...] *eu ia jogar esse campeonato não (Inq. 50)*

4.4.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes selecionadas para esta pesquisa foram escolhidas com base em outros trabalhos que as apontaram como relevantes para a análise do fenômeno. Foram elas: tipo de oração, estrutura do verbo, tipo de verbo, tempo verbal, tipo de sujeito, tipo de frase e outros termos negativos (linguísticas) e faixa etária, escolaridade e sexo (extralinguísticas). A seguir, detalharemos cada uma delas.

4.4.2.1 Variáveis linguísticas ou internas

As variáveis linguísticas atuam como forças dentro da língua (COELHO *et al.*, 2015, p.37), ou seja, é a dimensão interna, os condicionadores internos que irão exercer influência no uso das variantes. Eles podem ser de níveis distintos, como: lexical, semântico, morfológico, fonológico e outros a depender do fenômeno que se pretende pesquisar. Os que iremos controlar são:

²³ Todos os fragmentos de transcrições expostas neste capítulo foram retirados da nossa amostra, presentes nos inquéritos do tipo D2.

4.4.2.1.1 Tipo de oração

Essa variável é considerada uma das mais importantes para a compreensão do fenômeno e foi selecionada por Santana e Nascimento (2011), Souza e Lucchesi (2004), Soares (2009), Alkmim (2001), Goldnadel *et al.* (2013) e Nascimento (2014). Acreditamos que o contexto de orações *absolutas* favoreça o uso das negativas duplas, enquanto as *coordenadas* e *subordinadas* favoreçam as negativas pós-verbais e negativas pré-verbais, respectivamente. Trabalharemos com os seguintes fatores:

- Absoluta

Para esse fator, levamos em consideração o que nos diz Bechara (2009, p. 461): entendido por um período composto por apenas uma oração, conforme vemos na ilustração 07:

(07) sou não cara... (Inq. 15)

- Coordenadas

As orações coordenadas “estão ligadas por conectores chamados conjunções coordenativas, que marcam o tipo de relação semântica que o falante manifesta entre os conteúdos de pensamento”. (BECHARA, 2009, p.477). Vejamos a ilustração 08:

(08) [...] até eu falei sobre o R. eu vi o R. lá tem espaço bonito mas não tem qualidade de dança... [...] (Inq. 35)

- Subordinada

Ainda nos baseando no que diz Bechara (2009, p.462), as orações subordinadas “são uma oração independente do ponto de vista sintático, que sozinha, constitui um texto e pode passar a uma camada inferior de outra oração formando uma nova unidade”, conforme vemos em 09:

(09) [...] pior aqueles que não têm nada que chama uma pessoa pra trabalhAR hoje comigo vamos rapaz trabalhar mais eu? [...] (Inq. 37)

4.4.2.1.2 Estrutura do verbo

Para analisar a estrutura do verbo nas construções negativas, consideramos os seguintes fatores:

-Simples

(10) [...] não era um problema de família [...] (Inq. 04)

Como o nome já sugere, levaremos em conta, nesse fator, os dados que apresentarem apenas um verbo.

-Perífrase Verbal

Fonseca (2010) afirma que a perífrase verbal pode surgir da seguinte ideia de que novas estruturas oracionais estão surgindo, porém, as antigas não são descartadas, o que acontece na perífrase verbal em que dois ou mais verbos podem coexistir formando estruturas sintáticas novas, conforme vemos em 11:

(11) [...] eu não quero ser homem pra bater [...] (Inq. 04)

Alkmim (2001) testou em sua pesquisa essa variável que se mostrou bastante importante na análise. Segundo a autora, “a importância do tipo de verbo, se um só verbo ou mais de um, na análise da construção negativa reside no fato de esse fator ter sido utilizado como diagnóstico da ordem das categorias da sentença” (ALKMIM, 2001, p. 114). No PB, a maioria das estruturas negativas conservadoras não se apresenta com dois verbos, e sim apenas com um só.

Para essa variável, nossas expectativas são que os verbos *simples* favoreçam o uso da variante conservadora pré-verbal e a *perífrase verbal* ocorra, predominantemente, nas variantes inovadoras negativas duplas e negativas pós-verbais.

4.4.2.1.3 Tipo de verbo

Santana e Nascimento (2011) utilizaram a variável tipo de verbo em seus estudos. A escolha dessa variável se deu por acreditarmos que os verbos que exprimem *ação/movimento/processo/evento* favorecem o uso das duplas negativas, já os verbos *cognitivos* e *estativos* oferecem contexto para as negativas pré-verbais e

pós-verbais, respectivamente. Escolhemos os três fatores a seguir, por serem os mais utilizados nas pesquisas variacionistas. Para as definições, levaremos em conta o que conceitua Loregian-Penkal (2004).

- verbos do tipo ação/movimento/processo/evento: verbos que indicam qualquer tipo de ação.

(12) [...] eu não vou dançar hoje [...] (Inq. 49, grifos nossos)

-verbo cognitivo: verbos de atividade mental.

(13) [...] porque não sabe onde colocou... [...] (Inq. 50)

-verbo estativo: verbos que indicam o estado de um ser.

(14) eu não quero você andando com ele (Inq. 51)

4.4.2.1.4 *Tempo verbal*

Nunes (2014) e Santana e Nascimento (2011) adotaram essa variável por acharem que ela fosse relevante no uso das variantes inovadoras. Para Santana e Nascimento (2011), o tempo presente foi o mais determinante para o uso das negações pré-verbais. Confiamos que o tempo *passado* será o mais favorecedor para as negativas duplas e o tempo *presente* para as negativas pré- e pós- verbais. Salientamos que o tempo verbal, ao qual nos referimos, é o gramatical. Levaremos em consideração os seguintes fatores:

- presente

(15) cursinho não tem feriado dia santo não tem aula acho que só no SÁbado domingo à noite mais... durante o dia de manhã de tarde não falta AUla pra ele. (Inq. 71, grifos nossos)

- passado

(16) ai eu não terminei meu curso de cinema e animação [...] (Inq. 72, grifos nossos)

- futuro

(17) minha prima já da família do meu pai tatuada aí eu já achei que/ que num existia mais o preconceito mas ainda existe na sociedade ainda existe essa besteira de preconceito eu já fiz porque eu sei que futuramente não vai mais existir preconceito né? e como tá de promoção né? (Inq. 74, grifos nossos)

4.4.2.1.5 Tipo de sujeito

Na pesquisa de Alkmim (2001), foram considerados os fatores supressão e retenção do sujeito. Por acreditarmos que encontraríamos dados em que o sujeito não existisse, acrescentamos esse fator juntamente com os da autora, diferenciando-os apenas na nomenclatura. Assim como o grupo tipo de oração, decidimos levar em consideração o que nos conceitua Bechara (2009).

- Explícito: quando é possível identificar o sujeito no dado, conforme vemos em 18:

(18) isso nós não vamos resolver (Inq. 04)

- Implícito: não aparece explicitamente na fala do informante como em 19:

(19) tem folga no almoço não? (Inq. 14)

-Inexistente: também pode ser chamado de oração sem sujeito e corresponde a verbos que exprimem fenômenos da natureza, verbo haver no sentido de existir e verbo fazer indicando clima ou tempo. Vejamos a ilustração 20:

(20) não choveu aqui não (Inq. 118)

No estudo de Alkmim (2001), encontramos os seguintes resultados: o fator retenção de sujeito oferece contexto favorável ao uso das negativas duplas, enquanto a negativa pré-verbal é mais recorrente na supressão de sujeito. Diante do que explanamos, resta-nos esperar que as negativas duplas ocorram em dados em que o sujeito é *explícito*, ao passo que as negativas pós-verbais e pré-verbais se realizam em contexto *implícito*.

4.4.2.1.6 Tipo de frase

Reimann e Yacovenco (2013) e Souza e Lucchesi (2004) levaram em consideração a variável tipo de frase em seus trabalhos. Para esse grupo de fatores, esperamos que o contexto das *respostas às perguntas* favoreça o uso de negativas duplas e pós-verbais. Para as negativas pré-verbais, hipotetizamos que se apresentam no *encadeamento do discurso*. Dividimos o grupo da seguinte maneira:

- Resposta (sim/não)

(21) Inf 1- e a (D.) tá ficando com quem?

(22) Inf 2 – D. eu não se::i ah tá ficando com... com o J. (mora na) () (Inq. 118)

- Pergunta

(23) quer dizer que essa punição não foi d'agora?... foi antes (Inq. 154)

-Apresenta-se no encadeamento do discurso

(24) [...] e é porque ele sabe se ele não soubesse [...] (Inq. 35)

4.4.2.1.7 Outros termos negativos (*nada, ninguém, nenhum, nem, nunca, nem nada*)

O grupo outros termos negativos também foi controlado na pesquisa de Rocha (2013) e os resultados mostraram que a *ausência* de outro termo negativo como *nada, ninguém, nenhum, nem nunca e nem nada* oferece contexto favorecedor para o uso das negativas duplas.

- Ausência

(25) no final de semana não vou não (Inq.114)

- Presença

(26) não teria passado de jeito nenhum (Inq. 114)

Acreditamos, diferentemente do autor, por meio da escuta de inquéritos da nossa amostra que a *presença* desses outros termos negativos favorece o uso das negativas duplas, independente da função sintática que eles exercem. Já a *ausência*

favorece o uso das negativas pré e pós-verbais. Por mais que essas estruturas não sejam o foco de nosso trabalho, achamos pertinente controlar esse fator por acreditarmos que eles acontecem significativamente em estruturas negativas.

Apresentadas as variáveis linguísticas que controlamos em nossa pesquisa, trataremos das variáveis extralinguísticas escolhidas para serem testadas.

4.5.2.2 Variáveis extralinguísticas ou externas

Como foi visto no quadro teórico, a sociolinguística mostra que aspectos internos e externos da língua se correlacionam. O indivíduo dá fortes indícios de seu lugar social (LONDOÑO; IDÁRRAGA, 2004, p.1) e o contexto ao qual ele se insere será fonte de respostas para questionamentos linguísticos. A seguir, veremos quais as variáveis extralinguísticas foram selecionadas para nosso trabalho.

4.5.2.2.1 *Escolaridade*

A escolaridade do falante é muito importante para a compreensão de determinados fenômenos linguísticos. Frequentar ou não escolas e/ou universidades gera influência significativa no comportamento linguístico do falante. Por exemplo, aquele considerado analfabeto terá sua fala avaliada socialmente como desprestigiada, enquanto aquele que teve acesso à escola ou até mesmo o nível superior será visto como o detentor da norma culta, tornando-o, conseqüentemente, um falante prestigiado. Acerca disso, Votre (2010, p.51) discorre que:

A observação do dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face a tendências de mudança em curso nessas comunidades. [...] Compreende-se, nesse contexto, a influência da variável nível de escolarização, ou de escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança.

Devido a sua grande influência, muito dificilmente o pesquisador sociolinguista irá desconsiderar a escolaridade em seu trabalho, o que a faz ser uma

variável quase unânime entre trabalhos dessa área, já que tanto ela pode promover como ser determinante para a resistência de uma mudança linguística.

O autor ainda expõe que ter o domínio maior ou menor do registro culto da língua sofre influência de muitas variáveis, por exemplo, o compartilhamento de experiências, a consciência do grau de prestígio atribuído a cada participante do processo interativo e o esforço de cada interlocutor em dar conta das tarefas comunicativas. Essas três são apenas as que se destacam entre tantas outras que acabam por interferir na variável escolaridade.

Em relação ao fenômeno em tela, Nunes (2014), Avelar, Silva e Almeida (2013), Soares (2009) e Alkimim (2001) foram os autores que controlaram o efeito da escolaridade sobre o fenômeno analisado. Consideraremos três fatores para essa variável, de acordo com o tempo em que o falante teve acesso à escola, a saber:

- 0 a 4 anos
- 5 a 8 anos
- 9 a 11 anos

A partir disso e da observação dos dados da nossa amostra, esperamos que quanto menor for o grau de escolaridade, maior será o uso de negativas duplas e pós-verbais, enquanto a variante conservadora será utilizada, em sua maioria, por falantes com maior tempo de escolaridade, corroborando com os postulados de Labov (2008 [1972]).

4.5.2.2.2 Faixa Etária

Assim como a escolaridade, a faixa etária vem sendo amplamente testada em pesquisas de cunho variacionista. A hipótese central que cerca esse fator diz que há uma grande tendência de que falantes mais jovens usem a variante inovadora e dos mais velhos empregarem a variante conservadora. Diante disso, vemos que a faixa etária do falante pode ser determinante em alguns fenômenos, pois ela pode oferecer contexto para casos de variação estável ou mudança em tempo aparente. Dessa forma, Monteiro (2000) assevera que:

O problema central é que a variação linguística detectada em função da idade do falante pode ou não denunciar a ocorrência de um fenômeno de mudança. [...] É possível realizar um estudo da mudança mediante a observação do comportamento linguístico de falantes em diversas faixas etárias. [...] Uma análise em tempo real esclarecerá se realmente se trata de uma mudança linguística ou se o fenômeno consiste numa variação própria da gradação etária (*age grading*). Raciocinemos: se os falantes modificam um hábito linguístico durante suas vidas, mas a comunidade como um todo não modifica o padrão, é claro que não se trata de mudança linguística. (MONTEIRO, 2000, p.76-77).

Freitag (2005) atribuiu à variável faixa etária grande complexidade, visto que ela está associada a aspectos sociais, tais como redes de relações sociais, mercado de trabalho e escolaridade. É preciso ter cautela, ao controlar esse grupo, pois nem todo início de mudança linguística poderá ser atribuído à faixa etária do falante, pois as mudanças refletidas na fala podem ser atribuídas a aspectos históricos, mas também a mudanças do próprio indivíduo. Diante dos posicionamentos aqui expostos, achamos pertinente considerar essa variável em nossa pesquisa.

Entre os trabalhos que controlaram essa variável e nos quais ela se mostrou significativa, temos Nunes (2014), Reimann e Yacovenco (2012), Souza e Lecchesi (2004) e Alkmim (2001). Os fatores testados neste trabalho foram:

- 15 a 25 anos (jovens)
- 26 a 49 anos (adultos)
- 50 ou mais (mais velhos)

Diante das leituras realizadas e da escuta dos inquiridos, acreditamos que as negativas duplas e pós-verbais acontecem, significativamente, em falantes mais jovens, enquanto as negativas pré-verbais ocorrem mais em falantes adultos e mais velhos.

4.5.2.2.3 Sexo

Eis que nos deparamos com uma das variáveis mais polêmicas das pesquisas sociolinguísticas: o sexo que pode ser considerado social ou biológico. Social por ser uma decisão da própria pessoa em afirmar-se homem ou mulher e biológico por nascer homem ou mulher, do ponto de vista físico. Para a nossa pesquisa, consideraremos o ponto de vista biológico por ser o mais comum entre os

estudos variacionais que trabalham com banco de dados. O fato de o homem falar de maneira distinta da mulher é uma questão que há muito tempo a literatura disponível discute. Cheshire (2008, p.1) afirma que, com o desenvolvimento do pensamento feminista, houve também um acompanhamento das discussões que envolvem sexo e linguagem.

Em um mundo contemporâneo, onde algumas mulheres, apesar de todos os avanços, ainda continuam socialmente inferiores ao homem, seria de causar espanto se essas diferenças não afetassem o plano linguístico. Coulthard (1991, p. 74) afirma que:

[...] há muitas diferenças de linguagem de estilo interativo entre as mulheres e os homens. Muitas dessas diferenças são diretamente relacionadas com “poder” e, [...] os homens, em situações ameaçadoras, com frequência adotam muitas das características do estilo feminino. Algumas linguistas femininas propõem que, ao mudar a linguagem, se pode mudar o *status* inferior das mulheres. No entanto, [...], o uso da linguagem é meramente um reflexo de relações sociais. Somente quando houver igualdade social, mulheres e homens serão capazes de usar um mesmo estilo interativo. (COULTHARD, 1991, p.74).

Dentro da própria sociedade, há uma valoração dos falares feminino e masculino. Como vimos na citação, as diferenças passam para o plano da linguagem, porque a sociedade faz distinção entre homens e mulheres.

Retornando ao fenômeno em destaque, os autores que controlaram essa variável foram Nunes (2014), Nascimento (2014), Reimann e Yacovenco (2012), Seixas, Alkmim e Chaves (2012), Soares (2009) e Souza e Lucchesi (2004). Na maioria dos estudos citados, os resultados foram ao encontro do que postulou Labov (1991), ao dizer que as *mulheres*, por terem maior polidez na fala, usam com mais recorrência as variantes conservadoras.

4.5 LEVANTAMENTO DE DADOS E CODIFICAÇÃO DE FATORES

Para realizarmos o levantamento de dados, inicialmente lemos as transcrições, ao mesmo tempo que fazíamos a audição de cada uma delas, a fim de selecionar apenas os inquéritos em que as negativas sentenciais apareciam com um número mais significativo. Isso também nos permitiu conferir se, de fato, as

transcrições estavam de acordo com os áudios que escutávamos, visto que é possível o transcritor se equivocar nessa atividade, principalmente, em relação ao nosso fenômeno, pois transcrever *num* ao invés de *não* ou inverso seria comum, mas prejudicial à nossa análise.

Após a audição e correção de todas as transcrições, o próximo passo foi a coleta de dados. Todas as falas que apresentavam as negativas sentenciais, foram agrupadas em um documento do *Word*.

Após o levantamento de dados, passamos para o passo seguinte, a codificação de fatores. Partindo do que encontramos em Guy e Zilles (2007), atribuímos a cada variante da variável dependente e independente um código que poderia ser número, símbolo ou letra que estivesse disponível em nosso computador, para evitar a repetição em um mesmo grupo para que, posteriormente, esses dados fossem submetidos ao *software* Goldvarb X.

4.6 A ANÁLISE ESTATÍSTICA

Diante de uma grande quantidade de dados, já que estamos à frente de uma pesquisa quantitativa, o questionamento que surge é: como catalogar esses dados e o que faz com que eles sejam confiáveis? Em razão desses questionamentos, utilizaremos o *software* VARBRUL que é constituído por um pacote de programas estatísticos para ser usado em pesquisas linguísticas. Sobre ele, Guy e Zilles (2007, p.105) afirmam que:

O Varbrul é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística. A análise se chama 'multivariada' porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis dependentes [...] (GUY; ZILLES, 2007, p.105).

Amplamente utilizado pelos pesquisadores variacionistas, utilizaremos a versão mais atualizada do Varbrul, que é o GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONT; SMITH, 2005). Ele nos permitirá entender quais as influências sobre a variável em estudo. De acordo com Guy e Zilles (2007):

A investigação mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável que está sendo tratada como dependente. O resultado da análise inclui, principalmente, medidas dos efeitos das variáveis independentes e, também, outros elementos, como uma medida do nível geral de uso de uma variante dependente e medidas de significância e ajuste [...]. (GUY; ZILLES, 2007, p.105)

Por se tratar de uma ferramenta estatística, o questionamento a ser levantado é como o programa lerá os códigos que foram atribuídos pelo pesquisador e como esses resultados são apresentados para que se possa interpretá-los. A resposta para essa questão está no fato de o programa reconhecer e realizar as combinações que o pesquisador quer, “uma função matemática é usada para combinar os valores dos fatores e a probabilidade de *input*, a fim de produzir os índices esperados de aplicação da regra em cada célula”. (GUY; ZILLES, 2007, p.51). Após o programa realizar rapidamente essas combinações, o pesquisador dispõe dos resultados e parte para a análise.

A versão do *software* utilizada aqui não realiza rodadas que forneçam pesos relativos dos fatores e nem realiza a seleção das variáveis, quando o pesquisador trabalha com mais de duas variantes, como é o nosso caso. Por isso decidimos analisar as variantes, duas a duas, realizando, assim, as seguintes rodadas binárias: negativa dupla *versus* negativa pré-verbal; negativa dupla *versus* negativa pré-verbal somente entre informantes do sexo feminino; negativa pós-verbal *versus* negativa pré-verbal; negativa pós-verbal *versus* negativa dupla; negativa pós-verbal *versus* negativa dupla entre informantes do sexo masculino; negativa pós-verbal *versus* negativa dupla somente entre informantes mais escolarizados e, por último, cruzamento entre as variáveis sexo e escolaridade.

O primeiro passo dado na análise foi verificar se havia algum erro de codificação nos dados submetidos ao programa, pois, caso houvesse algum, ele precisaria ser corrigido para não prejudicar a análise. Após a identificação e correção desses erros, o programa criou um arquivo de células e mostrou as porcentagens obtidas para todos os fatores de cada variável. A partir disso, verificamos se houve algum *nocaut*, o que “corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p.158), visto que o programa não roda os dados com *nocautes*. Guy e Zilles (2007, p.159) orientam que observemos

se esses *nocautes* são de poucos ou muitos dados e, só a partir disso, devemos decidir se eles deverão ser incluídos ou não nas próximas rodadas.

Como nossos dados não apresentaram *nocautes*, partimos para o próximo passo que foi a verificação do melhor *step-up*, que é “o melhor conjunto de resultados” (GUY; ZILLES, 2007, p.164) da rodada. Os autores também explicam que o *input*, a significância e o teste da verossimilhança (*log likelihood*) também são valores fornecidos e considerados importantes nas rodadas. O primeiro “representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p.238). O segundo indica que quanto mais baixo (0,05 ou 0,01) maior a confiança de que esse dado é verdadeiro, ou seja, não foi um dado camuflado pelos percentuais (SCHERRE; NARO, 2010). O terceiro mede a qualidade da aproximação entre o modelo e os dados observados (GUY; ZILLES, 2007, p.164).

Salientamos que interpretar os dados fornecidos pelo programa não é tarefa fácil, pois não dependemos apenas das estatísticas fornecidas, mas também de todas as teorias de que nos servimos para a composição da pesquisa. Dentre alguns dados que o programa mostra, temos os percentuais e os pesos relativos. Os primeiros “nos dão as frequências de ocorrência das variantes nos contextos examinados” (GUY; ZILLES, 2007, p.211) e não levam em conta, ao mesmo tempo, a distribuição dos dados em relação a outros grupos de fatores; já os segundos, calculam os efeitos dos fatores de cada grupo em relação ao nível geral de ocorrência das variantes, realizando uma análise multivariada. Esse efeito pode ser calculado da seguinte maneira: o ponto neutro é considerado 0.50, o que significa dizer que aquele fator não favorece nem desfavorece a regra de aplicação²⁴. Abaixo desse número, o fator é considerado desfavorável e acima é favorecedor em relação à aplicação da regra analisada. Assim, não se pode considerar apenas os percentuais, visto que eles até podem apresentar resultados que se assemelham aos pesos relativos, porém não nas mesmas proporções, o que configuraria em uma análise irreal do fenômeno.

Nossos resultados foram dispostos em quadros, tabelas e gráficos para melhor visualização com intuito de chegar ao passo final, que é a análise linguística. No próximo capítulo, apresentaremos os resultados que obtivemos das nossas rodadas, bem como a comparação com alguns dados encontrados em alguns trabalhos expostos no nosso primeiro capítulo.

²⁴ A regra de aplicação é quando ocorre determinada variante sob a influência de uma determinada variável. Ao pedir a regra de aplicação, o GoldVarb X “apresenta a ordem das variantes (variável dependente) na ordem em que aparecem no arquivo de dados” (OLIVEIRA, 2014).

5 AS NEGATIVAS SENTENCIAIS NO FALAR POPULAR DE FORTALEZA/CE: ANÁLISE DOS DADOS

Com base em percentuais e dados numéricos, este capítulo apresenta a atuação dos fatores selecionados pelo programa *Goldvarb X* sobre as variantes escolhidas nesta pesquisa. Neste capítulo, também, retomaremos, sempre que possível e necessário, os trabalhos variacionistas citados no segundo capítulo desta dissertação, com o intuito de entender o fenômeno a partir de uma visão panorâmica, comparando os resultados obtidos em cada um com os resultados que encontramos no nosso estudo, contribuindo para a descrição mais detalhada do fenômeno no PB.

5.1 VISÃO GERAL DO FENÔMENO

Na primeira análise realizada, o *Goldvarb X* computou um total de 2350 sentenças negativas, como pode ser visto na tabela 1:

Tabela 1- Distribuição das sentenças negativas na nossa amostra do NORPOFOR

CONSTRUÇÕES	Nº	%
[Não V]	1625	69,8
[Não V Não]	512	21,8
[V Não]	213	9,1
TOTAL	2.350	100

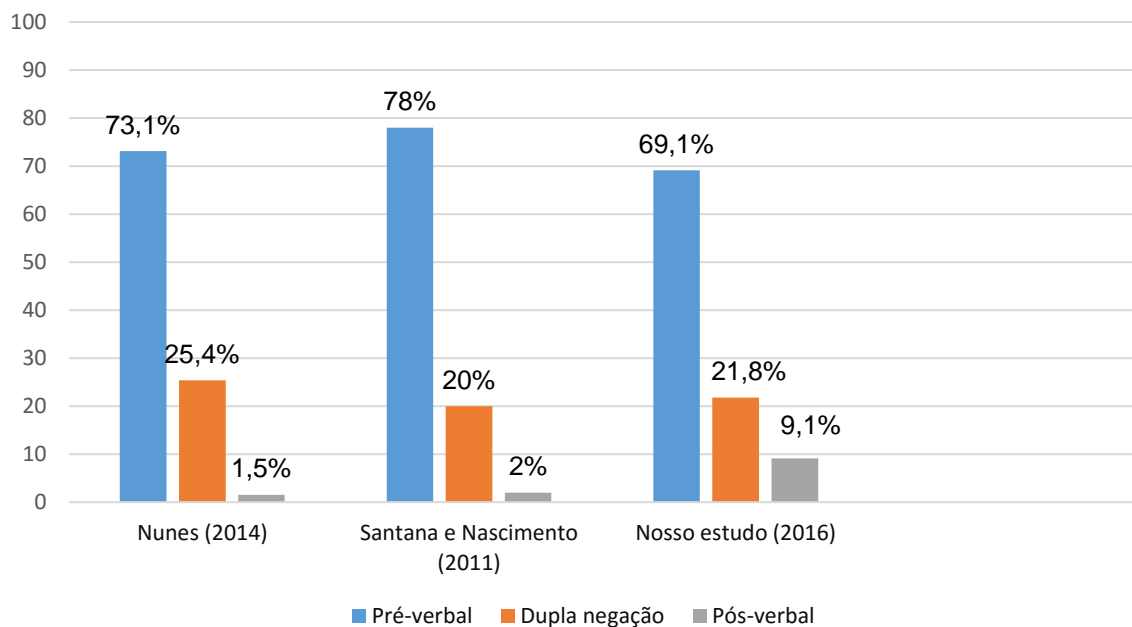
Fonte: elaborada pela autora

Nosso objetivo, nessa rodada inicial, foi observar como se apresentaram as três variantes analisadas neste trabalho em relação à frequência de uso de cada uma. Acreditamos que as porcentagens apresentadas pelo programa já nos dariam um norte de qual variante estaria se sobressaindo em relação às demais.

Para essa primeira rodada, realizada com as três variantes, já obtivemos resultados interessantes em nossa análise: a) a variante conservadora negativa pré-verbal é bastante frequente em relação às outras construções (69,8%); b) a

porcentagem da negativa dupla pode ser considerada expressiva (21,8%); c) a realização da estrutura negativa pós-verbal foi mínima (9,1%). Com base nos estudos variacionistas apresentados no segundo capítulo, escolhemos um da região Sudeste e outro da região Nordeste para compararmos os resultados obtidos nestes trabalhos com os nossos. Da região Nordeste, escolhemos o estudo de Santana e Nascimento (2011), desenvolvido em Matinha/BA e, para o Sudeste, o estudo de Nunes (2014), realizado no Rio de Janeiro²⁵. O gráfico 1 nos mostra os resultados obtidos nos três estudos:

Gráfico 1: Comparação das frequências das construções negativas em três estudos



Fonte: elaborado pela autora

Podemos observar, de acordo com o gráfico 1, que os resultados obtidos em nosso trabalho corroboraram com os de Nunes (2014) e Santana e Nascimento (2011). Nesses estudos, a variante conservadora *pré-verbal* foi escolhida como valor de aplicação da regra para essa rodada inicial. Nota-se que, a partir dos percentuais apresentados, apesar de terem sido obtidos em *corpus* com conversas informais, em que o informante se encontra com baixo monitoramento da fala, ainda constatamos o alto número da variante canônica.

²⁵ Escolhemos esses trabalhos por ser os que mais se aproximam do envelope de variação composto por nós.

Em relação às *negativas duplas*, constatamos que sua ocorrência é praticamente igual nos estudos que escolhemos para compararmos com o nosso. Quanto à variante inovadora *pós-verbal*, notamos um baixo índice de ocorrência, o que pode ser um indicador de que o fenômeno encontra forte resistência para ser enquadrado nos casos de mudança linguística. Baseados nessas três pesquisas, podemos entender também o motivo pelo qual a maioria dos trabalhos analisados tenha optado por não controlar a variável espaço geográfico, pois, geralmente, os resultados se assemelham independentemente da região a qual pertencem.

A hipótese inicial do nosso trabalho foi a de que a variante conservadora *negativa pré-verbal* teria dado espaço para as variantes inovadoras *negativas duplas* e *negativas pós-verbais* e, a partir dos dados que acabamos de apresentar, notamos que, ao contrário do que pensávamos, as negativas pré-verbais aparecem em significativa quantidade superior às demais (69,8%), enquanto as negativas duplas (21,8%) surgem logo em seguida e as negativas pós-verbais (9,1%) aparecem com uma quantidade mínima de dados. Já podemos afirmar que a comunidade de fala analisada se mostrou conservadora em relação às construções negativas. Vimos também que, em nossa amostra, as variantes coexistem e são utilizadas pelos falantes de acordo com suas necessidades nas situações de comunicação.

Para refinarmos nossa análise, fizemos várias rodadas²⁶, objetivando o estudo mais detalhado da variável dependente. As análises realizadas foram:

- Negativa dupla *versus* negativa pré-verbal;
- Negativa dupla *versus* negativa pré-verbal somente entre informantes do sexo feminino;
- Negativa pós-verbal *versus* negativa pré-verbal;
- Negativa pós-verbal *versus* negativa dupla;
- Negativa pós-verbal *versus* negativa dupla entre informantes do sexo masculino;
- Negativa pós-verbal *versus* negativa dupla somente entre informantes mais escolarizados;
- Cruzamento entre sexo e faixa etária sobre as negativas pós-verbais.

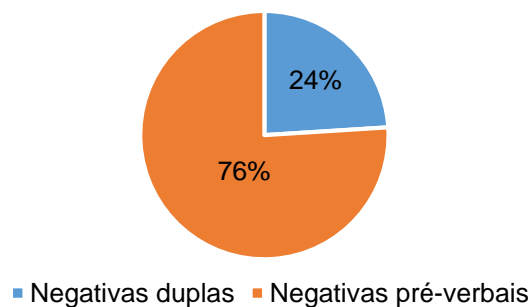
²⁶ Para cada análise, elaboramos tabelas que apresentam o grupo de fatores analisado, a quantidade de ocorrências da variante analisada, o total de vezes que as duas variantes foram realizadas nessa rodada (Aplic./Total), os percentuais e os pesos relativos (P.R.). Destacamos que os fatores que apresentavam até 15 ocorrências terão cada um destes dados citados no trabalho.

A rodada que apresentamos a seguir foi realizada com o intuito de analisar o comportamento das duas variantes que ocorreram em maior número: negativa dupla x negativa pré-verbal. Vejamos isso a seguir.

5.2 ANÁLISE DA *NEGATIVA DUPLA* x *NEGATIVA PRÉ-VERBAL*

Ao realizarmos a rodada inicial *negativas duplas* x *negativas pré-verbais*, o programa contabilizou 2137 dados, estando assim distribuídos: 24% negativas duplas (512/2137) e 76% negativas pré-verbais (1625/2137), como mostra o gráfico 2:

Gráfico 2- Percentuais obtidos para as variantes negativas duplas e as negativas pré-verbais



Fonte: elaborado pela autora

Não obtivemos nocautes e o programa revelou que o melhor *step up* foi o 39, (*Input* 0.230, *Log Likelihood*= - 1138.916 e *Significance*= 0.034). Dos 10 grupos de fatores controlados neste estudo, cinco foram selecionados pelo programa. Foram eles, por ordem de relevância: tipo de oração, sexo, tipo de verbo, outros termos negativos e tipo de frase. Os grupos excluídos foram cinco: estrutura do verbo, tempo verbal, tipo de sujeito, escolaridade e faixa etária. A seguir, veremos a atuação de cada variável selecionada nesta rodada por ordem de importância.

a) Tipo de oração

Tabela 2- Atuação da variável tipo de oração sobre as negativas duplas x negativas pré-verbais

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Absoluta	267/871	30.7	0.58
Subordinada	215/1064	20.2	0.45
Coordenada	30/202	14.9	0.37

Fonte: elaborada pela autora

Selecionada em primeiro lugar, esta variável diz respeito tanto às orações *absolutas* quanto às *subordinadas* e *coordenadas*. Conforme observamos na tabela 2, as orações *absolutas* (0.58) favorecem o uso das negativas duplas, ao passo que as orações *subordinadas* (0.45) e *coordenadas* (0.37) inibem a sua aplicação.

Alkmim (2001) afirma que é preciso verificar o tipo de oração onde se encontra a construção negativa. A autora questionou até que ponto orações cujo tempo independe da principal, por seu caráter de adjunção, não teriam sido porta de entrada das novas construções negativas no sistema o que seria uma possível explicação para o aparecimento da segunda partícula negativa na estrutura oracional.

Nas pesquisas feitas por Santana e Nascimento (2011), Alkmim (2001), Soares (2009), Souza e Lucchesi (2004) e Nascimento (2014), as orações absolutas também beneficiaram o uso das negativas duplas. Podemos, assim, supor que, por ser uma estrutura sintática mais simples, as orações *absolutas* (não de::ixo não, inq.04) possuem o contexto favorável para a realização das negativas duplas. Já as estruturas das orações *subordinadas* (não foi eu que precisei deles não, inq. 35) e *coordenadas* (*tava* me pedindo pra eu ir pra casa dela porque a N. não fica só não, inq.49), por serem um mais complexas, acabam desfavorecendo o uso dessa estrutura. A partir dos dados encontrados na tabela 2, podemos observar que nossa hipótese foi confirmada, já que acreditávamos que as orações absolutas favoreceriam o uso das negativas duplas.

b) Sexo

Tabela 3- Atuação da variável sexo sobre as negativas duplas x negativas pré-verbais

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Mulher	316/1149	27.5	0.54
Homem	196/988	19.8	0.45

Fonte: elaborada pela autora

A segunda e única variável extralinguística selecionada nessa rodada, foi o grupo de fatores sexo. Os dados dispostos na tabela 3 indicam que as *mulheres* (0.54) são favorecedoras das negativas duplas, ao contrário do que ocorre com os *homens* (0.45).

Os resultados obtidos aqui para esta variável se assemelham aos de trabalhos realizados por Souza e Lucchesi (2004) e Nascimento (2014) que mostram o fator sexo como relevante, apresentando a mulher como aliada da forma inovadora, a negativa dupla. Em contrapartida, os trabalhos de Nunes (2014), Reimann e Yacovenco (2012), Seixas, Alkmim e Chaves (2012) e Soares (2009) indicam que os homens beneficiam o uso das negativas duplas.

Em relação ao sexo, Labov (1990) afirma que existem dois princípios gerais que diferenciam homens e mulheres nas pesquisas sociolinguísticas: o primeiro diz que homens utilizam mais a forma não padrão que as mulheres em uma variação estável. Isso significa dizer que as mulheres se preocupam mais em utilizar a variante conservadora por ser dotada de prestígio social. O segundo princípio gira em torno das mudanças, visto que as mulheres estão mais propensas a serem responsáveis pela implementação da mudança linguística, uma vez que, quando elas possuem consciência social, usam mais a variante de prestígio, já, quando não possuem essa consciência, tendem a utilizar as variantes inovadoras.

A partir do que diz Labov (1990), podemos supor que as mulheres não possuíam essa consciência social e acabaram por utilizar a variante inovadora. Com base nos dados da tabela 3, a nossa hipótese, segundo a qual as mulheres utilizariam mais as variantes conservadoras, é refutada, pois esperávamos que elas fizessem uso maior da negativa padrão do que os homens. Acreditamos que, por não possuírem essa consciência do fenômeno, informantes femininas acabam por utilizarem as

variantes inovadoras e não as conservadoras. É válido ressaltar aqui que nem a negativa dupla nem a pré-verbal são consideradas variantes de prestígio, o que nos leva a elaborar tal suposição.

c) Tipo de verbo

Tabela 4- Atuação da variável tipo de verbo sobre as negativas duplas x negativas pré-verbais

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Ação/movimento/processo/evento	234/844	21	0.55
Cognitivo	40/158	25.3	0.52
Estativo	238/1135	53.1	0.45

Fonte: elaborada pela autora

Terceiro grupo selecionado nessa rodada, o tipo de verbo foi considerado um dos favorecedores *das negativas duplas*. Os resultados para esta variável, como indicam os pesos relativos da tabela 4, apresentam os verbos que possuem uma carga semântico-lexical de *ação/movimento/processo/evento* como maior favorecedor (0.55) da regra, sendo seguido, de perto, pelos verbos *cognitivos* (0.52). Podemos observar também que os verbos *estativos* (0.45) não favorecem as negativas duplas.

Os verbos de carga semântico-lexical de *ação/movimento/processo/evento* também foram favorecedores das negativas duplas, com peso relativo próximo ao nosso (0.58) na pesquisa de Santana e Nascimento (2011), porém, ao contrário do que vemos em nosso trabalho, os verbos *cognitivos* ficaram em terceiro lugar, apresentando peso relativo baixo (0.32).

Para essa análise, confirmamos nossa hipótese de que os verbos de *ação/movimento/processo/evento* são favorecedores do uso das negativas duplas. Por serem verbos em que o sujeito é um agente, ou seja, atividade em que ele realiza as ações, o falante quer deixar clara a negação da sua ação. Para isso, ele se utiliza de uma segunda partícula negativa na sentença, para se sentir não apenas compreendido pelo interlocutor como também reafirmar a negação dita por meio do elemento negativo pré-verbal. Vejamos alguns dados presentes em nossa amostra, com verbos de *ação/movimento/processo/evento*, *cognitivos* e *estativos*, respectivamente:

mas ela não dorme mais não (Inq. 59)
 eu não lembro mais não (Inq. 52)
 eu não so::ou mais esposa dele não (Inq.60)

d) Outros termos negativos (nada, ninguém, nenhum, nem, nunca, nem nada)

Tabela 5- Atuação da variável outros termos negativos (nada, ninguém, nenhum, nem, nunca, nem nada) sobre as negativas duplas x negativas pré-verbais

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Ausência	489/1998	24.5	0.50
Presença	23/139	16.5	0.38

Fonte: elaborada pela autora

A variável outros termos negativos se refere ao uso de palavras e/ou expressões como *nada*, *ninguém*, *nenhum*, *nem*, *nunca*, *nem nada* nas estruturas negativas. Ela foi selecionada pelo programa como a quarta mais favorecedora para o uso das negativas duplas. Conforme revela a tabela 5, a *ausência* (aquele que:: bateu da outra vez não foi não, inq. 49) de termos negativos apresentou peso relativo neutro (0.50), o que nos faz afirmar que ele não favorece nem desfavorece a regra, já a *presença* (eu não passo de jeito nenhum não, inq. 51) de outros termos negativos inibe (0.38) o seu uso.

Os nossos resultados vão ao encontro dos de Rocha (2013), realizado no falar paulistano, uma vez que, nesta pesquisa, o peso relativo favorece o fator *ausência de outros termos negativos* (0.53), embora esteja bem próximo do ponto neutro da regra.

Furtado da Cunha (2001) afirma que o *não* pós-verbal da dupla negativa ganharia reforço, visto que o primeiro *não* desse tipo de estrutura estaria enfraquecido, daí o surgimento da pronúncia *num* em posição pré-verbal nas negativas duplas. Por outro lado, temos a perspectiva de Schwenter (2004) que propõe que esse mesmo *não* pós-verbal não possui função de reforço fonológico, já que as partículas como *nunca* e *ninguém* podem preceder o verbo e não estariam enfraquecidas. Diante dos dados coletados, acreditamos que, nesse caso, o *não* pré-verbal não poderia ser

considerado como reforço visto que essa posição pode ser preenchida pelas partículas *nunca* e *ninguém*, por exemplo.

e) Tipo de frase

Tabela 6- Atuação da variável tipo de frase sobre as negativas duplas x negativas pré-verbais

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Pergunta	36/113	31.9	0.57
Encadeamento do discurso	465/1953	23.8	0.50
Resposta	11/71	15.5	0.33

Fonte: elaborada pela autora

Último grupo de fatores selecionado para essa rodada, o tipo de frase comporta três fatores: *pergunta*, *encadeamento do discurso* e *resposta*. A tabela 6 mostra que as negativas duplas são favorecidas apenas quando o falante profere uma *pergunta* (0.57). O fator *encadeamento do discurso* se revelou neutro (0.50) e o *contexto* de resposta inibe a regra (0.33), com um total de 11 ocorrências, apresentadas a seguir:

- (27) hoje é todo mundo adulto autoridade não tem hoje mais não (Inq.04)
- (28) não deixo não (Inq. 04)
- (29) ela não gostava não (Inq.04)
- (30) esse aí eu não peguei ainda não (Inq. 14)
- (31) eu não tou dando aula lá não (Inq.35)
- (32) não é estribado não é porque eu tava liso (Inq. 35)
- (33) ai eu não assisti não (Inq. 49)
- (34) não vai não... (Inq.50)
- (35) hoje quem chega a entrar no bombeiro não tem mais esse quadro de especialista não (Inq.127)
- (36) eu não tenho vergonha não (Inq.139)
- (37) mas até agora não pintou nada não (Inq. 157)

Diferentemente do nosso trabalho, as pesquisas de Reimann e Yacovenco (2013) e Souza e Lucchesi (2004) realizadas, respectivamente, em Vitória/ES e Helvécia/BA, respectivamente, mostram resultados inversos aos nossos. Eles revelaram que o contexto aliado para as duplas negativas foi a *resposta*,

diferentemente da pergunta, com pesos relativos 0.74 e 0.69 em Vitória e Helvécia, nessa ordem.

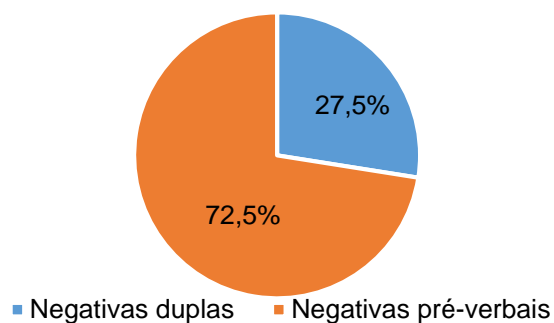
Os dados também refutam nossa hipótese de que o contexto das *respostas* favorecia o uso das negativas duplas, sendo que esse fator foi, curiosamente, o que teve menos dados. Uma possível explicação para esse resultado seria o fato de os falantes, contrariando o que pensávamos, serem mais breves em suas respostas, ao utilizarem apenas um marcador negativo e não acharem necessária a utilização das negativas duplas. Construções negativas como: *não sei* ou *não quero* foram comuns no *corpus* investigado, e mostrou que as respostas às perguntas são utilizadas de maneira enxuta, breve.

Por se tratar de um trabalho sociolinguístico, refinaremos nossa análise com o único fator social que apareceu nessa rodada: o sexo. Assim, a próxima rodada foi realizada entre negativa dupla x negativa pré-verbal somente entre informantes do sexo feminino, visto que elas surgem como aliadas da variante inovadora.

5.3 ANÁLISE DA NEGATIVA DUPLA x NEGATIVA PRÉ-VERBAL SOMENTE ENTRE INFORMANTES DO SEXO FEMININO

Submetemos mais uma vez os nossos dados ao GoldVarb X e obtivemos 1149 dados, assim distribuídos: negativas duplas com 27,5% (316/1149) e negativas pré-verbais 72,5% (833/1149), como indica o gráfico 3:

Gráfico 3- Percentuais obtidos para a negativa dupla e a negativa pré-verbal somente entre informantes do sexo feminino



Sem a ocorrência de *nocautes*, o Goldvarb X apresentou o *step up* 20 como o melhor da análise, (*Input*= 0.264, *Log likelihood*= -648.962 e *Significance*= 0.028). Dos 10 grupos de fatores controlados, três foram selecionados para esta rodada: tipo de oração, outros termos negativos e tipo de verbo. Os grupos não selecionados foram: estrutura do verbo, tempo verbal, tipo de sujeito, tipo de frase, escolaridade e faixa etária. Vejamos o que cada grupo de fator nos revela nessa análise.

a) Tipo de oração

Tabela 7- Atuação da variável tipo de oração sobre as negativas duplas x negativas pré-verbais somente entre informantes do sexo feminino

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Absoluta	190/519	36.6	0.61
Coordenada	18/89	20.2	0.41
Subordinada	108/541	20	0.40

Fonte: elaborada pela autora

A primeira variável selecionada foi o tipo de oração que se refere às *absolutas*, *coordenadas* e *subordinadas*. De acordo com os pesos relativos apresentados na tabela 7, as orações *absolutas* surgem como o fator que mais influencia positivamente o uso das negativas duplas, (0.61), ao passo que, as orações *coordenadas* (0.41) e *subordinadas* (0.40) inibem o uso da regra.

Observamos que, considerando apenas as mulheres, o fator oração *absoluta* desta variável que favorece a dupla negativa é semelhante ao da rodada realizada com homens e mulheres. À efeito de recordação, temos, na análise anterior, peso relativo 0.58 e, na análise atual, 0.61, o que nos indica que esse peso atual revela um favorecimento mais expressivo nesta análise exclusiva para mulheres.

Assim, para as mulheres, as orações *absolutas* são as que mais favorecem o uso das negativas duplas. Vejamos algumas ilustrações de orações *absolutas*, *coordenadas* e *subordinadas*, respetivamente, presentes em nossa amostra:

eu não vou tentar não (Inq.51)

quando somos jovens não entendemos não (Inq. 60)

eu não entendo o que ele quer falar não (Inq. 71)

b) Outros termos negativos

Tabela 8- Atuação da variável outros termos negativos (nada, ninguém, nenhum, nem, nunca, nem nada) sobre as negativas duplas x negativas pré-verbais somente entre informantes do sexo feminino

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Ausência	304/1073	93.4	0.51
Presença	12/76	16.5	0.31

Fonte: elaborada pela autora

A segunda variável selecionada foi outros termos negativos, cujos pesos relativos mostram, na tabela 8, que a *ausência* desses termos atua, discretamente, como aliada na aplicação das duplas negativas (0.51) entre mulheres, enquanto a *presença* desses outros termos desfavorece o uso das negativas duplas entre mulheres (0.31) com um baixo número de ocorrências que mostraremos a seguir:

- (38) não adianta mais nada não (Inq.04)
- (39) eu não passo de jeito nenhum não (Inq. 51)
- (40) olha quando eu tiver conversando com uma pessoa você não passe nem no meio não (Inq.60)
- (41) tu não vai contar nada não? (Inq. 101)
- (42) não tem nada não mulher (Inq. 101)
- (43) ali tu não paga nada não né? (Inq. 101)
- (44) e o M. não falou nada não? (Inq. 114)
- (45) ela não comentou nada não (Inq. 114)
- (46) pois lá no Marista não falaram nada não (Inq. 114)
- (47) não vi nenhum não (Inq.118)
- (48) nunca fui não do babado (Inq. 122)

Apesar de o peso relativo ser levemente favorecedor (0.51), ele está bem próximo do ponto neutro. Na análise realizada com homens e mulheres, vemos que o peso relativo deste fator está, exatamente, no ponto neutro (0.50), assim como os

pesos da presença se assemelham nas duas rodadas: 0.38 na análise feita com homens e mulheres e 0.31 para a exclusiva com mulheres.

Diante do exposto acima, o fator *ausência* de termos negativos se mostra, levemente, favorecedor do uso das negativas duplas para informantes apenas do sexo feminino.

c) Tipo de verbo

Tabela 9- Atuação da variável tipo de verbo sobre as negativas duplas x negativas pré-verbais somente entre informantes do sexo feminino

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Ação/movimento/processo/evento	146/467	31.3	0.55
Cognitivo	27/103	26.2	0.50
Estativo	143/579	24.7	0.45

Fonte: elaborada pela autora

Terceira e última variável selecionada para esta rodada, o tipo de verbo, mostra, na tabela 9, que os verbos de *ação/movimento/processo/evento* (ela não vai pra sua casa não, inq.04) são os que beneficiam o uso das negativas duplas (0.55). Vemos também que os verbos *cognitivos* (você não pensa não criatura, inq.60) se comportam de forma neutra (0.50) na aplicação da regra, já os *estativos* (ela hoje não mora mais lá não, inq.71) desfavorecem a regra (0.45).

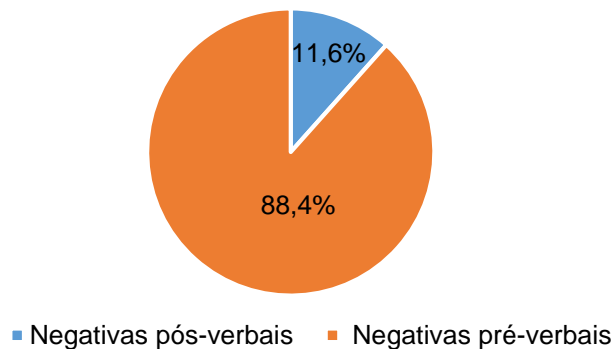
Em relação à rodada realizada com homens e mulheres, tivemos pesos relativos semelhantes: verbos de *ação/movimento/processo/evento* (0.55), verbos *cognitivos* (0.52) e verbos *estativos* (0.45). Percebemos que, na rodada anterior, os verbos cognitivos eram favoráveis ao uso das negativas duplas, já para a rodada atual, vemos que esse tipo de verbo se encontra exatamente no ponto neutro, o que nos leva a crer que os homens são os que mais utilizam as negativas duplas com verbos cognitivos.

5.4 ANÁLISE DA NEGATIVA PÓS-VERBAL x NEGATIVA PRÉ-VERBAL

Depois de observarmos a atuação das negativas duplas em relação às negativas pré-verbais, nessa segunda rodada, decidimos analisar o comportamento

da nossa outra variante inovadora face à conservadora, para vermos em que se assemelha e se diferencia em relação às negativas duplas. Na nova análise, foram encontrados 1838 dados, distribuídos da seguinte maneira: 11,6% de negativas pós-verbais (213/1838) e 88,4% de negativas pré-verbais (1625/1838). Vejamos o gráfico 4:

Gráfico 4- Percentuais obtidos para a negativa pós-verbal e a negativa pré-verbal



Fonte: elaborado pela autora

Na análise que tomou as negativas pós-verbais como fator de aplicação, o Goldvarb X selecionou como melhor o *step up 30* (*Input*= 0.105, *Log likelihood*=-631.196 e *Significance*= 0.008). O programa apontou, como fatores relevantes, quatro variáveis, a saber: tipo de sujeito, tipo de frase, estrutura do verbo e tipo de verbo. Seis das dez variáveis não foram selecionadas: tipo de oração, estrutura do verbo, tempo verbal, outros termos negativos, escolaridade, faixa etária e sexo. Para essa rodada, a primeira observação que fazemos é que, nela, foram relevantes apenas fatores linguísticos, visto que nenhum fator social foi selecionado. Vejamos, a seguir, cada grupo de fatores conforme a ordem de relevância.

a) Tipo de sujeito

Tabela 10- Atuação da variável tipo de sujeito sobre as negativas pós-verbais x negativas pré-verbais

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Inexistente	19/74	25.7	0.74
Implícito	99/666	14.9	0.59
Explícito	95/1098	8.7	0.42

Fonte: elaborada pela autora

Primeira variável selecionada pelo programa, o tipo de sujeito apresenta dois fatores favorecedores do uso das negativas pós-verbais: contextos de sujeito *inexistente* (“chove não aqui nessa cidade”, inq.04) e *implícito* (“posso pensar não?”, inq.72), apresentando peso relativo 0.71 e 0.59, respectivamente. Já os dados com sujeito *explícito* (Inf.:eu conheço ele não, inq.114) apresentam peso relativo 0.42, revelando o seu desfavorecimento à regra.

Alkmim (2001), ao controlar essa variável, observou que a retenção do sujeito, o que equivale para nós como sujeito *explícito*, desfavorece (0.25) o uso das negativas pós-verbais. Já, para a *supressão* do sujeito, a autora observou que esse fator beneficia (0.70) a regra. Em relação ao fator que privilegia e o que inibe, nossa análise corrobora com a autora.

Roncarati (1996, p.102-103) argumenta que a maioria das ocorrências em que não há a presença do sujeito ocorre em negativas pós-verbais devido ao “status de construção elíptica” da variante. Para a autora, essa construção elíptica seria aquela que “obedece a uma restrição de referência que a vincula a tópicos previamente introduzidos ou a informações ativadas no foco de consciência do interlocutor”. Assim, as orações negativas ocorrem com o intuito de eliminarem qualquer informação redundante, no caso, uma outra partícula *não* na sentença.

b) Tipo de frase

Tabela 11- Atuação da variável tipo de frase sobre as negativas pós-verbais x negativas pré-verbais

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Pergunta	22/99	22.2	0.69
Resposta	12/72	16.7	0.60
Encadeamento do discurso	179/1667	10.7	0.48

Fonte: elaborada pela autora

A segunda variável selecionada pelo programa foi o tipo de frase. Os pesos relativos da tabela informam que a *pergunta* é a maior favorecedora das negativas pós-verbais (0.69), sendo seguida de perto pelo contexto de *resposta* que também favorece o uso das negativas pós-verbais (0.60). Já o fator *encadeamento do discurso*

não privilegia o uso da regra (0.48). De acordo com a tabela 11, notamos que foram poucos os dados do contexto das respostas. Vejamos cada um a seguir:

- (49) eu acho que vamos ficar juntos mais não (Inq. 04)
- (50) você tem que ir não (Inq. 14)
- (51) eu tava no culto não (Inq. 14)
- (52) sei não (Inq. 49)
- (53) é não... é um por pessoa... (Inq. 49)
- (54) vou não... tá incompleto (Inq. 50)
- (55) tá não N. ... (Inq. 50)
- (56) discutir assim não... (Inq.51)
- (57) tem não porque menina é mais com o pai (Inq. 51)
- (58) é não é que faz duas semanas (Inq.51)
- (59) é não... você pode sim (Inq.52)
- (60) vai querer não (Inq. 114)

Roncarati (1996, p. 100) afirma que o “ato de negar torna-se, em termos pressuposicionais, mais marcado do que o de afirmar”, por isso, ao se fazer uma pergunta, o falante opta, inconscientemente em deixar clara a marca negativa apenas no final e não no início ou meio. Sentenças como “*tu vai não?*” e “*foi não?*” ilustram nossa suposição do operador negativo *não* como marcador final na fala.

c) Estrutura do verbo

Tabela 12- Atuação da variável estrutura do verbo sobre as negativas pós-verbais x negativas pré-verbais

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Simple	197/1595	12.4	0.52
Perífrase verbal	16/243	6.6	0.34

Fonte: elaborada pela autora

Terceira variável selecionada nessa rodada, a estrutura do verbo mostra que, conforme os dados da tabela 12, no contexto dos verbos *simple*, há um leve favorecimento no uso das negativas pós-verbais (0.52), embora o peso relativo encontre-se bem próximo ao ponto neutro. Já a *perífrase verbal* se apresenta como inibidora na aplicação da regra (0.34).

Mais uma vez, levamos em consideração o que diz Roncarati (1996) sobre as negativas pós-verbais que são estruturas despachadas, econômicas que evitam o uso de informações redundantes, por isso estão mais propensas a ocorrerem em frases em que o verbo vem sozinho e não acompanhado de outra partícula verbal.

d) Tipo de verbo

Tabela 13- Atuação da variável tipo de verbo sobre as negativas pós-verbais x negativas pré-verbais

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Ação/movimento/ processo/evento	96/706	13.6	0.57
Cognitivo	14/132	10.6	0.47
Estativo	103/1000	10.3	0.45

Fonte: elaborada pela autora

A atuação do tipo de verbo também foi considerada importante nessa rodada, sendo a última variável selecionada para esta análise. Os números expressos na tabela 13 indicam que os verbos do tipo *ação/movimento/processo/evento* são os que oferecem favorecem o uso das negativas pós-verbais (0.57). Já os verbos *cognitivos* (0.47) e *estativos* (0.45) se mostraram desfavorecedores da regra. A seguir, apresentamos as poucas ocorrências dos verbos *cognitivos* presentes em nossa amostra:

- (61) sei não (Inq. 49)
- (62) tu se lembra dela não? (Inq. 49)
- (63) sei quem é não (Inq. 49)
- (64) conheço a barraca dela não (Inq. 49)
- (65) eu sei não mulher (Inq. 50)
- (66) o pé de azeitona lembra não? (Inq. 94)
- (67) quando pensou não hein? (Inq. 94)
- (68) se lembra não daquele tempo? (Inq. 94)
- (69) se preocupe não que já vamos sair (Inq. 101)
- (70) fica perto de onde eu sei não (Inq. 114)
- (71) conheço não e eu sei que é longe (Inq. 122)
- (72) eu conheço não (Inq. 122)
- (73) pra ele me chamar pra fazer a redação sabe não (Inq. 122)
- (74) ela compreende não (Inq. 125)

Em relação a outros trabalhos que controlaram essa variável, destacamos o de Santana e Nascimento (2011), porém, ao analisarem negativas pós-verbais x negativas pré-verbais, o programa não selecionou fatores por conta do baixo número de ocorrência de negativas pós-verbais.

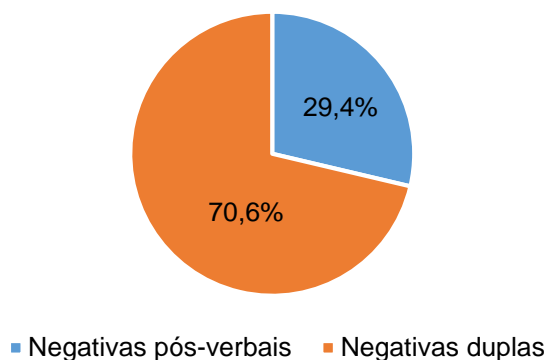
Pode-se observar que, nessa rodada, prevaleceram as variáveis linguísticas sem a presença de nenhum grupo de fatores extralinguístico, fortalecendo a ideia de que o nosso fenômeno é predominantemente marcado por fatores internos à língua.

A seguir, apresentaremos a rodada em que confrontamos as duas variantes inovadoras. Vamos observar se o fenômeno continuará sendo condicionado por fatores linguísticos.

5.5 ANÁLISE DA NEGATIVA PÓS-VERBAL x NEGATIVA DUPLA

Após submetermos os dados ao GoldVarb X, encontramos 725 dados para a análise em questão, 29,4% pertencendo às negativas pós-verbais (213/725) e 70,6% pertencendo às negativas duplas (512/725). Observemos o gráfico 5:

Gráfico 5- Percentuais obtidos para a negativa pós-verbal e a negativa dupla



Fonte: elaborado pela autora

O melhor *step up* selecionado foi o de número 47 (*Input* 0.273, *Log likelihood*=-403.704 e *Significance*= 0.021). Das 10 variáveis controladas nesse estudo, sete foram selecionadas com relevantes para a realização das negativas pós-

verbais, a saber, por ordem de hierarquia: tipo de sujeito, tipo de oração, outros termos negativos, tipo de frase, sexo, escolaridade e estrutura do verbo. As variáveis não selecionadas, nesta análise, foram tempo verbal, tipo de verbo e faixa etária.

Com análises predominantemente determinadas por fatores linguísticos, temos, então, o surgimento, nessa rodada específica, de duas variáveis sociais: a escolaridade, que apareceu pela primeira vez e o sexo que já tem se mostrado como relevante na primeira rodada. Vejamos o que as tabelas que seguem revelam sobre essa rodada.

a) Tipo de sujeito

Tabela 14- Atuação da variável tipo de sujeito sobre as negativas pós-verbais x negativas duplas

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Inexistente	19/49	38.8	0.65
Implícito	99/263	37.6	0.61
Explícito	213/725	29.4	0.41

Fonte: elaborada pela autora

Primeira variável selecionada pelo programa, o tipo de sujeito mostra que os contextos de sujeito *inexistente* (0.65) e *implícito* (0.61) são aliados na aplicação da regra, já o sujeito *explícito*, mais uma vez, aparece como inibidor do uso das negativas pós-verbais (0.41).

Para essa variável, acertamos ao esperar que o sujeito *explícito* ocorreria, em sua maioria, nas sentenças com negativas duplas pelo fato de o falante, além de preencher com o segundo *não* na sentença, preenche também o sujeito. Observemos algumas ilustrações presentes na nossa amostra com sujeitos *explícitos*, *inexistentes* e *implícitos*, respectivamente:

ela tinha potencial pra ter ganho não (Inq. 118)

havia muita gente não, mulher (Inq. 122)

vi não senhora (Inq. 125)

b) Tipo de oração

Tabela 15- Atuação da variável tipo de oração sobre as negativas pós-verbais x negativas duplas

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Subordinada	119/334	46.1	0.59
Coordenada	15/45	33.3	0.55
Absoluta	79/346	22.8	0.40

Fonte: elaborada pela autora

O tipo de oração, segunda variável selecionada pelo programa, comporta três fatores: *subordinada*, *coordenada* e *absoluta*. Dois desses fatores se mostram favorecedores no uso das negativas pós-verbais: as orações *subordinadas* (0.59) e orações *coordenadas* (0.55). Já as orações *absolutas* (0.40) não se mostram favorecedoras da aplicação na regra. Segundo a tabela 15, os dados de orações coordenadas foram apenas 15 e são listadas a seguir:

- (75) aguardando vaga para ir de manhã e quando chega lá tem não (Inq.04)
- (76) ele diz não e ele só diz assim (Inq. 14)
- (77) o outro pegou e também falou não (Inq. 35)
- (78) aí o l. pegou e disse não macho... (Inq. 35)
- (79) tá não porque tá na Itália (Inq. 49)
- (80) sou igual a M. não nem sou igual meu pai (Inq. 50)
- (81) vou não pois tá incompleto (Inq. 50)
- (82) eu queria mesmo assim sabe impregnar nela e tal que eu queria não porque eu quero (Inq.72)
- (83) desenhar na roupa e o cara cortar não... (Inq. 72)
- (84) ele comprou uma coisa e tu vai pagar com a outra não? (Inq. 101)
- (85) ou ele vai ou ele vai não (Inq. 141)
- (86) vamo embora porque aqui fico não (Inq. 141)
- (87) hoje pode não mas amanhã pode (Inq. 141)
- (88) pra mim da mas pra ele dá não (Inq. 152)
- (89) aqui tenho não mas lá em casa tenho (Inq. 152)

Conforme vemos na tabela 15, os dados mostram que nossa hipótese não se confirmou, visto que acreditávamos que as negativas pós-verbais acontecessem em contexto de orações coordenadas. Sintaticamente falando, as orações subordinadas possuem estruturas mais complexas do que as absolutas e

coordenadas, o que faz com que o falante use a estrutura pós-verbal por ser a que melhor se encaixa nessa estrutura frasal.

c) Outros termos negativos

Tabela 16- Atuação da variável outros termos negativos sobre as negativas pós-verbais x negativas duplas

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Presença	19/42	45.2	0.70
Ausência	194/683	28.4	0.48

Fonte: elaborada pela autora

A terceira variável selecionada foi outros termos negativos, cujos dados são expressos na tabela 16. Constatamos que a *presença* (“ela sabe de nada não”, inq. 155) desses termos privilegia as negativas pós-verbais de uma maneira bastante expressiva (0.70). Já a *ausência* (“foi não::o esse é teu ordenado é porque eu acho que veio a mais”, inq.129) desses termos inibe o uso da regra (0.48).

Alkmim (2001,p.144) supõe que existe uma concordância negativa, em que a partícula *não* ocorrendo juntamente com outro termo negativo entra em concordância formando, assim, uma única sentença de negação. Sentenças como “*tem nada não*” ou “*tem coisa nenhuma não*” foram comuns na amostra e mostram que os termos grifados, bem como outros termos com o mesmo sentido, possuem papel sintático semelhante à partícula *não* e mostram a efetivação da concordância a que Alkmim se refere.

d) Tipo de frase

Tabela 17- Atuação da variável tipo de frase sobre as negativas pós-verbais x negativas duplas

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Resposta	12/23	52.2	0.73
Pergunta	22/58	37.9	0.60
Encadeamento do discurso	179/664	27.8	0.48

Fonte: elaborada pela autora

Outra variável selecionada pelo programa foi o tipo de frase. Observando a tabela 17, vemos que os contextos de *respostas* e *perguntas* são favorecedores ao

uso da regra, apresentando pesos relativos 0.73 e 0.60, respectivamente. Os dados ainda apontam que o *encadeamento do discurso* inibe as negativas pós-verbais. Em relação aos poucos dados encontrados para o fator *respostas*, enumeramos todas as ocorrências que seguem:

- (90) eu acho que vamos ficar juntos não (Inq. 04)
- (91) você tem que saber dizer isso não (Inq. 04)
- (92) eu tava no culto não (Inq. 14)
- (93) sei não (Inq. 49)
- (94) é não... é um por pessoa (Inq. 49)
- (95) vou não... tá incompleto (Inq. 50)
- (96) tá não N... (Inq. 50)
- (97) é não é que faz duas semanas (Inq. 51)
- (98) ele comprou uma coisa e tu vai pagar não (Inq. 101)
- (99) é não senhor é de Pacatuba (Inq. 156)
- (100) vai não (Inq. 160)
- (101) ele é rico não mulher (Inq. 160)

Dados, como 93, 96 e 100 mostram que as respostas às perguntas são curtas, sem a necessidade de muitas explicações e a estrutura negativa que mais se adequa a esse modelo é a negativa pós-verbal.

e) Sexo

Tabela 18- Atuação da variável sexo sobre as negativas pós-verbais x negativas duplas

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Homem	105/301	34.9	0.57
Mulher	108/424	35.5	0.44

Fonte: elaborada pela autora

Primeira variável social a aparecer na rodada, o sexo mostra um resultado diferente do que vimos nas rodadas anteriores. Observamos que os *homens* são favorecedores da regra (0.57), ao passo que as *mulheres* a inibem (0.44), o que mostra que os *homens* podem ser os responsáveis, na comunidade de Fortaleza, pelo uso corrente da negativa pós-verbal.

Diante desses resultados, decidimos refinar mais os resultados, realizando uma outra rodada, apenas com os informantes do sexo masculino, a fim de

verificarmos como se comportam em relação às negativas pós-verbais. Tal análise será apresentada mais adiante.

f) Escolaridade

Tabela 19- Atuação da variável escolaridade sobre as negativas pós-verbais x negativas duplas

FATORES	Aplica./Total	%	P.R.
9 a 11 anos	85/248	34.3	0.58
5 a 8 anos	72/271	26.6	0.48
0 a 4 anos	56/206	27.2	0.41

Fonte: elaborada pela autora

Sexto grupo selecionado, a escolaridade foi a segunda variável social que apareceu nessa rodada, sendo a primeira vez que aparece como fator relevante em nossa pesquisa. Como nos mostra a tabela 19, de *9 a 11 anos* de escolaridade, há favorecimento das negativas pós-verbais (0.58). A escolaridade mais baixa, a de *5 a 8 anos* (0,48) e a de *0 a 4 anos* (0,41), não privilegia o uso da regra.

É válido retomar o que dissemos anteriormente sobre o fenômeno não ser estigmatizado, já que não há uma variante específica que seja valorada como inferior pelos membros da comunidade de fala, portanto, pode ser realizado por pessoas que tiveram ou não acesso à escola sem serem alvos de preconceito linguístico, o que pode justificar o uso da variante inovadora entre informantes mais escolarizados.

g) Estrutura do verbo

Tabela 20- Atuação da variável estrutura de verbo sobre as negativas pós-verbais x negativas duplas

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Simplex	197/642	30.7	0.51
Perífrase Verbal	16/83	19.3	0.35

Fonte: elaborada pela autora

Sétimo e último grupo selecionado para essa rodada, a estrutura de verbo mostra que, em contexto *simplex*, ou seja, em que o verbo é um só, há um favorecimento do uso das negativas pós-verbais, embora esteja bem próximo ao ponto neutro (0.51). Já a *perífrase verbal* não favorece (0.35) a aplicação da regra.

Como dissemos na análise da variável sexo, os homens podem ser os responsáveis pelo crescimento da forma negativa pós-verbal e resolvemos realizar uma rodada apenas para informantes do sexo masculino. Vejamos algumas ocorrências que mostram estruturas dos verbos *simples* e *perífrases verbais*, respectivamente:

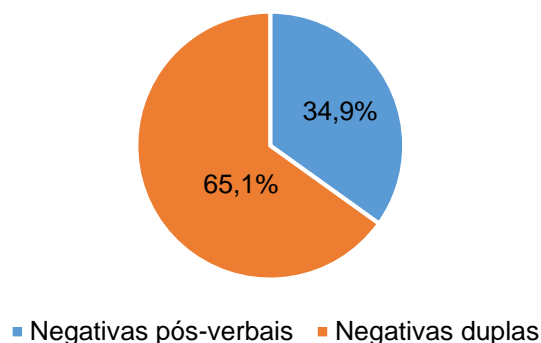
vá embora não rapaz (Inq. 04)

quero terminar com ele não amiga (Inq. 160)

5.6 ANÁLISE DA *NEGATIVA PÓS-VERBAL* x *NEGATIVA DUPLA* SOMENTE ENTRE INFORMANTES DO SEXO MASCULINO

Nessa próxima rodada, feita apenas com informantes do sexo masculino, o programa computou 301 dados, sendo 34,9% de negativas pós-verbais (105/301) e 65,1% de negativas duplas (196/301), conforme podemos conferir no gráfico 6 a seguir:

Gráfico 6- Percentuais obtidos para a negativa pós-verbal e a negativa dupla somente entre informantes do sexo masculino



Fonte: elaborado pela autora

O melhor *step up* foi o de número 17 (*Input*= 0.339, *Log likelihood*= -183.957 e *Significance*= 0.006). O tipo de sujeito e escolaridade foram os dois fatores selecionados como relevantes. O tipo de oração, estrutura do verbo, tipo de verbo,

tempo verbal, tipo de frase, outros termos negativos, faixa etária e sexo não foram variáveis selecionadas. A seguir, vejamos o que os resultados nos mostram.

a) Tipo de sujeito

Tabela 21- Atuação da variável tipo de sujeito sobre as negativas pós-verbais x negativa dupla somente entre informantes do sexo masculino

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Implícito	49/110	44.5	0.63
Inexistente	8/16	50	0.57
Explícito	48/175	27.4	0.40

Fonte: elaborada pela autora

Como ilustra a tabela 21, os sujeitos *implícitos* e *inexistentes* são favorecedores na aplicação da regra, com pesos relativos 0.63 e 0.57, respectivamente. Já o sujeito *explícito* não se mostra favorável ao uso das negativas pós-verbais somente entre informantes do sexo masculino. Em relação aos dados dos sujeitos *inexistentes*, vejamos:

- (102) chove não aqui (Inq. 04)
- (103) faz três dias não macho (Inq. 35)
- (104) há muito tempo não fazia tanto calor (Inq. 52)
- (105) é mais de 30 metros não macho (Inq. 71)
- (106) faz três meses que corro não (Inq. 94)
- (107) escureceu não macho fica mais um pouco (Inq. 108)
- (108) há muitos anos ele vem não (Inq. 132)
- (109) houve gritaria não é tudo mentira (Inq. 160)

Comparando com a rodada anterior realizada com homens e mulheres, temos uma inversão já que o sujeito *inexistente* (0.65) e *implícito* (0.61) apareceram, naquela rodada, como favorecedores e o *explícito* (0.41) como desfavorecedor. Vemos que há uma tendência maior entre homens de não explicitarem o sujeito da oração, mas também não deixam o sujeito ficar inexistente.

b) Escolaridade

Tabela 22- Atuação da variável grau de escolaridade sobre as negativas pós-verbais x negativa dupla somente entre informantes do sexo masculino

FATORES	Aplica./Total	%	P.R.
9 a 11 anos	39/81	48.1	0.65
5 a 8 anos	35/108	32.4	0.48
0 a 4 anos	39/81	48.1	0.39

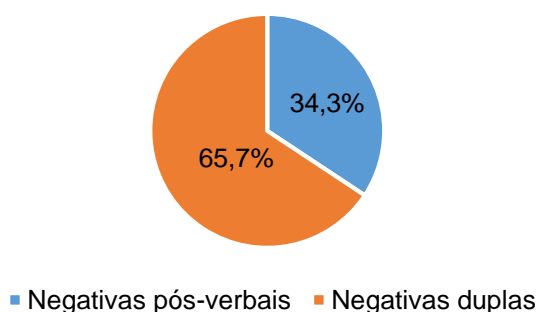
Fonte: elaborada pela autora

Segunda e última variável selecionada na rodada, mais uma vez verificamos que a escolaridade entre *9 a 11 anos* mostrou-se favorecedora no uso das negativas pós-verbais entre homens (0.65). Já entre informantes masculinos que possuem de *5 a 8 anos* e *0 a 4 anos* de escolaridade não há favorecimento do uso das negativas pós-verbais. Acreditamos, mais uma vez, que por se tratar de um fenômeno não estigmatizado socialmente, as pessoas com maior escolaridade utilizam a variante inovadora pós-verbal sem se preocuparem com a avaliação feita.

5.7 ANÁLISE DA *NEGATIVA PÓS-VERBAL* x *NEGATIVA DUPLA* SOMENTE PARA INFORMANTES MAIS ESCOLARIZADOS

Nessa próxima rodada, feita apenas com informantes mais escolarizados, o programa computou 248 dados, assim distribuídos: 34,3% (85/248) para negativas pós-verbais e 65,7% (163/248) para as negativas duplas, conforme podemos conferir no gráfico 7:

Gráfico 7- Percentuais obtidos para a negativa pós-verbal e a negativa dupla somente entre informantes mais escolarizados



Fonte: elaborado pela autora

O programa mostrou como melhor *step up* o de número 26 (*Input*= 0.320, *Log likelihood*= -141.469 e *Significance*= 0.042). Foram selecionadas quatro variáveis nesta rodada, a saber, por ordem de hierarquia: tipo de sujeito, sexo, outros termos negativos e tipo de oração. As variáveis não selecionadas foram as seguintes: tipo de verbo, tempo verbal, tipo de frase e faixa etária.

a) Tipo de sujeito

Tabela 23- Atuação da variável tipo de sujeito sobre as negativas pós-verbais x negativas duplas somente entre informantes mais escolarizados

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Inexistente	14/26	53.8	0.74
Implícito	34/76	44.7	0.63
Explícito	37/146	25.3	0.38

Fonte: elaborada pela autora

Selecionada como primeira variável na rodada, o tipo de sujeito mostra que os contextos *inexistentes* e *implícitos* aparecem como favoráveis ao contexto da aplicação da regra com pesos relativos 0.74 e 0.63, respectivamente. Já como contexto desfavorecedor, mais uma vez, temos o sujeito *explícito* (0.38). Em relação ao contexto *inexistente*, listamos abaixo as poucas ocorrências encontradas:

- (110) choveu não (Inq. 04)
- (111) chove não aqui (Inq. 04)
- (112) faz três dias não macho (Inq. 71)
- (113) é mais de 30 metros não macho (Inq. 71)
- (114) faz três meses que corro não (Inq. 72)
- (115) houve correria não (Inq. 72)
- (116) faz tempo que vejo não (Inq. 111)
- (117) aqui faz sempre essa quintura não (Inq. 111)
- (118) houve muita coisa não (Inq. 122)
- (119) é cedo vou pra casa agora não (Inq. 122)
- (120) fez trinta dias não macho (Inq. 129)
- (121) escureceu não (Inq. 129)
- (122) lá havia coisa boa não (Inq. 157)
- (123) rapaz faz muito tempo não (Inq. 157)

b) Sexo

Tabela 24- Atuação da variável sexo sobre as negativas pós-verbais x negativas duplas somente entre informantes mais escolarizados

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Homem	39/81	48.1	0.66
Mulher	46/167	27.5	0.41

Fonte: elaborada pela autora

Segunda variável selecionada e o único fator social que apareceu nessa rodada, o sexo nos mostra, na tabela 24, que os informantes mais escolarizados do sexo *masculino* são os que mais favorecem a regra, com peso relativo 0.66. Já os informantes do sexo *feminino* e mais escolarizados não tendem ao uso das negativas pós-verbais.

Os dados revelam que, entre os mais escolarizados, os homens permanecem usando as negativas pós-verbais, levando-nos a acreditar que eles sejam os responsáveis, futuramente, pelo processo de mudança linguística.

c) Outros termos negativos

Tabela 25- Atuação da variável outros termos negativos sobre as negativas pós-verbais x negativas duplas somente entre informantes mais escolarizados

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Presença	9/16	56.2	0.77
Ausência	76/232	32.8	0.47

Fonte: elaborada pela autora

Terceira variável selecionada, outros termos negativos, mostra que a *presença* desses termos favorece o uso da regra (0.77). Já a *ausência* desses termos não favorece o uso da regra entre informantes mais escolarizados (0.47). Vejamos abaixo os nove dados que contém a *presença* desses termos negativos:

(124) eu vi falar nada desse advogado não? (Inq. 04)

(125) vendeu nada não (Inq. 71)

(126) assisti nenhuma não (Inq. 122)

(127) eu assisti nenhuma não (Inq. 122)

(128) eu assisti essas novela nenhuma não (Inq. 122)

- (129) tem uma novela aí que eu vou citar nada não (Inq. 122)
 (130) foi nada não? (Inq. 122)
 (131) vi ela passar nunca não (Inq. 129)
 (132) vi nada não (Inq. 157)

É interessante perceber o uso dessas construções em que há a *presença* de outros termos negativos por parte de falantes mais escolarizados, pois o esperado seria que eles utilizassem as construções, tal como elas são, não sendo preciso recorrer a outro tipo de partícula negativa para negar.

d) Tipo de oração

Tabela 26- Atuação da variável tipo de oração sobre as negativas pós-verbais x negativas duplas somente entre informantes mais escolarizados

FATORES	Aplic./Total	%	P.R.
Subordinada	37/86	43	0.61
Coordenada	7/19	36.8	0.56
Absoluta	41/143	28.7	0.42

Fonte: elaborada pela autora

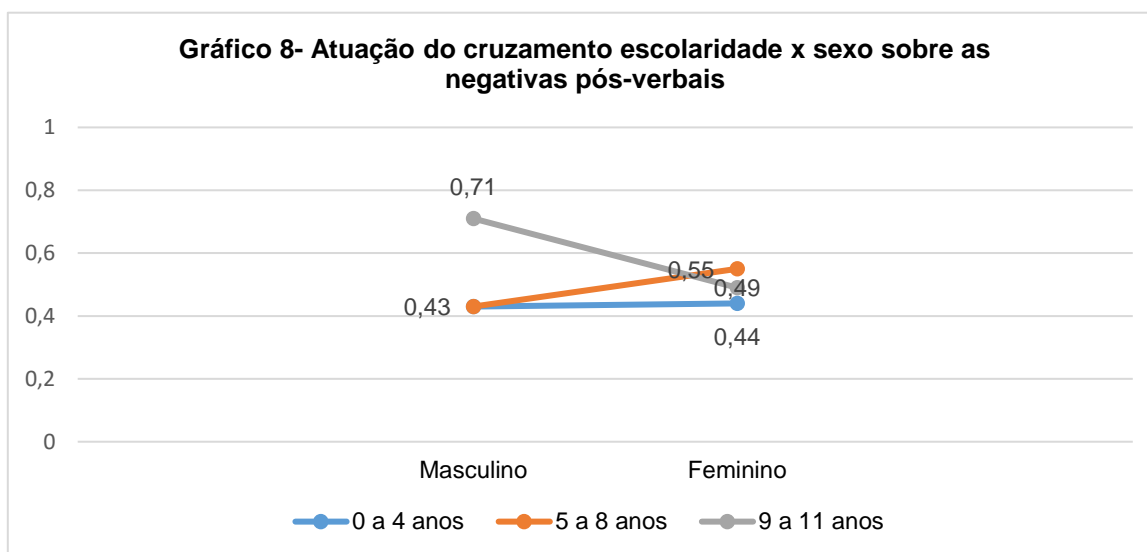
Última variável selecionada, o tipo de oração mostra na tabela 26 que as orações *subordinadas* e *coordenadas* são as que mais favorecem o uso das negativas pós-verbais entre informantes mais escolarizados com pesos relativos 0.61 e 0.56, respectivamente. Já as orações *absolutas* não beneficiam a aplicação da regra (0.42). Apresentamos, a seguir, os 7 dados obtidos para as orações *coordenadas*:

- (133) o outro pegou e também falou não (Inq. 35)
 (134) aí o l. pegou e disse não macho... (Inq. 35)
 (135) tá não porque tá na Itália (Inq. 49)
 (136) vou não porque tá incompleto (Inq. 49)
 (137) desenhar na roupa e o cara cortar não... (Inq. 72)
 (138) ou ele vai ou ele vai não criatura (Inq. 141)
 (139) hoje pode não mas amanhã pode (Inq. 157)

Para termos uma melhor percepção do fenômeno, fizemos o cruzamento das variáveis sociais que se mostraram mais relevantes nessa rodada: escolaridade e sexo, apresentado na próxima seção.

5.7.1 Atuação do cruzamento escolaridade e sexo

No cruzamento escolaridade x sexo, não foram encontrados *nocautes* e foi selecionado pelo programa estatístico o *step up* 44 (*input* 0.273, *Log likelihood* = - 401.402 e *Significance* = 0.033) como o mais relevante para as negativas pós-verbais. Vejamos os resultados no gráfico 8:



A partir da observação dos dados do gráfico 8, constatamos que os *homens* com 9 a 11 anos de escolaridade (0.71) favorecem significativamente o uso das negativas pós-verbais. Por outro lado, as *mulheres* com 5 a 8 anos de escolaridade (0.55) privilegiam levemente o uso das negativas pós-verbais.

Labov (2008 [1972]) afirmou que havia uma tendência maior entre informantes do sexo feminino em utilizarem as variantes conservadoras, por serem as mais prestigiadas e esse mesmo comportamento foi observado em informantes mais escolarizados. Os dados da tabela 27 comprovam, mais uma vez, que o fenômeno das negativas sentenciais não é estigmatizado na amostra analisada, visto que observamos mulheres e homens escolarizados utilizando a variante inovadora pós-verbal.

Apresentadas as rodadas realizadas, passemos para as considerações finais desta pesquisa que retomarão os objetivos que foram traçados no início deste trabalho e a confirmação ou não das hipóteses levantadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a investigar as negativas sentenciais e teve como objetivo geral descrever e analisar seu uso no português oral popular de Fortaleza. Escolhemos analisar as seguintes construções:

- (NEG1) Negação pré-verbal (NEG + V)
- (NEG2) Negação dupla (NEG + V + NEG)
- (NEG3) Negação pós-verbal (V+NEG)

Com base na perspectiva variacionista, para efeito de descrição e explicação, submetemos os resultados da nossa análise ao programa Goldvarb X, após selecionarmos quais fatores externos e internos deveríamos controlar. Ao todo, realizamos seis análises com base nos dados coletados de 53 informantes, extraídos do *corpus* NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza).

Ao iniciarmos a investigação desse fenômeno, elaboramos cinco hipóteses com o intuito de serem avaliadas ao final deste trabalho. À título de memória, recordemos:

a) Em relação aos fatores linguísticos, os maiores aliados, para a ocorrência da variante conservadora, são: tipo de oração, tipo de frase e tipo de sujeito;

b) Os fatores extralinguísticos condicionadores do uso das variantes inovadoras são os seguintes: grau de escolaridade e faixa etária;

c) A realização das negativas sentenciais no português oral popular de Fortaleza apresenta indícios de um quadro de mudança em progresso, visto que as variantes inovadoras estão ganhando mais espaço em relação à variante conservadora e a mais utilizada entre os falantes é a negativa dupla;

Com base em análises realizadas no tempo aparente, recurso metodológico que observa a variação em um dado momento, podemos afirmar que as variáveis linguísticas estrutura do verbo e tempo verbal são as maiores favorecedoras da variante canônica, quando está competindo com a negativa dupla e o tipo de oração, tempo verbal e outros termos negativos, quando está em concorrência com a negativa pós-verbal. Vemos que nossa hipótese foi confirmada em parte, visto que, das que foram selecionadas, citamos apenas o tipo de oração.

Quanto aos fatores extralinguísticos, constatamos que o sexo foi selecionado como relevante para as negativas duplas em concorrência com a negativa pré-verbal e também para as negativas pós-verbais *versus* as negativas duplas juntamente com a escolaridade, portanto confirmamos parcialmente nossa hipótese.

Em relação às três variantes em estudo, podemos afirmar que estávamos equivocados ao elaborarmos a hipótese de que se configurava como um quadro de mudança em progresso, por acreditarmos que as variantes inovadoras ganhariam mais espaço do que a conservadora e os nossos dados mostraram o inverso. Com base na rodada inicial que revelou os números: 1625 ocorrências de negativas pré-verbais, 512 negativas duplas e 213 negativas pós-verbais, constatamos que a comunidade de fala de Fortaleza/CE se mostrou conservadora em relação a esse fenômeno e que a principal competição acontece entre as variantes inovadoras.

Quanto às variantes inovadoras, acertamos ao hipotetizar que as negativas duplas são as mais utilizadas pelos falantes. Ressaltamos que o número dessas ocorrências não foi maior pelo fato de não analisarmos construções do tipo “*num* vá varrer a casa não” (Inq. 101) em que o primeiro operador de negação passa por essa transição fonológica. Dados como esses, foram encontrados em grande quantidade, porém desviaria o foco inicial do nosso trabalho que foi analisar o uso das três construções escolhidas no mesmo contexto com o mesmo referencial.

Sobre as negativas pós-verbais, acreditávamos que ela acontecia, maciçamente, no contexto de respostas a perguntas, visto que sua estrutura curta e direta oferecia contexto para que os falantes quebrassem as expectativas do interlocutor ao realizar uma pergunta. Quando está em co-ocorrência com a negativa canônica, as perguntas são as maiores favorecedoras do uso das negativas pós-verbais, já quando está concorrendo com as negativas duplas, confirmamos nossa hipótese de que ocorre, significativamente, em respostas.

No que diz respeito às variáveis linguísticas, o tipo de oração, tipo de sujeito e outros termos negativos foram selecionados em quatro análises. Logo em seguida, o tipo de verbo e o tipo de frase, que foram selecionados como relevantes em três rodadas e a estrutura do verbo, selecionada em duas rodadas. O fator tempo verbal não foi considerado pelo programa como relevante na atuação de nenhuma variante e por isso, não foi selecionado em nenhuma rodada.

Das variáveis sociais, o sexo foi selecionado em três rodadas, a escolaridade em duas e a faixa etária não foi selecionada como relevante em nenhuma rodada. Diante disso, concluímos que o fenômeno das negativas sentenciais na comunidade de fala de Fortaleza/CE é motivado, predominantemente, por fatores internos.

Esse trabalho reitera a importância dos estudos acerca das comunidades de fala no Brasil e os diversos fenômenos linguísticos que elas possuem. As negativas sentenciais mostram que são condicionadas, significativamente, por aspectos internos do sistema linguístico e que os dados revelados mostram que o estudo em tempo aparente da comunidade de fala de Fortaleza revelou alguns resultados que não eram esperados no início da composição dessa pesquisa.

Essas considerações expressam a concretização de objetivos, bem como a confirmação ou refutação de hipóteses que foram elaboradas no início dessa investigação. Nesse sentido, acreditamos que o nosso trabalho realizou uma fotografia sociolinguística, incluindo a comunidade de fala de Fortaleza/CE entre os estudos variacionistas que escolheram analisar o fenômeno das negativas sentenciais.

Acreditamos que esse fenômeno revelou significativa complexidade, já que alguns de seus aspectos ainda necessitam de novas investigações no PB. Admitimos também que outras áreas da linguística como Gerativismo, Funcionalismo, Pragmática e Análise do Discurso podem fornecer teorias e hipóteses que contemplam essas questões que ainda se encontram sem resposta.

Vimos também que a atuação das variáveis sociais sobre o fenômeno é mínima e que isso pode ser devido ao fato de termos poucos estudos que se dedicaram a pesquisar, por exemplo, o surgimento das variantes inovadoras e quais, de fato, seriam os prováveis fatores externos que atuariam mais fortemente sobre essas construções.

De maneira geral, portanto, a partir desse estudo sobre as negativas sentenciais, contribuimos para as discussões que envolvem o fenômeno na perspectiva variacionista e acreditamos que essa pesquisa poderá ser retomada em um futuro não só por aqueles que desejam entender mais sobre o fenômeno, mas pelos que, de certa maneira, queiram conhecer mais sobre a própria comunidade de fala e os que desejam aprofundar suas questões a partir do ponto de vista variacionista.

REFERÊNCIAS

- A LÍNGUA PORTUGUESA NO SEMIÁRIDO BAIANO. **Vertentes**. Disponível em: <<http://www.vertentes.ufba.br/associados/feira-de-santana>>. Acesso em: 17 out. 2016.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística - Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001. Cap. 01, p. 23-50.
- ALKMIM, Mônica Guiero Ramalho de. **As negativas sentenciais no dialeto mineiro: uma abordagem variacionista**. 2001. 260 f.- Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.
- ARAÚJO, Aluíza Alves de. **As vogais médias pretônicas no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista**. 2007. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/3597/1/2007_tese_ALAraujo.pdf>. Acesso em: 09 set. 2015.
- ARAÚJO, Ana Maria Matos; CARLEIAL, Adelita Neto. Oplência e miséria nos bairros de Fortaleza (Ceará/Brasil). **Scripta Nova. Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais**. Universidad de Barcelona. v. VII, n. 146, p. 01-16, 2003. Disponível em: www.uece.br/lepop/.../26-opulencia-e-miseria-nos-bairros-de-fortaleza. Acesso em: 04 ago. 2016.
- ARAÚJO, Marden Alyson Matos de. **Será que a gente usa mais o nós?** Uma fotografia sociolinguística do falar popular de Fortaleza. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)- Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Marden%20Alyson%20de%20Ara%C3%BAjo.pdf.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2016.
- AVELAR, Laura Luiza Morais Reis Nunes de; SILVA, Mariana Regina da; ALMEIDA, Thássia Poliana de. As formas de negação com o item *não* no português falado em Santa Luzia: um estudo preliminar. In: AMARAL, Eduardo Tadeu Roque. **O português falado em Minas Gerais**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. Cap. 02, p. 27-36.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. 15. reim. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2009.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.
- _____. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, jan, 2001, p.1-30. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502001000100001> Acesso em: 01 out. 2015.

CAMARGOS, Marcelo. A negativa: uma análise qualitativa. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES. Ouro Preto. **Anais...** Cadernos do CCLA. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, v.5, nº4, p. 35-47, 1988. Disponível em: <periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/download/15149/pdf>. Acesso em: 04 jul. 2015.

CAVALCANTE, Rerisson. **A negação pós-verbal no português brasileiro**: análise descritiva e teórica de dialetos rurais afro-descendentes. 2007. 257 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11404/1/Rerisson%20Cavalcante.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2015.

CHESHIRE, Jenny. Sex and gender in variationist research. In: CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter; SCHILLING-ESTES, Natalie. **The SWX Handbook of Language Variation and Change**. USA, 2008, cap. 17, p. 423-443. Disponível em: <http://webpace.qmul.ac.uk/jlcheshire/sex%20and%20gender.pdf>. Acesso em: 09 set. 2015.

CYSNE, Marcus Rodney Portela. **A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de Fortaleza**. 2016. 103 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)- Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Marcus%20Portela.pdf.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2016.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GORSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de; MAY, Guilherme Henrique. **Para Conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COULTHARD, Malcolm. **Linguagem e sexo**. Tradução de Carmen Rosa Caldas-Colthard. São Paulo: Ática, 1991.

DIOGENES, Beatriz Helena Nogueira. A dinâmica do espaço intra-urbano de fortaleza e a formação de “novas centralidades”. In: XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional-Salvador, ANPUR, 2005. **Anais...** p.1-19. Disponível em: <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/2796/273>. Acesso em: 25 abr. 2016.

DISCURSO & GRAMÁTICA. **Perfil**. Disponível em: <http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/>. Acesso em: 17 out. 2016.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**. Fortaleza, CE: Armazém da Cultura, 2012.

FISCHER, John. **Social influences on the choice of a linguistic variant**. EUA, jan, 1958. Disponível em: <<http://web.stanford.edu/~eckert/PDF/fischer1958.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 16.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Variação e mudança no domínio funcional da negação. **GRAGOATÁ**, Niterói, RJ, v.9, nº9, p.155-170, set/dez. 2000.

_____. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, jan, 2001, p.1-30. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502001000100001> Acesso em: 01 out. 2015.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: uma variável sociolinguística complexa. **Línguas & Letras**, Cascavel, set, 2005, p. 105-121. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/viewFile/875/740>>. Acesso em: 01 out. 2016.

_____. O “social” da sociolinguística: o controle de fatores sociais. **Diadorim**, Rio de Janeiro, fev, 2011, p.43-58. Disponível em: <<http://www.revistadiadorim.letras.ufrj.br/index.php/revistadiadorim/article/view/187>>. Acesso em: 12 maio 2016.

FREITAG, Raquel Meiter Ko; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do Português Brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa**, São Paulo, nov, 2012, p. 917-944. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a09v56n3>>. Acesso: em 28 maio 2016.

FONSECA, Ana Maria Hernandes. A perífrase verbal ir+infinitivo e o futuro do dialeto riopretano: um estudo na interface sociolinguística/gramaticalização. 2010.176f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)- Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José de Rio Preto, 2010. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/99822/fonseca_amh_me_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 jan. 2017.

GESOL. **Projetos**. Disponível em: <<http://pesquisa.fflch.usp.br/node/51>>. Acesso em: 17 out. 2016.

GUIMARÃES, Tatiane de Araújo Almeida Studart. **Tu é doido, macho!**: a variação das formas de tratamento no falar de Fortaleza. 2014. 237 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/DISSERTACAO_TATIANE.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2015.

GUY, Gregory Riordan. A Identidade lingüística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação lingüística. **Organon**, Porto Alegre, set, 2000, p. 18-32. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30194> >. Acesso em: 08 set. 2015.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GOLDNADEL, Marcos; LIMA, Luana Santos de; BREUNING, Gustavo; ESQUIVEL, Natália Alcía; LUZ, Joana Paim. Estratégias alternativas de negação sentencial na região Sul do Brasil: análise da influência de fatores pragmáticos a partir de dados do projeto VARSUL, **Revista Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, jul, 2013, 36-74. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=>>>. Acesso em: 09 abr. 2015.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2011. Cap. 2, p. 53-92.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Informações completas sobre a cidade de Fortaleza**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=230440>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo-SP: Parábola Editorial, [1972], 2008.

_____. **Principles of Linguistic Change**: Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. Where Does the linguistic Variable Stop? A Response to Beatriz Lavandera. **Working Papers in Sociolinguistics**. National Inst. of Education, Washington, 1978, p. 3-33. Disponível em: <<http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED157378.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

_____. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. In: **Language Variation and Change**. University of Pennsylvania, EUA, 1991, p. 205-254. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/S0954394500000338>>. Acesso em: 09 maio 2016.

_____. **The social stratification of English in New York City**. Center for Applied Linguistics, Second edition. Cambridge University Press, [1966], 2006. p. 03-86. Disponível em: <<http://idiom.ucsd.edu/~bakovic/variation/Labov-2006.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2015.

LIMA, Lúcia Chaves de Oliveira; CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Banco Conversacional de Natal: uma amostra da fala espontânea dos natalenses, **Publica IV**, jul, 2008, p. 1-30. Disponível em: <<file:///C:/Users/J%C3%A9ssica%20Co%C3%AAlho/Downloads/91-168-1-PB.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2016.

LONDOÑO, Rafael Areiza. IDÁRRAGA, Luis Enrique. Las variables sociales y su relación com el uso de la lengua. **Revista de Ciências Humanas**, Santa Catarina, jul., 2004, p.49-67. Disponível em:

<<http://revistas.utp.edu.co/index.php/chumanas/article/view/915>>. Acesso em: 09 set. 2015.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, Mudança e Linguagem**: um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico (Language Change Theory: a critical review). **Estudos linguísticos**, São Paulo, mai, 2012, p.793-805. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012_v2_t31.red6_1.pdf>.

LOREGIAN-PENKAL, L. **(Re)análise da Referência de Segunda Pessoa na Fala da Região Sul**. 2004. 260f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/22530>>. Acesso em: 16 jan. 2017

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing Sociolinguistics**. New York: Routledge, 2006. 352 p. Disponível em: <http://home.lu.lv/~pva/Sociolingvistika/0891160_FFF6C_meyerhoff_miriam_introduitr_sociolinguistics.pdf>. Acesso em: 03. set. 2015.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Maria. Cecília; BRAGA, Maria Lúcia. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo,SP: Contexto, 2012. p. 51-57.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, R.J. Ed. Vozes, 2000.

NASCIMENTO, Cristiana Aparecida Reimann do. **A negação no português falado em Vitória/ES**. 2014. 98f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/1465/1/A%20nega%C3%A7%C3%A3o%20no%20portugu%C3%AAs%20falado%20em%20Vit%C3%B3ria-ES.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2015.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria. Cecília; BRAGA, Maria Lúcia. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo,SP: Contexto, 2012. p. 15-26.

_____; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NUNES, Eliziene Sebastiana de Oliveira. A negação no português falado do Rio de Janeiro: um estudo baseado em *corpus*. **Revista eletrônica UFTM**, nº1, Rio de Janeiro, 2014, p.1-19. Disponível em: <<http://www.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/sell/article/view/455>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

NURC. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>>. Acesso em: 17 out. 2016.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. **Introdução ao Goldvarb X**: uso e interpretação. Paraíba, jul, p.1-50. Disponível em: <http://www.alfal2014brasil.com/docs/Material%20Minicurso%2011_arquivo2.pdf>. Acesso em: 17 out. 2016.

PEUL. **História**. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/peul/index.html>>. Acesso em: 17 out. 2016.

PORTVIX. **História**. Disponível em: <<http://portais4.ufes.br/prppg/ext/projetos.php?prog=30001013022P9&cdproj=2133>>. Acesso em: 17 out. 2016.

REIMANN, Cristiana Aparecida; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A dupla negação no português falado em Vitória/ES: traço da identidade linguística Capixaba? **Anais...** Cadernos do I CONEL. Vitória: CONEL, v.5, p.33-37, 2011. Disponível em: [periodicos.ufes.br > Capa > I CONEL > Reimann](http://periodicos.ufes.br/Capa/I%20CONEL/Reimann). Acesso em: 17 out. 2015.

ROCHA, Rafael Stoppa. **A negação dupla do português paulistano**. 2013. 97f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde.../2013_RafaelStoppaRocha_VCorr.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2016.

RODRIGUES, Ana Germana Pontes. **Râmo rê se rai dá certo**: o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar de Fortaleza. 2013. 170 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Anagermanapontesrodrigues>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

RONCARATI, Cláudia. A negação no português falado. In: MACEDO, Alzira Tavares de; RONCARATI, Cláudia. MOLLICA, Maria Cecília. (Orgs.). **Variação e discurso**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1996, p.98-113.

_____. Ciclos aquisitivos da negação. In: RONCARATI, Cláudia. MOLLICA, Maria Cecília (Orgs.) **Variação e aquisição**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 1997, p. 100-115.

_____. **Banco de dados internacionais**. Programa de estudos sobre o uso da língua. Rio de Janeiro: 1996, p. 5-259. Disponível em: <www.lettras.ufrj.br/peul/amostras%20peul/BDI/BDI.DO>. Acesso em: 28 nov. 2015.

SANKOFF, David; TANGLIAMONTE, Sale; SMITH, Eric. **GoldVarb**: a variable rule application for Macintosh. 1990. Department of Linguistic, University of Toronto, 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>> Acesso em: 28 nov. 2015.

SANTANA, Jan Carlos Dias de; NASCIMENTO, Priscila Brasileiro Silva do. A negação no português falado da Matinha/BA: um estudo sociolinguístico. **Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**. Bahia, set, 2011, p 1-7,. Disponível em: <http://www.letramagna.com/art2_xiv.pdf>. Acesso em: 01 maio 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 34ª ed. São Paulo-SP: Cultrix, 2012.

SCHERRE Maria Marta Pereira; NARO, Anthony. Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In.: MOLLICA, Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Ogs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, p. 147-177, 2010.

SCHWEGLER Armin. Word-order changes in predicate negation strategies in romance languages. **Diachronica**. Irvine, nº.1, p. 21-58, 1988.

_____. Forthcoming a. La doble negación dominicana y la génesis del español caribeño. **Linguística 3** (1991) [also forthcoming in *Hispanic Linguistics* 8 (2), 1996], p. 1-15.

SCHWENTER, Scott. The Pragmatics of negations in Brazilian Portuguese. **Revista online Lingua**, The Ohio State University, set. 2004, p.90-106. Disponível em: <https://www.academia.edu/4481119/Pragmatics_of_Negation_in_Brazilian_PortugP_ort> . Acesso em: 03 jul. 2015.

SEIXAS, Vivian Canella; ALKMIM, Mônica Guieiro Ramalho de; CHAVES, Elaine. Construções negativas na fala de moradores da zona rural do município de Piranga, Estado de Minas Gerais: uma análise Variacionista. **Revista Acta Scientiarum. Language and Culture**. Maringá, jul. 2012, p.269-276. Disponível em: <periodicos.uem.br> v. 34, n. 2 (2012) > Seixas>. Acesso em: 01 out. 2015.

SOARES, Viviane dos Ramos. **A negação no contato entre dialetos**. 2009. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/wp-content/uploads/2013/03/viviane-ramos-soares.pdf>>. Acesso em: 03 jul. 2015.

SOUSA, Lílian Teixeira de. Asserção, denegação e foco de verdade. **Recorte**, Três corações, jul, 2013, p.1-14 Disponível em: <<file:///C:/Users/J%C3%A9ssica%20Co%C3%AAlho/Downloads/Dialnet-AssercaoDenegacaoEFocoDeVerdade-4791928.pdf>> Acesso em: 04 jul. 2015.

_____. **Sintaxe e interpretação de negativas sentenciais no Português Brasileiro**. 2012. 272 f. Tese (Doutorado em Linguística) apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000877868>>. Acesso em: 28/04/2016.

SOUZA, Arivaldo Sacramento de; LUCCHESI, Dante. Estruturas de negação em uma comunidade rural Afro-brasileiro- Helvécia-BA. **Revista Científica Semestral do Instituto de Letras**. Salvador, ago, 2004, p.1-7. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKE>>. Acesso em: 01 out. 2015.

SOUZA, Francisco Ferreira de. **Tem chance de haver ainda existir no falar popular?** A variação dos *verbos existenciais* em amostra do NORPOFOR. 2015. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <<http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Francisco%20F.%20de%20Souza.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2015.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

VARSUL. **O projeto**. Disponível em: <<http://www.varsul.org.br/>> Acesso em: 04 set. 2015.

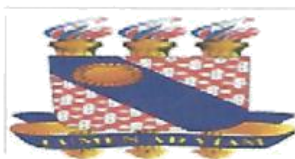
VOTRE, Sebastião Josué. A Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria. Cecília; BRAGA, Maria Lúcia. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de M. Bagno. São Paulo-SP: Parábola Editorial, [1968], 2006.

WIEDEMER, Marcos Luiz. As faces da comunidade de fala. **Linguagens** - Revista de Letras, Artes e Comunicação. Blumenau, jan, 2008, p.21-35. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/viewFile/810/865>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

ANEXO

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
CEARÁ - UECE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: NÃO QUERO NÃO! O USO DAS NEGATIVAS SENTENCIAIS NO FALAR POPULAR FORTALEZENSE

Pesquisador: Jéssica Coêlho Franklin dos Santos

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 56798516.7.0000.5534

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.795.085

Apresentação do Projeto:

Amparados pela Sociolinguística Variacionista defendida pela tríade Labov, Weinreich e Herzog, este estudo aborda, no falar popular de Fortaleza,

um fenômeno bastante recorrente: o uso das negativas sentenciais a saber: NEG1- Negação pré-verbal (NEG + V); NEG2- Negação dupla (NEG + V + NEG) e NEG3 Negação pós-verbal (V+NEG). Esse fenômeno tem sido alvo de estudos por diversos pesquisadores brasileiros por mostrar-se rico e por ter seu surgimento manifestado de diversas maneiras. A escolha desse tema justifica-se, primeiramente, pelo fato de ser um estudo inédito no falar fortalezense. Também, por estarmos descrevendo a língua materna proporcionando aos alunos e professores maior conhecimento de sua diversidade linguística local e também para a contribuição das discussões acerca da Teoria da Variação e Mudança Linguística. O objetivo geral desse trabalho é descrever e analisar o uso das sentenças negativas no português oral de Fortaleza na perspectiva variacionista. Para alcançarmos tal meta, o fenômeno será testado em uma amostra de 53 informantes extraída do projeto Normal Oral do Português Popular de Fortaleza (NORPOFOR). Após a audição dos inquiridos D2 (Diálogo entre dois informantes), os dados serão devidamente catalogados para que possamos

fazer a análise e verificar quais fatores linguísticos e extralinguísticos interferem no uso de uma ou outra variante.

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

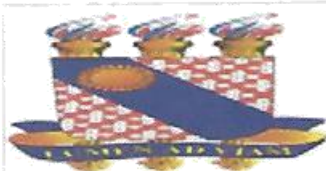
UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: cep@uece.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
CEARÁ - UECE



Continuação do Parecer: 1.795.065

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Descrever e analisar o uso das sentenças negativas no português oral de Fortaleza na perspectiva variacionista.

Objetivo Secundário:

a) Analisar as variáveis linguísticas: realização da palavra fonológica num, tipo de oração, tipo de verbo, tempo verbal, tipo de sujeito, tipo de frase e posição na frase que atuam na ocorrência do fenômeno;

b) Analisar as variáveis sociais, tais como faixa etária, sexo e grau de escolaridade que influenciam as ocorrências das negativas em estudo;

c) Examinar, a partir dos resultados, se a variante conservadora NEG1 perdeu espaço para as variantes inovadoras NEG2 e NEG3 configurando-se como um fenômeno que se encontra em variação estável ou em mudança em progresso na amostra examinada.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A pesquisa não apresenta riscos, uma vez que não faremos contato pessoal com os entrevistados. Nesta parte, serão apenas realizadas transcrições das partes interessas, pronunciadas pelo informante, que apresentem o fenômeno analisado. Além disso, o objeto de nossa análise é a massa de dados estatísticos apresentada pelo programa computacional que será alimentado por codificações resultantes das transcrições fonéticas.

Assim, o programa computacional já recebe os dados codificados. Por isso, não haverá nenhuma exposição de trechos da fala do informante que possam identificá-lo.

Todas as medidas foram tomadas para que nenhum participante corresse o risco de ser identificado.

Benefícios:

O estudo em questão é inédito na comunidade linguística escolhida visto que é um fenômeno bastante comum e característico de Fortaleza. Com isso, acreditamos contribuir para as discussões

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

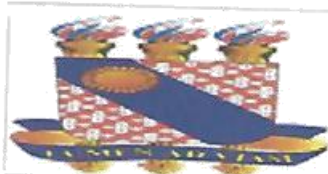
UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: cep@uece.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
CEARÁ - UECE



Continuação do Parecer: 1.795.085

voltadas para a Sociolinguística Variacionista bem como ampliar o leque de estudos de fenômenos linguísticos fortalezense; Também cremos que, por se tratar de um trabalho que descreve a língua materna, os professores poderão apoderar-se dele para levar até suas aulas, proporcionando aos alunos conhecimento da diversidade linguística em que se encontram despertando neles uma consciência sociolinguística; Colaboração com a descrição do português falado no Brasil; Registro e sistematização das "inovações/mudanças" linguísticas; Ampliação do conhecimento do falar cearense.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante e apresenta com clareza seus objetivos e procedimentos metodológicos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Termos adequados

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_665272.pdf	11/09/2016 13:16:13		Aceito
Outros	termofieldepositarario.docx	11/09/2016 13:15:37	Jéssica Coêlho Franklin dos Santos	Aceito
Folha de Rosto	folhaassinadajessica.pdf	07/06/2016 10:19:17	Jéssica Coêlho Franklin dos Santos	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoJessicaatual.docx	18/02/2016 17:01:07	Jéssica Coêlho Franklin dos Santos	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

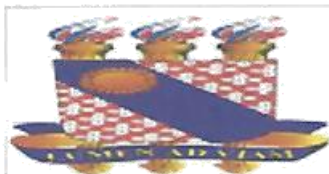
UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: cep@uece.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
CEARÁ - UECE



Continuação do Parecer: 1.795.085

FORTALEZA, 18 de Outubro de 2016

Assinado por:
ISAAC NETO GOES DA SILVA
(Coordenador)

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: cep@uece.br